FRANCISCO, de Santo Luiz

D. VASCO DA GAMA.

OS

PORTUGUEZES

EM

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

OBRA CLASSICA.

VOLUME IV.

LISBOA:
Typographia de Borges, Rua da Oliveira (ao Carmo) N.° 65.

—

1849.

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

CAPITULO I.

ANNOS DE 1522 E 1523.

El-Rei D. João III. succede a seu pai, o inclito Rei D. Manuel. Diogo Lopes de Sequeira entrega o governo da India a D. Duarte de Menezes, e parte para Portugal. Os Portuguezes lanção os primeiros fundamentos da cidade de S. Thomé, a pouca distancia da antiga Melíapór na Costa de Coromandel. Partida de Antonio de Brito para as Ilhas de Maluco; descripção d'estas. Antonio de Brito funda a fortaleza de Ternate nas Molucas, e ajusta artigos de paz e

commercio com a Rainha, que, por seu filho que era menor, governava a Ilha. Viagens de Antonio Tenreiro; o qual sahindo de Ormuz, em companhia de Balthasar Pesssoa, esteve na Persia, passou depois á Armenia, veio á Syria, ao Cairo, á Alexandria, e á Ilha de Chipre; d'onde voltou ao continente e regressou a Ormuz. Faz El-Rei D. João III. doação do Reino de Ormuz, a Mahumede Xaa, filho mais velho de El-Rei Çafadim Abanader, em 19 d'Agosto do anno de 1523. Os Portuguezes tomão a cidade de Xael.

El-Rei D. João III. subio ao throno quando apenas contava desenove annos de idade; achando o paiz mui rico e abundante, e os seus subditos muito contentes com as vantagens, que começavão a adquirir das suas novas descobertas e conquistas.

Neste reinado pois continuaram os gloriosos triumphos dos Portuguezes.

Diogo Lopes de Sequeira, regressou a Portugal, entregando o governo geral da India a D. Duarte de Menezes, e embarcando-se com D. Aleixo de Menezes, outros muitos fidalgos que tinhão finalisado o tempo dos cargos que na India exercião, e alguns que querião hir pedir satisfação de seus serviços; e em Dezembro de mil quinhentos e vinte e um se partiram de Cochim para Portugal, não constando successo algum notavel ácêrca d'esta viagem.

Foi no anno de mil quinhentos e quatorze que os Por-

tuguezes começaram a ter algum commercio na costa do Coromandel; e foi este augmentando progressivamente até que em mil quinhentos e vinte e dois conseguiram estabelecer as principaes bazes para principiarem a construir a cidade de S. Thomé.

Sabendo Antonio de Brito que estavão Castelhanos em Maluco, e que se demoravão na terra, temeu que ganhassem mais força do que tinhão, e requereu então a D. Garcia Henriques da parte d'El-Rei de Portugal, por quanto levava pouca gente para pelejar contra os Castelhanos e os da terra, que fosse com elle, levando a gente que tinha para o coadjuvar. E vendo D. Garcia Henriques que aquillo era serviço d'El-Rei accedeu logo ao pedido, de mui boa vontade, sem lhe lembrar o muito que perdia da sua fazenda em não ficar em Banda, onde Antonio de Brito assentou amizade e trato com os da terra; para memoria do que, mandou levantar alli um pilar de cantaria com as armas reaes, depois de ter resolvido a gente da terra a consentir-lho. Chegando o mez de maio em que havia a monsão favoravel para Maluco, partiram Antonio de Brito e D. Garcia Henriques, com mais uns trezentos homens, em uma armada que constava de oito vellas; e seguindo sua viagem chegaram afinal ás Ilhas de Maluco que distão cem legoas de Banda. As principaes Ilhas chamadas de Maluco são cinco, que dão o *cravo da India* tão estimado em toda a parte; sendo seus nomes os seguintes: *Bachão*, *Maquiem*, *Montel*, *Tydore*, e *Ternate*; estão todas debaixo da equinocial, ficando as de *Ternate* e *Bachão* nos extremos, e as outras trez no meio d'ellas; sendo a de *Ternate* a maior de todas.

Todas estas Ilhas são muito expraiadas nas suas margens; vão depois amontanhando algum tanto até duas legoas pelo sertão dentro; e d'aqui por diante são as serrações tão grandes, as rochas tão altas, e os arvoredos tão vastos e

serrados, que se tornão inhabitaveis. Em todas estas Ilhas ha minas de enxofre; e na de *Ternate* ha um grande vulcão que lança continuamente lavaredas espantosas.

Nas duas legoas de extenção que são habitadas em cada uma das Ilhas ha muito arvoredo bravo, e entre este é que se crião as arvores que dão o *Cravo*, que é mais abundante nas de *Montel* e *Maquiem*. As arvores do *Cravo* são pelo tamanho das nogueiras, e em terem os troncos lisos e a ramagem mui copada se parecem com as larangeiras; mas o feitio das folhas se assemelha ás do loureiro; o *Cravo* nasce formando uma especie de pinhas como a madre-silva, sendo primeiramente de côr verde. Os homens que o apanhão, sobem ás arvores e com umas canas de forquilha o vão colhendo e deitando em cestinhos que para isso trazem á cintura; com cuja apanha se quebrão todos os raminhos e gomos, de modo que no anno seguinte não dão estas arvores fructo, e somente se reformão para o darem no outro anno. Apanhado o *Cravo* o deitão ao sól a corar, onde anda muitos dias até que se torna rôxo, e depois negro como o vemos de o borrifarem com agoa salgada. Ha tambem outras arvores chamadas *çagus* de cujo miolo se faz pão: depois de tirado a deitão em jarras com agoa salgada, e passados alguns dias o seccão ao sól, depois o móem, e da farinha fazem pão semelhante ao de rála em côr e sabor.

Outras arvores ha diversas nestas Ilhas, das quaes umas dão vinho, outras azeite, e outras fructas. Ha grandes canaveaes, que dão canas de bastante grossura, e cheias d'uma agoa mui bella; de modo que, quem vai pelo mato e lhe dá sede, faz um furo n'um canudo, e alli aplica a boca para beber. Ha tambem outras canas, de que os habitantes se servem para nellas acarretar agoa, vinho, e azeite, e mesmo para fazer o comer; dão canudos d'uma grossura espan-

tosa e do comprimento de um covado a covado e meio; levando na sua capacidade umas sete a oito canadas de liquido.

Ha nestas terras muito poucos mantimentos, e esses mesmos quazi todos vão de fóra; resultando isto de seus povos se entregarem exclusivamente á guerra. Porém a terra é alli tão fertil e viçosa, que em cahindo a folha ao arvoredo logo começa a rebentar de novo, sem tempo algum de espera, de modo que nunca as arvores estão sem folhas. As cabras e os porcos, que veem de fóra, parem duas vezes no anno e nunca menos de dous filhos; e d'estes as cabrinhas e leitôas, ainda mamam quando logo emprenhão. É tamanha a fertilidade d'estas terras, que todas as mulheres, alli emprenhão mesmo as que não o tinhão podido n'outros paizes. Existem n'estas Ilhas uns certos bichos a que os naturaes dão o nome de *cuços*, que são semelhantes aos coelhos sendo tambem muito bons para comer, e que teem uma especie de bolças na barriga, onde trazem os filhos quando parem, podendo correr e saltar d'umas para outras arvores sem que elles lhe caião. Teem pescas muito bellas e abudantes; entre ellas a d'uns caranguejos do tamanho das centollas, e com umas bolças semelhantes aos pescoços das lagostas; estes peixes veem do mar ao mato em busca d'uma fructa chamada *Canaria*, que tem casca como as amendoas, e que elles partem com os dentes; são estes peixes mui gordos e gostosos para comer; pescão-nos ao candeio quando á noite sahem para terra, pois que elles vendo a luz ficão quietos, e então os apanhão e os conservão vivos por muito tempo dentro d'uma jarra dando-lhes côcos a comer.

Não obstante haverem nestas Ilhas poucos mantimentos, no entanto, esses mesmos que ha nunca falecem, nem ha nellas fome, porque vai a gente buscar cada dia ao mato o comer de que tem necessidade, vivendo assim como nas idades primitivas.

São todas estas Ilhas muito fortes tanto pela natureza propria como tambem pelo artificio, tendo portos mui difficultosos de se entrar. As povoações achão-se estabelecidas pela fralda do mar nas duas legoas, que já disse pelo sertão, e as mais d'ellas são mui fortes, cercadas de muralhas com fosso adiante e torres de madeira. Somente as paredes das cazas que servem para as mesquitas é que são construidas com pedras, as outras são de terra. Os habitantes são Mouros, modernamente pertencentes á seyta de Mafamede, pois que d'antes erão gentios; são prêtos; teem uma linguagem commum; andão mui bem ataviados; e d'ordinario não são capazes para os trabalhos mechamicos, porém são bastante engenhosos.

São muito valentes e aguerridos, e muito crueis na guerra, onde os pais matam os filhos e vice-versa, e aos inimigos que assassinão, lhes cortão as cabeças, que pendurão ao pescoço pelos cabelos, em signal de bons cavaleiros, e sem isso não são tidos por taes nem ganham honras. Quando teem de tratar algum negocio de circumstancia, ajuntão-se muitos a comer e beber, embebedão-se, e depois de bebados é que assentão no que hão-de fazer, considerando o mais bebado como o mais honrado.

Não possuem navios senão para empregarem na guerra, sendo estes mesmos movidos a remos; os maiores se denominão coras e joangas, sendo tão compridos que levão cento e oitenta remos por banda. Não teem juncos nem outros navios de alto bordo, visto que tambem não ha entre elles outra mercadoria que carregar para fora a não ser o *cravo*, que não levão por lhe faltarem navios para isso; e os da Ilha de Banda o hião lá buscar em seus juncos, comprando-o muito barato a troco de pannos da India para vistuarios, que levavão a Banda os mercadores de Malaca, recebendo em troco a noz, a maça e o cravo.

Os Reis d'estas Ilhas seguem a seyta de Mafamede, segundo a qual, cazam com muitas mulheres, tendo sempre uma como a principal. Todos os fidalgos da Côrte a que chamão alli mandarins, se vestem ao modo malayo, e os bajus são de seda mui rica, com botões de ouro, e pedraria pelas dianteiras e mangas. Trazem argolas nas orelhas, no pescoço colares ou cadêas de ouro, e nos braços uzão de manilhas. As mulheres se vestem tambem por este modo, trazendo nas cabeças sombreiros guarnecidos de ouro e pedraria, e para as festividades levão corôas de ouro; uzão por dó pannos brancos a que chamão fisas, feitos de cascas d'arvores, e nos braços manilhas de rota de Bengala, que são canas mui delgadinhas; rapão quantos cabellos teem no corpo, e untão-se com oleos cheirosos, trazendo sempre lenços atados nas cabeças. Servem-se com um grande estado, posto que tenhão pequenas rendas. E da mesma maneira uzão os senhores seus vassallos, que se denominão Sangages, e bem assim os Regedores: porque cada Rei tem seu Regedor que toma cuidado das cousas do Reino, tanto durante a paz como em tempo de guerra. A gente baixa tem os Reis por tão grandes senhores, que até os julgão divinos, de modo que quando passão por diante d'elles tapão os olhos, e se deitão no chão de bruços, por não ousarem vêr-lhes o rosto; chamão-lhes sol, lua, ou outros nomes de couzas que elles teem por muito importantes, e grandes.

De todos os Reis d'estas Ilhas, sómente o Rei de Ternate era amigo de El-Rei de Portugal; e por isso lhe mandou pedir que mandasse construir uma fortaleza na sua terra, e não quiz travar amizade com os Castelhanos.

Chegando Antonio de Brito a estas Ilhas, no fim de Maio, e sabendo que na de Tydore se achavão os Castelhanos que ficaram ahi com feitoria das duas Náos da armada de Fernão de Magalhães, quiz lá hir antes de entrar em

Ternate, com o fim de tirar d'alli aquella feitoria, que devia fazer grande prejuizo á de El-Rei de Portugal. Dirigindo-se com effeito a Tydore com toda a armada que tinha, apoderou-se dos Castelhanos que já nada tinhão que feitorizar, fazendo-lhes tão bom agasalho como se fossem Portuguezes. Foi depois para a Ilha de Ternate, cujo Rei tinha já falecido; e suspeitava-se alli que fôra El-Rei de Tydore seu sogro que o envenenára em um banquete, por não querer ser amigo dos Castelhanos como elle era. E governava então a Rainha, por um seu filho herdeiro, que não tinha mais de sete annos.

Quando chegou ao conhecimento da Rainha que Antonio de Brito tinha chegado á barra da sua cidade, mandou-lhe immediatamente dar as bôas vindas pelo Regedor do Reino, e ao mesmo tempo dizer-lhe que, posto que El-Rei seu marido tinha falecido, comtudo elle, antes de sua morte, lhe tinha recommendado a ella muito que, se os Portuguezes alli viessem para fazer alguma fortaleza, lhes prestrasse bom agasalho, deixasse que elles a construissem onde quizessem, e lhes desse toda a ajuda de que tivessem necessidade; e que assim o havia de cumprir. Antonio de Brito lhe mandou agradecer muito; e vendo as bellas disposições da Rainha, se determinou, aconselhado mesmo por D. Garcia Henriques e outros Capitães, a mandar construir a fortaleza n'aquella Ilha; começando logo por pedir licença á Rainha para desembarcar, afim de hir examinar e escolher o sitio mais apropriado para a dita construção: a licença lhe foi logo concedida pela Rainha de muito bôa vontade, e ella lhe mandou fazer um pomposo recebimento pelos seus mandarins.

Escolhido por Antonio de Brito o lugar para a fortaleza, principiou por fazer uma muralha para se abrigar com a fazenda que trazia e a artilheria, em quanto se fazia a

fortaleza. Mas antes d'isto assentou com a Rainha e com outros, em nome do Rei da terra, que este consentia em dar um lugar a El-Rei de Portugal junto da sua cidade, para alli estabelecer uma feitoria, com roupas e outras cousas que os Bandanezes para alli trazião, de modo que a terra ficasse sempre abastada das taes mercadorias, e com a condição de que o cravo da India se não vendesse a outros estrangeiros; e de tudo isto se lavraram escripturas que forão assignadas por ambas as partes.

Antonio de Brito, porém, não se fiando muito na Rainha por ser filha do Rei de Tydore, que tinha muita amizade com os Castelhanos, quiz ter da sua parte algum individuo da terra, para que o avizasse quando se desse o caso de a Rainha lhe querer fazer alguma traição; e o encarregado d'isto foi um Cachil de Aroés filho bastardo do Rei que fôra de Ternate, pai do menino que reinava. E concordando elle com Antonio de Brito, que o ajudaria comtanto que trabalhasse para que elle fosse Regedor do Reino; esforçou-se tanto n'isto, Antonio de Brito, que chegou a conseguil-o, posto que contra a vontade da Rainha, e dos que a rodeavão.

D'esde então ficou a Rainha querendo sempre mal a Antonio de Brito, e esperando occasião favoravel para lho poder fazer mal; no que trabalhava secretamente com seu pai El-Rei de Tydore, porque tinha grande magoa de ver Regedor Cachil d'Aroés, que lhe tirava o mando que d'antes tinha; e este individuo, favorecido por Antonio de Brito, queria absolutamente fazer-se senhor do Reino, avizando a Antonio de Brito de tudo o que se passava, e do que devia fazer; de tal modo que, a não ser elle, segundo as guerras que depois fizeram a Antonio de Brito, este nunca teria conseguido a construção da fortaleza, nem se teria podido demorar no paiz.

Depois de Antonio de Brito ter conseguido fazer Regedor de Ternate a Cachil d'Aroés, ter concluido a muralha a que primeiro se dedicou, metido dentro toda a fazenda e artilheria que trazia, e recolhido a sua armada para dentro do porto; foi então que começou a construir a fortaleza em o mez de Junho do anno de mil quinhentos vinte e dous, no dia de S. João Baptista.

Estando presentes El-Rei de Ternate e todos os seus Sangages e mandarins, com muita gente do povo, depois de se ter dito uma missa com a maior solemnidade e reverencia, foram abertos os alicerces e acentadas as suas primeiras pedras no meio d'um grande motim produzido pelo toque das trombetas e o salvar de toda a artilheria. Por esta occasião foi Antonio de Brito muito cuadjuvado por El-Rei de Ternate e El-Rei de Geilolo; posto que com pouco resultado, por isso que a gente d'estas terras não serve para estes trabalhos.

Antes d'este anno, e depois d'elle, já os Portuguezes tinhão descoberto e continuaram a descobrir muitas das Ilhas d'aquelle vastissimo archipelago, posto que ignoramos as datas precisas de muitos dos descobrimentos. Estes porém foram em tanto numero, que já um antigo escriptor Portuguez queria que se lhes désse o nome de « Asia Insular », e que se distribuissem em cinco provincias, a saber « provincia de Maluco, de Amboino, do Moro, dos Papuás, e das Celebes, ou Macassar. » Pelo que não parece de todo original a lembrança dos modernos geografos, que tem feito de todas aquellas terras e mares uma *quinta parte do mundo*, a que dão o nome do *Occeania*, dividindo-a em *Australasia*, *Polinesia*, e *Asia Insular*.

Antes que o Reino d'Ormuz fosse ganho por El-Rei

D. Manuel, pagavão os Reis d'Ormuz pareas ao Xeque Ismael ou Sufi, como agora lhe chamão, depois deixaram de lh'as pagar. E querendo El-Rei D. Manuel saber o que rendia a Alfandega d'Ormuz, poz-lhe officiaes Portuguezes, em tempo que Diego Lopes de Sequeira governava a India. Pelo que o Rei de Ormuz mandou offerecer ao Sufi as pareas que pagava aos Portuguezes comtanto que o ajudasse contra estes; mas quando chegou o soccorro do Sufi, já o Rei de Ormuz era morto, e substituido por um mui concorde com os Portuguezes. Vendo os Capitães do Sufi que hião de balde, vingaram-se em apresionar tudo o que hia para Ormuz; perdendo muito com isto o Rei, nas suas rendas, se escusava ao Governador então da India D. Duarte de Menezes, de não poder pagar as pareas a Portugal. Para remedear isto, mandou o Governador uma Embaixada, por um homem de muito merecimento, chamado Balthasar Pessoa, que partiu da Cidade de Ormuz, levando comsigo um Mouro creado do Sufi, chamado Abidalcalifa; hia por escrivão da Embaixada Vicente Corrêa, e por lingua um tal Antonio de Noronha, que sendo Judêu se tinha feito Christão por sua livre vontade. Hia por sota do Embaixador um João de Gouvêa; e mais uns quinze homens Portuguezes, entre elles Gaspar Milheyro, e Francisco Callado Capellão, &c.

Vendo Antonio Tenreiro, avizar o Embaixador para a partida, determinou hir em sua companhia, tanto pelo desejo que tinha de viajar, como por ser obrigado mesmo a mudar de terra em consequencia d'umas brigas que tinha tido com outro individuo.

Partiram pois de Ormuz para a terra firme, em um Domingo, primeiro de Setembro ás dez horas, em uma gallé Real, ao som de muitas trombetas, e desembarcaram em um lugar chamado Bandel, que na nossa lingua quer dizer porto, com cazas de palhoça, habitado por gente pobre, que

alli teem os mercadores d'Ormuz para lhes apanharem as tamaras de que a terra é bem provida. Demoraram-se alli alguns dias, tomando o Embaixador cavalgaduras para os da comitiva, e camêllos para conduzir o fato, e mais couzas necessarias para a jornada.

Sahindo d'aqui caminharam ao longo do mar, para o Noroeste, umas cinco ou seis legoas por terra despovoada, e ahi encontraram uns poços d'agoa; não se vião cazas, e apenas umas poucas de palmeiras.

Poseram-se a caminho, e tendo andado trez jornadas pelo mesmo modo, chegaram a um lugar chamado Cabrestão, onde havião alguns palmares e poços d'agoa dôce, junto a elles uma grande caza terrea de abobada com quatro portaes, e ao pé uma cisterna mui grande; a estas cazas chamão na lingoa Persiana Carvançaras, que quer dizer pousadas de Cafilas e Estrangeiros. Estas cazas costumão fazer os Mouros honrados, por suas almas, para darem pousada aos viajantes. Este lugar está ao longo da costa, sendo ainda do senhorio de Ormuz.

Afastando-se do mar para o Norte, e hindo por serras e valles, onde achavão apenas alguns palmares de tamaras e poços d'agoa dôce; chegaram, tendo andado perto de duas jornadas, a uma Cidade, que se denomina Lara, está fóra dos limites de Ormuz, e é Reino da Persia; ficando situada entre umas serras, mais para o Occidente do que Ormuz, e sendo toda cercada d'uma muralha mui forte de pedra e gêsso; abunda muito em tamaras e sevada, e tem tambem algum trigo, mas pouco: aqui se bate a moeda chamada *Larim*, que vale trez vintens. Dizem os habitantes de Lara, que o Grão Tamorlão, que começando por ser recoveiro, chegou a ser Rei de toda a Persia, e captivou o Grão Turco, fôra natural d'esta Cidade. Nos arrabaldes de Lara

aposentaram o Embaixador e sua comitiva; mas do Rei da terra é que não foi muito bem recebido. Alguns Mouros mercadores mandaram ao Embaixador presentes de mantimentos da terra. Demoraram-se aqui alguns dias, onde pela mudança do clima estiveram muitos doentes; mas logo que todos se acharam restabelecidos, o Embaixador, tendo comprado alguns cavallos, proseguio na viagem.

Sahindo de Lara para o Noroeste, andaram trez jornadas por máus caminhos, sofrendo grandes ventos, e sem ver cousa alguma notavel. Dormiram uma noite n'um valle perto d'uma ribeira, n'uma terra deserta onde os recoveiros dizião haver muitos Leões que de noite matavão as bestas das Cafilas que alli repousavão; mas como tiveram muitas vegias sempre, e acenderam muitos lumes, nenhum insulto sofreram. Esta ribeira corria de Leste para Loeste, hindo entrar no mar do Sino Persico. Ao outro dia, partiram d'alli, e andando algum caminho vieram a encontrar terra povoada de aldêas e lugares grandes de lavradores, e junto d'ellas fortalezas e cisternas de agoa da chuva; servindo estas fortalezas para refugios dos habitantes contra os ladrões, que veem aos bandos e nunca menos de cem. Estes ladrões são Turquimãis, naturaes do senhorio do Sufi; andão sempre no campo em Aduares; vivem por creações de gado, egoas, e cavallos; é gente branca e ruiva; vestem panno d'algodão acolchoado, e uns roupões esquipados que lhes dão pelo artelho, e que no inverno forram de pelles de rapôzas. Andão em bellos cavallos e egoas que elles criam, bem armados de arcos, terçados, e escudos, não uzando de lança senão nas grandes batalhas.

Andão todo o anno continuadamente no campo, buscando os ares mais temperados, segundo as estações. Seguem a lei do Sufi, que se chama Rafavi, que é darem mais honra a Ali que a Mafamede: trazem carapuços vermelhos, a

que chamão na sua lingoagem turquesca cazelbaras (cabeças vermelhas.)

Sahindo de Lara entraram n'uns campos largos que ficão entre duas serras, uma da banda do Sul vai ao longo do mar e Sino Persico, que não é muito alta e tem grandes matas de aciprestes; e a outra da banda do Norte, vai d'ahi a mui longe, ficando o campo entre ambas. Este campo tem de comprido seis jornadas; e lhe chamão o coscojarde, que significa em sua lingoagem o sêcco amarello; por elle caminharam cinco jornadas, e repousaram junto dos Aduares, onde encontraram tudo o necessario: ha por estes campos toda a sorte de caças, leões, lobos, e ursos, que fazem muito damno aos Aduares, com quanto sempre andem fechados, trazendo as tendas ligadas entre si, deixando no meio um curral onde encerram o gado de noite, e ficando rafeiros por fóra de vigia com chocalhos ao pescoço.

Passados estes montes vieram dar a Xaraas, cidade do senhorio do Sufi; e antes que a ella chegassem, sahiram a receber o Embaixador cincoenta homens de cavallo dos principaes da terra, por ordem do Governador; vinhão mui bem ataviados e em bellos cavallos, trazendo uns penachos que são feitos de certos passaros com as penas muito lindas, que veem da India e de toda a Persia para servirem aos senhores e grandes Capitães, e não vale menos, cada um, de cincoenta a sessenta cruzados. Acompanharam o Embaixador á pousada que lhe foi destinada, que era nos arrabaldes da cidade em umas grandes cazas, com bello pomar, horta, e todas as arvores de fructas que ha em Espanha. Aqui adoeceu o Embaixador e todos os que o acompanhavão, falecendo uns trez ou quatro d'estes. Estiveram nesta cidade alguns dias até convalescer o Embaixador, que foi mui bem curado pelos physicos Mouros da terra, os quaes são muito entendidos.

Esta grande cidade é a cabeça do Reino; é cercada d'uma muralha de pedra, derribada n'alguns sitios; é mui nomeada entre os Mouros no Reino da Persia, em tanto que dizem elles que quando Xiraas prosperava, era o Cairo sua aldêa; os moradores d'ella são Turquimãis e Persianos, gente alva e proporcionada em estatura; differençando-se na linguagem, porque os Turcos fallão turquesco, e os Persianos fallão a linguagem persia, que é mais agradavel; vestem-se no inverno de algodão acolchoado e forrado de pelles mais ou menos ricas, segundo as posses de cada um; uzão de çapatos ferrados nas sollas com muitos preguinhos. A terra é muito abastada de carnes, manteiga, trigo, cevada, arroz, e açafrão; tem bôas hortas e jardins, d'onde colhem, em abundancia, fructos e hortaliças. Crião-se alli muitos cavallos que são vendidos na India. Ha nesta terra um jardim que foi dos Reis passados, tendo duas legoas de circuito, onde existem couzas admiraveis, principalmente uns paços feitos de marmore, com vidraças excellentes, e lavores perfeitissimos, feitos de gêsso e azullejo mui fino; arvoredos lindamente alinhados; uma rua de acyprestes tão grandes e juntos, que ao meio dia n'aquella rua parece noite escura; colhem-se neste jardim mais de mil arrateis de rozas por dia; no meio ha um grande lago, e no centro d'este uma rica caza para recreio do senhor da terra.

N'esta cidade teve o Embaixador um solemne convite da parte do Governador, e á sua extravagante maneira. N'estes convites começão logo pela manhã a beber vinho sobre couzas de apetite, e dura isto até á meia noite, ou mesmo perto da madrugada, se o que o dá não cahe de todo, até que se embebedão não cessão de beber vinho. Tem para estes convites bellas garrafas de prata e de ouro, e nellas encastoadas muitas turquezas e rubins por maravilhosa ordem. No convite ha sempre diversos instrumentos de muzica, cantores e cantoras, que tangem arpas, e mais instrumentos

bem acordados e suaves. Tambem se offerecem dadivas de mui ricas peças uns aos outros, no que ha grandes cerimonias. Os convidados que entrão se fazem passar por cima de ricos pannos de seda até aos seus lugares destinados. Quando estão quazi embriagados o convidador lhes apresenta cabaias de seda e brocadilhos, forradas de martas, espadas guarnecidas de ouro, e turquezas; despe os convidados e lhes veste os vestidos que dá, cingindo-lhes as espadas ricas; vem em seguida muitas iguarias variadas, e alli finalisa o convite. O Governador se admirou muito de ver o Embaixador e mais Portuguezes deitarem agoa no vinho.

Partiram d'esta cidade para o Noroeste, sempre por entre serras e montanhas, ao longo d'uma serra muito alta a que os Mouros chamão Coaestander, que significa em Persiano serra de Alexandre, onde não ha couza notavel; no fim de cada jornada encontravão as taes grandes cazas a que elles chamão carvançaras, e n'algumas d'ellas estava um Mouro, que tinha alli os comestiveis necessarios tanto para os homens como para os cavallos; isto é, cevada e palha, passas, queijo, e uma comida feita de mel, amendoas e nozes, a que na Espanha chamão torrão; davão alli aos viajantes comer de graça, e a primeira comida era logo pão e mel, e depois carne.

De Xiraas caminharam umas vinte jornadas para chegar á cidade de Espayão, sempre livres de acometimento de ladrões, visto que levavão uma grande recova de Mouros, e uns dez ou doze espingardeiros Portuguezes. A cidade de Espayão é cercada de muros de taipas francezas, seus habitantes são Mouros da seyta de Mafamede, e brancos como os de Xiraas; a terra tem muitos mantimentos e gados.

Descançando alguns dias nesta cidade, caminharam depois para a Côrte do Sufi; na primeira jornada para o Nor-

te, encontraram umas cazas mui grandes, onde habitava um Mouro velho. Este Mouro estava alli encarregado de cuidar de quatro onças mansas, ensinadas a caçar, que o Sufi estimava muito. Na segunda jornada, passando por um grande campo, viram um curicheo mui alto feito de caveiras de veados, e depois ainda encontraram mais alguns, que o Sufi mandava fazer do producto das suas grandes caçadas.

Chegaram á cidade de Cayxão, muralhada como a de Espayão, e habitada por Mouros Persianos e Turquimâis, os mais d'elles mercadores e officiaes mechanicos; é terra de muito commercio. Aqui aposentaram o Embaixador, e os Portuguezes, nos arrabaldes deshabitados da cidade, em muito bôas cazas mandadas fazer antigamente por Mouros já defunctos. Em todas estas cazas existião as sepulturas e ricos monumentos de seus respectivos donos. Aqui esperaram alguns mezes que chegasse a primavera, e então continuaram seu caminho para a Côrte do Sufi.

Atravessando esta ultima cidade, para o Oriente, a trez jornadas pequenas, deram com outra cidade denominada Hies. Seguindo caminho para o Nordeste de Cayxão, chegaram á cidade de Cum. Esta cidade é cercada de pedra e taipas; tem muitos mantimentos, fructas, e gados; e existem alli os celebres camêllos pretos de guedelha; os habitantes são Turquimâis e Persianos, e seguem todos a lei de Ali e Mafamede. Por junto d'esta cidade passa uma ribeira, perto da qual está uma carvançara mui linda onde o Embaixador se demorou um dia e uma noite.

Partindo no outro dia, andaram umas trez jornadas, e chegaram á cidade de Sabá, quazi já no fim da Persia. Esta cidade é muito antiga e muito grande, parece ter sido edificada por Gentios Gregos; tem muitas partes destruidas; é habitada por Mouros; é de terreno muito esteril,

e apenas abunda em caças e veações. D'esta cidade vai um deserto para a banda do Poente, que vai dar junto do rio Eufrates e Babylonia. E d'esta cidade partiram por terras habitadas de algumas aldêas de Mouros Persianos Turquimãis, até que chegaram á cidade de Meonaa.

E' esta uma cidade onde todos os habitantes são Mouros Turquimãis e Persianos, que vivem do commercio, criações de gados e lavoura, porque teem do lado do Oriente mui largos campos; é terra mui fria no inverno, e de muitas neves; tem muitos pomares; e é do senhorio do Sufi. Dormiram aqui uma noite, e no seguinte dia tendo caminhado duas jornadas chegaram a outra cidade chamada Sultunia, que é muralhada e tem bellos edificios, pelos quaes mostrava ter pertencido aos Gregos; é habitada da mesma gente que a antecedente, e tem muito commercio. Foi onde se refugiou o Sufi quando foi desbaratado pelo Grão Turco. E' terra fertil, de muitos mantimentos, e muitos gados.

D'aqui partiram para o Norte sempre por terras habitadas por gentes semelhantes ás antecedentes, até que tendo andado duas jornadas chegaram a uma cidade de grande comarca chamada Angão. E' esta uma cidade muito antiga, e habitada pelos mesmos povos das antecedentes, tem poucos mercadores, e a mais da gente vive da lavoura, e criações de gados. Estiverão aqui dous dias onde foi feita muita honra ao Embaixador por um senhor que alli estava chamado Casumbajandur de geração de Reis, e a quem de direito pertencia grande parte da Persia, que o Sufi lhe usurpára; fez aqui tambem um convite á maneira d'aquelle que já atraz descrevemos.

No dia seguinte partiram d'alli, acompanhados pelo senhor acima nomeado, que tendo caminhado uma boa legoa fez descavalgar o Embaixador e mais portuguezes, e no cam-

po lhes deu outro convite de provizões que levava, acabado o qual se despedio mui cavalheiramente e voltou para a sua caza. Caminharam todo aquelle dia e grande parte da noite, e depois encontraram uma carvançara onde dormiram; no dia seguinte continuaram o caminho para Noroeste, e á noite dormiram n'outra carvançara em um lugar pequeno habitado de Turquimãis, que se chama Turcumandil; aqui atravessaram uma ribeira grande que tem uma ponte pensil, e passaram a terras habitadas d'aldêas, hindo dormir a noite seguinte n'um lugar onde estão duas formosas carvançaras, com ricos aposentos e camaras fechadas sobre si, com vidraças acabadas de novo, que a Rainha, mulher do Suphi, tinha mandado fazer. Esta terra é mui fria e estava coberta de neve, o que deu muito trabalho aos do Embaixador, pois que lhe cahiram as bestas de carga; succede alli muitas vezes morrer um cavalleiro regellado sobre o cavallo, e este o conduzir assim a grandes distancias. Caminhando d'aqui outra jornada para o Noroeste, por terras habitadas de muitas aldêas e lugares, chegaram á mais notavel, grande e rica cidade, que ha em todos os dominios do Suphi, chamada Tabriz, que fica no fim da Persia, em uma provincia denominada Aldabana na linguagem Persiana.

E' esta uma grande cidade situada para a parte do occidente entre duas serras, que depois se vão alargando uma para o Norte e outra para o meio dia; é plana, e não murada; tem bellas e nobres cazas de alvenaria e de taipas francezas, sobradadas e abobadadas, mas unicamente com frestas que lhe dão claridade, porque a terra é mui fria. Tem grandes jardins e pomares, muitas mesquitas e alcorões mui altos de cantaria lindamente lavrada. Apresenta grandes praças cubertas por cima onde habitão os mercadores e se contractão as mercadorias, porque a terra é de muito commercio; e tem arruamentos de todos os officios. A uma banda da cidade está uma grande cêrca com lindos pomares e

hortas, onde estão as cazas do Sufi, que são uns paços feitos de alabastro e marmore finissimo, mui bem lavrados, e com ricas vidraças. Ao redor d'esta cêrca ha alamos muito altos e alinhados, e em partes grandes tanques onde andão cisnes e outros passaros. Os habitantes são Persianos e alguns Turquimâis; tratão-se mui bem, e vestem ricamente. As mulheres são mui lindas, e bem tratadas; as honradas poucas vezes sahem de caza, e quando isto succede vão a cavallo, com vistuarios riquissimos, e abertos até á cintura, ficando os peitos á mostra. O principal trato d'esta terra é em seda crua que vem d'outros reinos do Sufi, e d'aqui vai para a Turquia, e outras terras de Mouros e de Christãos. E' muito abastada de mantimentos de toda a especie, e tudo mui barato. Foram nesta terra agasalhados, os da comitiva do Embaixador, em ricas cazas com grande jardim; onde estiveram descançando alguns dias, sendo fornecidos pelo Governador de tudo o necessario.

Sahindo d'esta cidade para o Oriente, caminharam muitas jornadas, até que chegaram a uma jornada de distancia do arrayal do Sufi; onde veio ao Embaixador um recado dos Governadores do Sufi para que se aposentassem junto de uma ribeira, onde se armaram as tendas; e só passados dez dias veiu recado para partirem, o que logo fizeram; e tendo caminhado meia jornada, vieram receber os Portuguezes, muitos fidalgos Mouros a cavallo, trazendo muitas garrafas com vinhos, maçãs e grandes caixas de confeitos; o que todos hiam comendo e bebendo de paragem em paragem, gastando assim todo o dia para chegar ao arrayal do Sufi, onde foi indicado ao Embaixador o lugar para as suas tendas. Depois d'isto, enviou o mestre salla do Sufi ao Embaixador, um cordeiro frito em manteiga, sobre arroz muito bem guizado, e com muitas especiarias, em uma porcelana mui grande, tapada com uma cobertura de ouro em forma de abobada; bem como duas jarras de bôcas estreitas, bem

tapadas e selladas, cheias de bello vinho; e mandando dar as bôas vindas a todos.

Passaram-se alguns dias antes do Embaixador poder fallar ao Sufi nem a seus Governadores, que andavão occupados em ordenar um grande convite geral, mandado dar pelo Sufi a todos os grandes e pequenos de seus dominios; em que entravão trez Reis, a saber: o Rei de Gilam, o de Xirvam, e o de Mazandram, e dous Embaixadores do Reino de Gurgis, que são Christãos, e confinam com as ultimas terras do Sufi para a banda do Norte. A este convite chamão elles na sua linguagem mouros, que quer dizer, dia primeiro do anno; para o qual tinha o Sufi muitas provisões e vinhos finissimos; bem como vestidos de seda e borcadilho, espadas guarnecidas de ouro, torquezas, robins, cavallos com sellas guarnecidas de prata e forradas d'arminho, &c.; e isto para se repartir segundo o estado e merecimento de cada individuo. N'aquelle dia de manhã se armaram riquissimas tendas, sendo a destinada para o Sufi d'um explendor admiravel e contendo muitos cochins de setim e alcatifas, para onde foram os Reis e Grandes Senhores fazerem companhia ao Sufi. N'esta tenda haviam muitas alcatifas e sobre ellas muitas garrafas grandes de prata com vinho, e pequenas escudellas de prata para beberem; e diante do Sufi, garrafas de ouro, e vasos do mesmo. E d'esta maneira se fez o convite. O Embaixador foi mandado assentar, com mais alguns Portuguezes que o acompanharam, (entre os quaes foi Antonio Tenreiro) defronte dos passos, estando o Sufi sempre com os olhos fixos no Embaixador, e mandando-lhe iguarias por varias vezes. Gastaram neste convite grande parte do dia, comendo e bebendo ao som de muitos instrumentos musicos.

No dia seguinte foram repartidos pelos Officiaes do Sufi todos os vestidos e mercês que elle mandava dar. Trou-

xeram ao Embaixador uma cabaya de borcadilho e uma capa feita á sua moda, e para os Portuguezes que estiveram no convite cabayas de setim de côres. Neste mesmo dia, mandou o Sufi levantar dous mastos mui altos e direitos, e na ponta de cada um uma vara delgada onde estava metida uma maçã d'ouro de pezo de trinta cruzados, e do tamanho d'uma laranja; os Reis e Senhores estavão debaixo d'um lindo alpendre, e a fidalgaria atirava ás maçãs, ficando com ellas os que as derribavão, e substituindo-se outras; chegaram a gastar-se dous grandes caixões d'ellas. No outro dia ordenou o Sufi que lhe levassem o presente enviado pelo Governador D. Duarte de Menezes, e o de El-Rei d'Ormuz; este consistia em muitas peças de beatilha de bengala, jarras de gengibri de conserva, alguns anneis de ricos robins e diamantes, uma porcelana de tamanho admiravel, &c., e aquelle constava de uma baixella de prata dourada, uma bacia de mãos, gomil e saleiro, duas grandes taças, uma sella, sinta, estribos e peitoral de filagrana dourada, duas peças de cochins de seda, um cortinado para um leito feito á Portugueza, e um corpo inteiro de armas brancas muito ricas. O Sufi pouca attenção deu a tudo isto, que foi mandado á sua presença, e somente prestou grande attensão para as armas que levava Antonio Tenreiro, a quem tirou uma manopola que meteu em sua mão, e logo chamou um seu privado, que fez armar com as ditas armaduras, e lhe disse que assim o devia acompanhar aquella jornada. Mandou depois vir a porcelana cheia de vinho, dizendo que toda havia de beber; costume antigo dos Reis da Persia, que quanto mais bebião sem se embriagarem tanto mais estimados eram. Depois de ter bebido e offerecido aos outros Reis e Senhores, montou a cavallo, e com os Mouros e Senhores seus privados caminhou, desviando-se do caminho que levava ao arrayal.

Veio um dia ter com o Embaixador um Mouro crea-

do do Sufi, que os tinha acompanhado desde Ormuz, e disse-lhe que sem a menor demora entrouxasse tudo e mandasse dar de comer aos cavallos, porque nos convinha partir repentinamente do arrayal; com cuja noticia se agastou o Embaixador, porque já se dizia que o Sufi estava para morrer, e quando morresse roubarião alli tudo aos Portuguezes: O Mouro, não descobria cousa alguma, mas, semelhante suspeita, combinada com o aviso recebido do Mouro, fez que o Embaixador acordasse com a sua gente de se hir meter n'uma carvançara perto do campo, d'onde se poderião deffender com armas que levavão; porém como a caza não tivesse aberturas suficientes, se aventuraram a partir do dito arrayal para Tabriz, onde chegados se meteram nas cazas onde já tinhão estado. Passados dias de alli chegarem, souberam que tinha morrido o Sufi, e seu filho fôra elevado a Rei. Trouxe esta nova um grande Senhor do Sufi, que vinha com muita gente de cavallo armada, e mandou dar muitos pregões por toda a cidade, que cada um estivesse em paz, senão lhe seria cortada a cabeça; durou este pregão alguns dias pela cidade, onde poucos Mouros aparecião.

O Embaixador e sua comitiva, sempre estiveram fechados nas ditas cazas, velando de noite alguns com as armas nas mãos, até que a terra assentou e os mercadores abriram suas tendas. Veio noticia de que o novo Rei, chamado Tamas Soltão, se vinha chegando com arrayal para umas serras que estavão a trez jornadas de Tabriz ao Oriente: E depois que alli chegou, fez tomar contas aos thesoureiros, que tinhão sido de seu pai, e por não as darem boas, mandou fazer em alguns d'elles crueis justiças; e elle proprio por suas mãos matava grandes Senhores, que tinhão culpas, ás cutilladas. Acabando de fazer estas cruezas aos homens, mandou vir leões e ursos, que tambem matou; tudo isto para se fazer temido.

Passados alguns dias se partiu o Embaixador para o arrayal do novo Rei, a fim de ver se concluia a sua embaixada. E Antonio Tenreiro, por achar a companhia d'estes Christãos Armenios, que o encaminhavão até Jeruzalem, onde em extremo desejava hir, e tendo occasião assim de ver muitas mais terras, se apartou do Embaixador e seguio caminho para fóra da cidade de Tabriz. Partiu pois d'aqui, Antonio Tenreiro, dirigindo-se para o poente, em companhia de sete Christãos Armenios. Naquella noite dormiram em uma carvançara; e logo no outro dia caminharam duas jornadas, e chegaram a uma aldêa mui grande que é habitada por Christãos, Franges, gentes brancas, que vivem de lavouras, e de creações de gados. A terra é mui fria no inverno, e de serras mui altas, que correm para o Norte, onde dizem estar a arca de Noé toda coberta pela neve. Contaram os habitantes haver naquella comarca cinco igrejas mui antigas, que por mais gente que alli entre nunca se enchem: e que já acontecêra, meter-se o Sufi com todo o seu exercito dentro d'uma para experimentar.

Ficaram aqui os seis Armenios que vinhão com Antonio Tenreiro, e este foi para diante em companhia de um d'elles chamado Vacoyanorisam, que era o mais rico e honrado, e que hia para a villa denominada Beteliz na Armenia baixa, onde tinha sua caza e mulher. Caminharam para o poente por terras de grandes e medonhos valles, e bosques de azinhaes, habitados d'estes Christãos Armenios, e de Mouros chamados Curdis, que são de côr branca; vivem de creações de gados, são pouco domesticos, e não habitão senão em terras montuosas, porque não querem ser senhoreados por ninguem. Tendo andado trez jornadas chegaram a um lago, que fica na Armenia baixa entre serras e montanhas, tendo de comprido umas sete leguas, sobre cinco de largo; e onde ha duas Ilhas pequenas habitadas por frades religiosos Armenios, tendo alli seus mosteiros. Estes

religiosos são tidos em grande veneração, e dizião que elles fazião milagres; que tendo uma vez um d'elles tomado um peixe muito sêcco, o posera á borda d'agoa em nome de Jesus-Christo, e o peixe começára a nadar vivo. Esta comarca é toda habitada de Christãos Armenios, e é onde acaba o senhorio do Sufi, e senhorea o Grão Turco.

Partiram d'uma carvançara junto d'este mar, e foram dormir á villa chamada Argiz, que é habitada por Armenios Christãos, de bella comarca, e de muitas aldêas e lugares; habitão tambem aqui mui poucos Mouros Curdis, que se dão muito bem com os Christãos. A villa é plana, sem cêrca, e de bons edificios; a terra é muito fria; vestem estes Christãos á maneira dos Persas, trazendo na cabeça uns carapuções de seda, com umas trombas da grossura d'um braço de homem e de palmo e meio de longo; sobre que trazem fotas de seda e d'algodão; estes carapuções são mais antigos que os do Sufi. Ha na terra muito vinho, fructas, algodão, e algumas lavouras de trigo. Os povos são mui inclinados ao commercio, de que vivem.

Partindo d'aqui, andaram uma jornada ao longo d'este mar para o Norte, e foram dormir a uma villa, distante uma legua, que se chama Aclata, senhoreada naquelle tempo pelo Grão Turco, e d'onde dizem que Sansão fôra natural.

Sahiram d'esta villa para o Occidente, e andando uma pequena jornada, foram ficar a uma aldêa Christã chamada Ataduana rava, que é edificada subterranea por ser a terra demasiado fria; de modo que a maior parte do anno se não pode alli caminhar por causa da neve; havendo uma classe dos Christãos que alli habitão, que uzando de certas maquinas, chamadas entre elles Carchoy, levão os passageiros pela neve, bem como as cargas, uma distancia de duas le-

guas de caminho, por uma serra que todo o anno existe coberta de neve.

Tendo atravessado esta serra, chegaram a uma villa chamada Bytaliz, situada entre duas serras, com bellas cazas de pedra e taipas francezas; os habitantes, que são Christãos, vestem á Persiana; vivem de trato e mercadorias, e não são sujeitos ao Sufi nem ao Grão Turco, mas sim a um senhor Curdi, que mora alli n'um lindo castello. Atravez d'esta villa para o Norte, a uma jornada pequena de caminho, existe o Reino dos Gurgis, que são Christãos, claros e ruivos; dizião aqui que na villa Bytaliz estava o corpo de S. Lazaro. Aqui adoeceu dos olhos Antonio Tenreiro, sendo muito bem tratado em caza d'um Christão mercador Armenio que o tinha acompanhado desde Tabriz; e quando se achou bom, este lhe rogou que alli esperasse até que d'aquella terra partisse algum mercador Christão para a caza sancta de Jeruzalem, para o acompanhar; porém não annuindo a isto Antonio Tenreiro, o tal Armenio, alugando-lhe uma mulla, o mandou acompanhar, por um Christão até á villa de Azu, distante uma bôa jornada, habitada por Christãos Armenios; situada n'um alto; é senhoreada por outro senhor Mouro Curdi, que deixa livre a este povo todos os seus costumes e leis.

Nesta villa se demorou Antonio Tẽnreiro alguns dias, aposentado n'uma carvançara, onde encontrou, entre outros, um Christão Armenio, que era almocreve, e se offereceu para o conduzir. Antes de partir o mandou chamar o senhor d'aquella villa ao seu castello; e hindo lá, lhe foi perguntatado para onde hia, ao que Antonio Tenreiro respondeu cabalmente; e o Senhor da terra lhe tornou, que conviria demorar-se alli algum tempo para aprender a lingua, pois que adiante devia passar por terras e senhorios Turcos, que era gente muito desconfiada e o prenderião; perguntando-lhe a

final se sàbia atirar com artilheria e com espingardas, ao que Antonio Tenreiro respondeu que não. E escusando-se o melhor que poude aos diversos convites, voltou para caza, e logo se poz a caminho com o Christão que o acompanhava, hindo dormir na seguinte noite a uma aldêa de Christãos. No dia immediato caminharam de novo, até a uma ponte de pedra que tinha duas torres, uma no principio outra no fim, sem gente, e perguntando o nome d'aquelle rio, souberam chamar-se Morato, que é o Tigres. Atravessando a ponte, foram repousar a uma antiga cidade chamada Monfarquim, situada no fim da Armenia baixa, e cercada d'um muro de cantaria lavrada, em partes destruido; por alguns edificios, mosteiros, e igrejas, parecia ter sido dos Gregos, e mesmo por certas legendas que existião na lingua grega. Disseram alli que a destruira o Grão Tamorlão, tendo-a muitos dias cercada. O pequeno numero dos habitantes são Christãos Jacobitas, que falão arabe.

Caminhando d'aqui para o poente, chegaram, depois de duas jornadas ao rio Tigres outra vez, que faz uma grande volta; e não havendo alli ponte o passaram em barcas para isso ahi destinadas. E andando depois meia legua, chegaram á cidade de Caraemitę, de grande comarca, situada junto do Tigres para a banda do Norte, murada, e com edificios admiraveis; nasce dentro d'esta cidade uma fonte mui abundante, de que corre um bom ribeiro, que a atravessa, onde ha muitas cazas de moinhos e banhos; e tem grandes pomares de diversos fructos. E' habitada por Christãos Jacobitas Nastoris, e outros de differentes costumes, que se chamão Dustimaria, que quer dizer, amadores de Santa Maria, todos de côr branca, e fallando arabe. E' senhoreada pelo Grão Turco, que tem um Baxá por Governador d'ella, com grande guarnição de gente de pé, espingardeiros, a que chamão janizaros; e além d'estes ha na comarca dez ou doze mil Turcos de cavallo, que sempre estão prestes

para qualquer negocio de guerra, todos sujeitos ao dito Baxá. Esta cidade e comarca tomou o Grão Turco ao Sufi, que se chamava o Reino de Diarbecha. Chegados a esta cidade se recolheram n'uma carvançara, por chover muito, e haver nos caminhos muitos atolleiros, onde se enterrão as bestas.

O Christão que tinha acompanhado a Antonio Tenreiro se retirou para d'onde viera, e este ficando só foi logo mandado chamar á presença do Baxá, que estava acompanhado de muitos Turcos como desembargadores da terra, e escrivães; perguntou-lhe, pelo intermedio d'um lingua Turco, que fallava Italiano, quem era e d'onde vinha, ao que Antonio Tenreiro satisfez, dizendo ainda, que se dirigia para Jeruzalem, e que tinha partido de Ormuz com o Embaixador, que o Governador da India mandára ao Sufi; ao que o Baxá redarguio, que negocio era o da Embaixada, e que lhe dizião que o Governador da India mandára fundidores de artilheria ao Sufi, bem como algumas peças promptas; ao que Antonio Tenreiro lhe respondeu que tal não havia; e ainda lhe disse tambem, que o Sufi tinha morrido, e o filho fora feito Rei; com cuja nova elles mostraram folgar muito; e tudo quanto se fallou alli tendo sido reduzido a escripto por trez dos escrivães, o despediram para a pouzada onde esteve alguns dias julgando-se muito seguro, e sahindo a alguns passeios pela cidade. Quando o tempo melhorou, começou Antonio Tenreiro a buscar companhia para partir d'alli, o que sendo dito ao Baxá, o mandou outra vez chamar, e fazendo-lhe algumas perguntas, o que tudo se escreveu, o entregou depois a um Turco muito honrado, que o levou a sua caza, onde alguns Christãos da terra o forão vizitar, dizendo-lhe que nada tinha a temer, visto que, sendo despido de culpas, Nosso Senhor Jesus-Christo o livraria. Logo n'aquella noite o Turco a que o tinhão entregado, lhe veio lançar ferros aos pés, pedindo mil perdões, e dizendo que assim lh'o tinha o Baxá ordenado. Estando assim alguns dias, che-

gou ao Baxá a noticia de que Abrahem Baxá, que era o maior Senhor que tinha o Grão Turco, passava de caminho junto d'alli, com grande exercito, para a cidade do Cairo, e logo mandou ordem ao Turco que guardava Antonio Tenreiro, e a alguns seus creados, para que o levassem á presença de Abrahem Baxá; tiraram-lhe o dinheiro e peças que levava, para allugar bestas, e logo o conduziram pela posta em cavallos ao longo do rio Tigres.

Chegando a uma villa chamada Arcengifa, que é habitada por Christãos Jacobitas e Arabios, pousaram em caza d'um Christão, onde dormiram, e a que os Turcos obrigaram a dar-lhes galinhas e outros comestiveis, e o prenderam pelas pernas com uma corda, que passaram sobre uma trave, e incumbiram de a puxar a Antonio Tenreiro, que se não recuzou por medo. Pouco depois o mandaram soltar da corda, e o obrigaram a dar cavallos para o seguinte dia, nos quaes partiram pela posta, hindo mudando de cavalgaduras em cada terra por onde passavam, até que chegaram a uma cidade denominada Urfa, que pelas muralhas algum tanto arruinados de que estava cercada se via ter sido uma soberba cidade. Está situada além dos rios Tigres e Eufrates, junto d'uma serra chamada negra, que na sua lingoagem chamavão Caradaga. E' habitada por lavradores Christãos. Pousaram em caza d'um Christão Armenio, mercador muito rico, e que mui bem os acolheu; este contou então que naquella cidade estava o forno onde foram metidos os trez moços no tempo dos filhos de Israel, segundo conta a Sagrada Escriptura. A cidade tem um Governador posto alli pelo Grão Turco e sujeito ao de Caraemite.

Partindo d'aqui, corrêram umas treze leguas pela posta, hindo dormir a uma cidade chamada Beria, que está situada para a parte do Oriente, pegada com o rio Eufrates, sendo cercada de mui fortes muros, e tendo o rio pelas ban-

das do levante e poente. E' habitada de Mouros e Christãos, fallando todos o arabe. Passando o Eufrates, caminharam pela posta para o poente, umas sete ou oito legoas, passando junto de grandes villas e lugares, onde não entraram, e chegaram á cidade de Calepe, que é muito grande, e nomeada como cabeça do Reino, situada para a parte do Oriente; é murada, e habitada por Mouros e Christãos, uns que se chamão Pastoris, outros Maronitas, e outros Jacobitas e Judeus; fallando todos o arabe. E' de grande commercio, e mui fertil; e dizem alguns ser esta a cidade de Antiochia, muito nomeada pelos primeiros Christãos; nella tem grande tracto os Venezianos e outros Christãos Europêus; sendo senhoreada pelo Grão Turco que alli tem um Baxá com uma bella força de cavallaria Turca, n'uma fortaleza, e dentro da cidade está ainda outro Capitão que commanda trezentos janizaros, que são escravos do Grão Turco.

Mudando aqui de cavalgaduras, seguiram o caminho, passando pelo poço dos leões onde esteve o Profeta Daniel; depois por junto d'uma villa denominada Ames, onde dizião existir então um Sacerdote de trezentos annos, a quem tinhão já cahido todos os dentes e barbas, e nascido outros, e que advinhava muitas couzas, sendo por élles tido em grande veneração.

Chegaram depois á cidade de Amá, cidade muita antiga, murada, em boa comarca, habitada de Christãos Maronitas e Gregos, que fallão arabe; e d'esta cidade disseram alli ser natural S. Paulo. Caminhando uma jornada para sudoeste, passaram pela villa chamada Balbeche, habitada de Christãos e Mouros Arabios, onde ha muitos fructos, bellas agoas, e monumentos do tempo dos gentios. Subiram depois uma serra ao longo d'uma ribeira que nella nasce, e tendo andado duas jornadas chegaram á cidade de Damasco, que os Mouros chamão na sua linguagem o Xame. E' esta cida-

de mui grande e notavel como cabeça do Reino, tem bons edificios muito unidos; está situada para o Oriente d'onde a cerca uma serra de que está distante uma jornada, e de cuja serra veem dous rios que a atravessão; é terra muito fertil, e de muito tracto, vindo aqui commerciar os Venezianos; é senhoreada pelo Grão Turco, que tem nella um Baxá com muita gente de cavallo, e uma fortaleza á moda européa mandada fazer pelo Grão Soldão. Nesta cidade dizião começar a terra Santa, a que os Mouros alli chamão Bextidunia, que quer dizer na nossa lingua paraizo Terreste.

Caminhando d'aqui para o meio dia por terras ásperas e montuosas, chegaram a um rio chamado alli agua de Jacob, que atravessaram por uma ponte de pedra; e tendo depois andado mais uma legua para o poente, chegaram a uma povoação de Mouros edificada á moderna, e com alguns edificios antigos mui ricos mas destruidos. Disse alli um Judeu Espanhol que aquella fôra a cidade de Jericó, e que o rio atraz uma legoa era o rio Jordão. E seguindo mais uma legua por uma costa acima, chegaram á cidade chamada Cefete; que é uma villa situada n'um alto, vindo descendo com os edificios para um valle; os habitantes são Mouros Arabios e Judeus Espanhoes, gente muito pobre, por ser a terra de pouco tracto, e que vivem de esmolas que de fora outros Judeus lhes mandão. Dormiram aqui uma noite em caza d'um Judeu Espanhol; e vendo os Turcos que Antonio Tenreiro fallava com elle, e que se entendião, lhe lançaram os ferros aos pés. Disseram que aquella era a cidade do Galilêa na Judêa, e era esta a terra Santa, e de promissão. E' esta cidade rasa, sómente tendo no alto um castello com cerca por muitas partes derribado. Aqui está um Capitão do Grão Turco, mas com pouca gente.

Seguindo desta cidade para o Sudoeste meia legua de caminho, chegaram a uma aldêa povoada de Mouros Ara-

bios, junto da qual está uma caza á maneira de Hermida feita de pedra e cal, com uma cerca que tem um pateo no meio, onde os Turcos se apearam, e entraram, levando Tenreiro comsigo, na caza onde estava um Mouro que tinha ordem de alli não deixar entrar Christão nem Judeu algum. Nesta caza estavão duas sepulturas cobertas com pannos de seda pretos, que os Mouros teem em grande veneração, e que um Judeu disse a Tenreiro, serem, uma de Arou e outra de Hisdros sogro de Moysés. Dentro da dita caza havia uma pedra branca como jaspe, onde estavão assignaladas duas pegadas grandes, que os Mouros teem em grande veneração, dizendo que as deixou Moysés naquella pedra, que estava no monte Thabor d'onde veiu para alli. D'aqui partiram para o poente, ao longo d'uma serra, perto da qual estava um campo onde andavão egoas pastando, e querendo os Mouros, que hião com Tenreiro, tiral-as para se servirem, logo supitamente acodiram muitos frecheiros, que o quizeram matar, e o tirião executado se não fossem uns guias que trazião dados pelo Senhor de Cefete, que sabendo fallar a lingua os poderam apasiguar. E continuaram pois o caminho nas mesmas cavalgaduras, assaz cansadas.

Chegaram á cidade de Ramala na Judéa, que é cercada de muros modernos sobre outros muito antigos de cantaria, e do mesmo modo são as cazas; está junto do mar, e distante d'este, pelo Sertão dentro umas trez leguas, está uma povoação com uma torre, em que desembarcam os peregrinos que vão a Jerusalem em Romaria. Esta cidade habitada por Mouros Arabios dista de Jerusalem uma pequena jornada. Alli dizião estar o templo onde feneceu Sansam, que agora é mesquita muito venerada dos Mouros; que teem um Governador subdito do Grão Turco. D'esta cidade andaram para o Sueste, e do meio dia por diante caminharam por campos e chegaram a outra cidade chamada Gazara na Judêa, onde perguntaram os Turcos que levavão preso Anto-

nio Tenreiro, pelo Baxá e Governador d'aquella provincia, afim de lhe mandar dar mantimentos, guias, e dormedarios para passarem o deserto das arêas; e foi-lhes respondido que andava no campo com tendas para a banda do Oriente, onde o foram logo encontrar, recebendo d'elle mui bom agazalho; e mandou logo passar ordem para que na cidade de Gazara lhes dessem guias, e odres para levar agoa e biscoito; e com esta ordem voltaram a Gazara. Esta cidade dista do mar umas cinco léguas; tem boa comarca, edificios de alvenaria, muitos campos de lavoura e creações, e só agua de poços. Estava alli um Baxá do Grão Turco por Governador, que immediatamente mandou executar a ordem que lhe levaram, fornecendo-lhes tudo o necessario para a passagem do deserto.

Atravessando esta cidade para o lado do meio dia, e tendo andado duas leguas, entraram no dezerto, que é de sete jornadas d'extensão, as quaes atravessaram sem o menor risco, caminhando ao mais quatro leguas por dia, porque era tudo arêa mui solta. No fim do dezerto encontraram uma caza cituada entre uma serra mui alta e o mar, lugar por onde teem de passar todos os viajantes e cafilas, tanto quando vão para o Egypto como passando para Jerusalem. Nesta caza está sempre um alcaide Mouro, que não deixa passar pessoa alguma sem que lhe diga quem é, e o negocio a que vai. Apearam-se os Turcos que conduzião Tenreiro, e lhe disseram que levavão este prezo ao Senhor Abraem Baxá, o que logo o mouro escreveu n'uma tirinha de papel, e tirando uma pomba d'uma gaiola, lh'o atou debaixo de uma aza, e soltando-a depois, voou mui alto e desapareceu; hindo para a cidade do Cairo, onde ha outras pombas assim ensinadas, em caza de um Mouro, que tirando-lhe a tira de papel escripta a levou logo ao Abraem Baxá.

Partindo logo atraz da pomba, caminharam ainda trez

jornadas por Campos desabitados, e chegaram depois á cidade de Remaya, que está fóra do dezerto para a parte do meio dia, cercada d'uma velha muralha, habitada de Mouros Arabios, que vivem de lavouras e creações, e está alli um Turco como alcaide com pouca guarnição. Hindo ávante chegaram no mesmo dia ainda a outra cidade mui semelhante á antecedente, muito povoada, e de grande tracto.

Caminhando mais chegaram a final á cidade do Cairo, a que os Mouros chamão Mecera; entrando alli por uma porta que está da banda do levante em um muro mui antigo de cantaria, lavrada que cerca a cidade, se dirigiram a caza d'um Turco honrado, grande privado de Abraem Baxá, onde estiveram uns doze dias sem poder fallar a este. O Turco disse que já tivera noticia de que alli hiriam, pela pomba, que tinha chegado dous dias e meio antes. Durante estes doze dias tiveram Tenreiro, de dia com ferros, e de noite lh'os tiravão d'uma perna, prendião um Turco com elle, e lhe lançavão algemas nas mãos, que de manhã lhe tiravão. Um Turco creado d'aquelle Senhor onde estavão, vindo um dia para caza, da cidade, disse a Tenreiro que lhe desse alviçaras, por quanto uma feiticeira lhe tinha dito que o soltariam, do que não fez cazo algum Antonio Tenreiro. No dia seguinte foi este conduzido pelos Turcos á presença de Abraem Baxá, que recebeu tambem as cartas vindas do outro Baxá que alli o mandára. Tendo lido esta correspondencia acenou para Tenreiro que se chegasse, e lhe perguntou se sabia fallar turquesco, ao que elle respondeu que não, mas que sabia o persiano; e logo lhe dirigiu perguntas nesta lingua ácêrca de certos pontos das cartas que erão de avizo, as quaes lhe foram cabalmente satisfeitas. Depois com favoravel semblante acenou para que levassem d'alli Tenreiro, o qual foi conduzido a uma caza publica onde estavão oito Turcos honrados, que fazião de Desembargadores, que lhe perguntaram se sabia a sua lingua, e respondendo-lhe que não, logo man-

daram chamar um Judeu Espanhol, que era physico de Abraem Baxá; e este disse primeiro que tudo a Tenreiro que confessasse a verdade em tudo o que lhe perguntassem, porque Deus o livraria; fizeram-lhe um grande interrogatorio, escrevendo todas as respostas de Tenreiro, e depois de isto acabado o conduziram para caza.

Passados dias vindo do paço um creado da caza onde estava Antonio Tenreiro, lhe perguntaram que novas havia por lá, ao que elle respondeu que no seguinte dia devião levar Antonio Tenreiro á praça, onde lhe seria cortada a cabeça; facil é de imaginar o medo e confusão em que ficaria Antonio Tenreiro, que tinha entendido isto, por já saber alguma cousa o turquesco. No dia immediato passou o mais alterado possivel, porém á maneira que foram decorrendo mais alguns dias, se hia seu espirito acalmando cada vez mais, e denunciando-lhe até bôas novas. Uma noite antes que lhe deitassem as algemas adormeceu, e quando accordou se viu sem ellas, e sem o Turco prêso a si; passando-se cinco dias sem que o martirisassem, veiu o dono da caza dar boas esperanças a Tenreiro, depois do que foram os Turcos, que o guardavam, ao paço, onde lhe foi ordenado por um privado de Abraem Baxá, que o soltassem e pozessem em plena liberdade, o que foi executado, tendo Tenreiro de pagar muitas alviçaras.

A cidade do Cairo é situada ao longo do rio Nilo, tem lindas mesquitas e edificios riquissimos construidos á Espanhola; tem habitantes Arabios, Turcos, Judeus, Christãos, e mercadores de diversas nações, que alli teem grande tracto, as ruas são mui largas. A posição da cidade é mais elevada para a parte do Oriente, onde existe um castello com grossas muralhas, contendo ricas cazas e grandes páteos; destinguindo-se aqui entre tudo, os aposentos do Grão Soldão, construidos de pedras mui delicadas e lavradas, e onde se

vêem ricas pinturas com tintas finissimas, ouro, e marchetes de marfim; era neste castello que os Turcos tinhão a sua artilheria. O principal tracto d'esta terra, provém de se juntarem alli todos os annos na entrada do verão, Mouros e Mouras de toda a mourisma, onde formão uma cafila para hirem á sua caza de Meca, gastando para isto alli muito dinheiro, pois que teem por ponto de honra quem hirá mais ricamente vestido; e antes de partirem vão mostrar-se pelas ruas da cidade. E' o Cairo mui abastado de trigo, cevada, legumes, carnes, pescados do rio, grandes creações de galinhas e patos, tudo muito barato. Ha alli um genero de Mouros Arabios, cujo officio é tirarem pintos em montões de esterco, onde para isso abrem furnas e covas, em que metem grande quantidade de ovos. De fructas ha romãas, pessegos, e uvas em pequena quantidade, e ha então em abundancia os figos de Farao, e patecas, que são como melões, e duram grande parte do anno. Ha aqui uma judaria onde habitão muitos Judeus Arabios e d'outras nações da Europa. A uma legua d'esta cidade está uma horta, que tem dentro uma fonte de agua doce, onde nascem umas arvores que dão o balsamo que se colhe em Maio; estas arvores são como rozeiras grandes, teem as folhas como de carrasco, e não se dão em outro local fóra d'esta horta, que está em poder de um Christão. Dizem que foi nesta fonte que Nossa Senhora lavou os pannos de Seu Bento Filho, e que alli se agasalhava n'uma caverna que está no tronco d'uma grande figueira, onde está sempre uma alampada aceza em memoria da Virgem.

O Rio Nilo, que os Mouros chamão Nil, é grande, nunca pode passar-se a váu, corre de Sul para Norte, tem uma columna de pedra graduada em polegadas, palmos, e medidas, e á maneira que o rio vai crescendo vai chegando ás differentes graduações, andando pregoeiros pela cidade com bandeiras amarellas na mão, e dizendo « Pela provi-

dencia de Deus o rio cresceu hoje tantas medidas » e por alviçaras recebem dinheiro dos mercadores, que dão ao mesmo tempo muitas graças ao Altissimo, porque quando cresce muito o rio ha muitos mantimentos na terra: quando cessa de se elevar o rio, vão os da terra em barcas para abrir boqueirões por onde entram as aguas para os campos.

Antonio Tenreiro demorou-se alguns dias, depois de sua soltura, nesta cidade do Cairo, por lhe ter sido dito por um judeu que não sahisse d'alli por emquanto; por que elle sempre tinha novas das embarcações que chegavão e que partião para a Europa; que ao presente não havia embarcação, e além d'isto que a cidade d'Alexandria era muito doentia, e naquelle tempo morria lá muita gente pelo que não era prudente hir lá esperar. Mas vendo Tenreiro passar o tempo, e desejoso de sahir d'aquella terra, se embarcou em uma barca, que hia pelo Nilo abaixo carregada de Mouros e suas mercadorias. Navegando umas cinco leguas, passaram por junto d'uma Ilha habitada de lavradores, muito fertil de mantimentos, de galinhas e patos. Nesta paragem se divide o rio em duas partes, uma que vai para o Levante, e se mete no mediterraneo no porto de Daniata; a outra vai entrar no mesmo mar a uma legua do porto da Alexandria para a banda do Levante; caminhando por este abaixo, depois de seis leguas de caminho chegaram á villa de Fua, edificada nas bordas do rio, que é de bellas casas com janellas para o rio; é habitada por Mouros Arabios e Mecerins; tem muitas tamaras, figueiras de Faraó, canas d'assucar e figos da India.

Andando mais quatro leguas pelo rio abaixo, deram com outra villa maior e de mais tracto, chamada Raxite, que fica situada na borda do rio distante vinte leguas da cidade do Cairo; tem bellas casas, é habitada por Mouros Mecerins, e tem muitos palmares de tamaras. Perto do mar

mediterraneo onde o rio vai entrar, cabem por elle navios de setenta e oitenta toneis, que alli descarregão as mercadorias, que depois vão d'alli em barcas para o Cairo. Dezembarcou aqui Tenreiro, alugou uma besta, e caminhou para Alexandria com outros Mouros que para lá hião, por arêas e desertos umas cinco ou seis leguas. E passadas umas lagôas de agua salgada, acharam uma casa ou choça de madeira, coberta de rama de palmeira, onde estávão Mouros que cobravão os tributos de todos os judeus e Christãos que por alli passavão; cujo tributo, que elles chamão Gafar, valerá uns vinte e quatro ou vinte e cinco réis. Como por este caminho não ha agua de beber, existem umas casas abobadadas de distancia em distancia, destinadas a conter vazilhas de barro grandes cheias de agua para os viajantes beberem. Estes edificios mandaram fazer Mouros que já são defunctos, e deixaram rendas para se trazer alli aquella agua, que vem de carreto em camêllos, de muito longe.

Continuando por este caminho abordamos á cidade de Alexandria, que é mui grande, situada para o poente, afastada do mar mediterraneo um tiro de besta, para o sertão, junto de uma bahia do mar. E' cercada de muro de pedra, tem edificios muito antigos e ricos; as ruas são mui bem alinhadas e largas. Os habitadores são Christãos e Mouros, os quaes não occupão a decima parte da cidade por ser muito doentia; de modo que se não fosse seu bom porto de mar, talvez fosse desabitada totalmente: porque mesmo não tem aguas para beber, senão as que veem do Nilo por uma levada no tempo em que enche, e por canos se introduz na cidade, enchendo muitas cisternas. Apenas aqui chegou Tenreiro logo adoeceu com febres. Veem a esta terra muitos navios Europêos e Gregos com mercadorias. Tem um Governador, subdito do Grão Turco, com alguma cavalaria, e um Capitão de Janizaros, n'uma fortaleza que ha no mar,

commanda alli alguns bombardeiros. Quando chegou Tenreiro nenhuma embarcação havia prestes a partir para a Europa, por não terem suas mercadorias despachadas. Estava alli então uma armada de Barba Rôxa, onde vinhão muitos Christãos em ferros, e mal tratados dos Turcos, que vinhão fallar aos mercadores d'aquella cidade sobre seus resgates.

Por desejar sahir d'esta terra, se embarcou Tenreiro em um navio pequeno prestes a sahir para a Ilha de Chipre, que era d'um Grego, que tinha pendencias com os Turcos que estavão n'aquelle porto, em um galeão, e desejavão de o apanhar no mar para se vingarem d'elle. Embarcando-se o mais secretamente que poude, e estando levantando ferro, vieram a elle trez bateis de Turcos armados, que por valentia quiz esperar, fiando-se no vento favoravel que corria, e deixou entrar os de um batel dentro do navio. Houve grande briga, que foi vista do baluarte, d'onde dispararam e deram signal para as galés os perseguirem, ao que fugiram favorecidos pelo vento. E navegando por o dito mar cinco dias e cinco noites, chegaram á Ilha de Chipre a um porto denominado Alamizon, que é uma pequena villa situada junto do mar ao Sul da Ilha. E' habitada por Christãos gregos; o porto é de costa desamparada; ha alli muitos vinhos, alfarrobas, e alguns assucares. Está nesta villa uma igreja de Christãos européos, e de beneficiados, que obedecem ao Santo Padre, o que os Gregos não fazem. E' senhoreada pela senhoria de Veneza.

Tenreiro, não achando aqui embarcação para a Europa, foi n'outro navio para um porto mais adiante oito leguas, chamada a villa de Assalinas, que é maior que a de Alamizon; é habitada de Gregos, e tem porto de mar onde, veem as Náos em que vão os peregrinos para Jeruzalem, havendo alli um hospital destinado para os ditos.

Por não achar tambem aqui embarcação, passou Tenreiro a outro porto mais adiante umas dez leguas e entrou na cidade de Famagosta na Ilha de Chipre, senhoreada pela senhoria de Veneza; com bellos edificios, cercada de fortes muralhas com suas cavas e baluartes; é habitada de Gregos e Christãos Europêos; tem muito tracto com mercadores de diversas Nações. Ao Governador chamam Potestade; tem bôa guarnição e muita artilheria. Dentro no Sertão ha outra cidade muito mais nobre, que se chama Nicosia, habitada de Christãos Europêos, e quazi tudo gente muito nobre. Aqui esperou Tenreiro alguns dias por navio para a Europa, onde de novo havia de tornar a peregrinar, e buscar sua vida, pois tendo já consumido alguns annos na India, se achava falto de dinheiro, e em grande confuzão. Por acazo achou alli um mercador Armenio, que sabia o persiano, e a quem dando Tenreiro conta de seu estado, lhe disse: que se quizesse voltar á India bellamente o conseguiria, partindo d'alli para a terra firme, que eram quarenta leguas pelo már, e d'onde desembarcasse ficaria perto a cidade de Calepe, onde sabia de certo estarem Cafilas para partir para Baçora pelo deserto, que era perto; e que em Calepe estava um grande mercador Veneslano, que para lá mandava muitas mercadorias, o qual o favoreceria, e lhe buscaria maneira de o levarem na Cafila. Meteu-se logo Tenreiro em um navio prestes a largar para a terra firme, e atrevessando aquellas quarenta leguas de mar foi abordar a uma villa denominada Ajaça.

É esta uma villa situada junto do már mediterraneo em a costa de Caramania, habitada de Christãos Armenios e Maronitas, e que parecia ter sido grande cidade pelos restos de cazas e muros derribados. Demorou-se aqui Tenreiro alguns dias esperando a partida de alguma Cafila; e durante estes dias esteve em caza d'um Armenio, o qual lhes procurou um christão que lhe alugou uma besta, e logo o

fez partir na companhia d'um almoxarife do Grão Turco, que andava recolhendo dinheiro por aquellas comarcas, trazendo oito espingardeiros comsigo. Chegando á cidade de Calepe foi logo Tenreiro ter a caza do tal Venesiano, que se chamava Micer Andre; era homem mui rico, e nobre, o qual lhe fez bom agasalho, e lhe disse que já a Cafila principal tinha partido para o deserto, e lá é que hia um seu feitor; mas que ainda alli estavão mercadores que se lhe devião hir unir, e então pediria a estes, para o levarem em sua companhia, e além d'isso lhe faria uma carta para ordenar ao seu feitor que lhe fizesse o melhor agasalho e lhe desse tudo o necessario. E passados poucos dias, partiu Tenreiro com dous mercadores mouros Arabios, que levavão alguns camêllos carregados de mercadorias, dos quaes deram um a Tenreiro, por mandado de Micer Andre. Caminharam umas oito jornadas pelo deserto tendo achado apenas dous poços d'agua mui fundos, e chegaram a um castello situado no deserto, onde junto d'elle, acharam toda a Cafila que tinha partido antes, e que os esperava alli.

Andando mais cinco jornadas chegaram a outro Aduar grande e de muitos habitadores; e avançando depois mais seis jornadas pequenas chegaram junto do rio Eufrates, onde havia muitos pastos para os Camêllos e Eguas; alli se demoraram mais de um mez, ladeando ora para um ora para outro lado, sem nada adiantar para o caminho direito de Baçora. E estando já os mercadores muito agastados, advertiram d'isto os Mouros Alarves, que os acompanhavão, e que lhe tinhão fornecido os Camêllos allugados; ao que estes Alarves responderam, que não podião hir d'outra sorte, por lhe terem, outros Alarves seus inimigos, os passos, e poços tomados. E gastando-se assim o tempo e os mantimentos, se viram apertados de fome, e andando sempre fugindo ora afastando-se do rio, ora ladeando para a parte d'elle, passando-se nisto trez mezes, em cujo prazo morreram alguns

Camêllos pelo muito trabalho, e alguns Mouros mercadores de fome; não lhes restando já para comer senão a carne dos Camêllos que morrião, alguns gafanhotos, e alguma gota de leite das Camêllas, que os Alarves davão por especial favor.

Vindo a saber Tenreiro, que alguns mouros da Cafila se desejavão d'ella apartar para hirem buscar povoado afim de não morrerem á fome, por serem os mais necessitados da Cafila, se juntou a elles, e uma noite se apartaram, levando uma pouca d'agua n'um ôdre, e apanhando os gafanhotos que encontravam pelo caminho, chegaram afinal, tendo andado trez jornadas, a uma villa chamada Racalaem, no deserto, a trez jornadas do rio Eufrates, cercada de muros fracos, e habitada por Mouros Arabios lavradores. E' senhoreada pelo Sufi; e ha alli uns Mouros que recebem para si os tributos da terra; chamão-lhe Ceides, que dizem pertencer á geração de Ale, e de Mafamede; são brancos e Persianos, trazendo as barbas e os cabêllos compridos e entrançados. São obrigados a dar de comer ás Cafilas que por alli passem.

Aqui esteve Tenreiro cinco dias deitado sobre rama de palmeira, sem se poder mecher; alli lhe trazião todas as manhãs leite quente, tamaras, e boleimas de cevada, com o que se restabeleceu, bem como os Mouros que o tinhão acompanhado, e partindo logo d'aqui, tendo andado duas jornadas, chegaram á villa de Xefeta, situada no deserto, distando duas jornadas do Eufrates; é habitada por Mouros Arabios lavradores; cercada d'um muro; e mais abundante em mantimentos que a antecedente. E' senhoreada pelo Sufi; havendo alli tambem os taes Ceides, que teem por fidalgos e senhores. Aqui se demoraram trez dias, e caminhando depois mais duas jornadas e meia, com os ôdres de agua ás costas, chegaram a uma cidade, que se diz a Mexeta de Ale, que quer dizer a Mesquita de Ale.

Dista do Eufrates uma legua de deserto, e é onde os Mouros teem a sepultura de Ale. E' cercada de muros de tijolo cozido; não ha lavradores nesta terra, e agua, apenas a que vem em Camêllos do Eufrates. Aqui esperou Tenreiro pela Cafila e feitor de Micer André, que alli veiu ter com uma pequena parte da Cafila. Ajuntando-se-lhes alli alguma gente da terra, caminharam, para o Sudoeste, umas oito jornadas por deserto, e entraram em Baçorá. Os Alarves com a maior parte da recova, foram por outro caminho, onde sabião haverem mais poços d'agua; e os mercadores chegaram a Baçorá pacificamente, posto que mal tratados pela fome, sede, e cansaço. Metendo-se porém, logo, muito pelos mantimentos e aguas da terra, morreram muitos alli durante uns quinze dias que se demoraram, esperando navio para Ormuz.

Embarcou então Tenreiro n'uma Náo de Mouros, onde encontrou mais alguns Portuguezes, e chegando a Ormuz, ahi se demorou uns sinco ou seis annos; findos os quaes, tornou a partir para Portugal, em serviço d'El-Rei, pelo deserto, com um Mouro que tomou para seu guia, levando recados a El-Rei, sobre a armada do Turco.

Quando El-Rei D. João III efeituou, em 19 de Agosto de 1523, a offerta do Reino de Ormuz ao filho mais velho de El-Rei Çafadim Abanader, por nome Mahumede Xaa, augmentou o Rei de Portugal muito o seu dictado na Carta de doação, chamando-se já « Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, e Senhor do Reino e Senhorio de Malaca, e do Reino e Senhorio de Gôa, e do Reino e senhorio de Ormuz, &c. »

Partindo D. Alvaro de Castro, filho do celebre D. João de Castro, com toda a armada junta em soccorro de Adem, como levava os Levantes em poupa, fez a viagem breve, e tanto ávante, que aos Ilhéos de Canecanim, lhe sahiu ao encontro D. João de Atayde; do qual soube a perda de Adem, e como lhe correram os Turcos, de cujas galés se livrara com o favor da noite. D. Alvaro, e os fidalgos e soldados da armada, mostraram justo sentimento d'esta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar das armas Portuguezas, porque das quebras da opinião entre naturaes e estranhos, dura sempre a memoria. O Embaixador, e cunhado d'El-Rei de Campar, que hia na armada, sentiu vivamente as mortes do cunhado e sobrinho, consolando-se porém muito com saber que nada ficaram devendo á honra, nem á fidelidade, mostrando nestas considerações animo tão inteiro, como se buscára alivio a dôr alheia.

D. Alvaro de Castro com os Cabos da armada poz em conselho o que se devia obrar; e pareceu a todos que, visto o soccorro de Adem estar frustrado, voltassem as armas em beneficio do Rei de Caxem, como trazia por instrucção a armada, a quem os Fartaques visinhos tinhão tomado a fortaleza de Xael; a qual senhoreava ou dominava um porto, que era dos poucos, que este Regulo tinha, a principal escala; empreza mais util do que difficil.

Mandou D. Alvaro de Castro governar a Xael, e surgindo á vista do Castello, os Fartaques temorosos, ou amigos, receberam como de paz a armada. Era o forte fabricado de adobes, com quatro cubellos tão pequenos, que bastavão para o guarnecer trinta e cinco soldados, que o presidiavão. Estes, tanto que viram a armada, lançaram fora uma mulher, que entendia e fallava o Portuguez, a qual pergun-

fando pelo Capitão mór, lhe disse, que os Fartaques erão amigos do Estado; que se vinhamos em demanda d'aquella fortaleza, a largariam logo. A muitos pareceu, que se lhe acceitasse, por que de inimigos tão poucos e sem nome, não esperavamos gloria, nem despojo; os mais votaram, que por authoridade de nossas armas, os mandassem render á discripção.

Entendida pela mulher esta resolução, disse, que os Fartaques saberiam defender as vidas e o castello, mal satisfeita da resposta dos Portuguezes. Os Mouros tiraram logo a bandeira branca, e arvoraram outra vermelha, ao que succedeu atirarem os nossos algumas bombardadas, com pontaria tão incerta, que não fizeram damno. D. Alvaro rodeou a fortaleza com todos os seus, e a mandou acometter por escallada em differentes partes; e porque era a carga continuada não ousavão aparecer os Mouros. Fernão Peres foi o primeiro, que começou a subir por uma escada, levando o seu guião, que arvorou e sustentou no muro. Quazi ao mesmo tempo subiu Pero Botelho com o mesmo risco e fortuna que o primeiro. E depois estes franquearam aos mais a subida.

Antonio Moniz Barroto, D. Antonio de Noronha, D. João de Atayde, e outros foram demandar a porta da fortaleza, que estava entulhada com fardos de tamaras, e não poderam entrar, sem que os Portuguezes fossem por dentro e a desentulhassem. Os Fartaques se retiraram a dous cubellos, d'onde se defendião com desesperado valor, engeitando as vidas que D. Alvaro lhes offerecia, que parece, querião perder para vingança, ou para desculpa da força, que não poderam defender, que até entre estes barbaros é o valor a primeira virtude. Pelejaram em fim os Mouros todos até morrer, não merecendo nome de esforço a obstinação barbara, d'onde não podião esperar victoria, nem vingança. Dos Por-

tuguezes morreram cinco, e passaram de quarenta os feridos,

Ganha a fortaleza a entregou D. Alvaro ao Embaixador d'El-Rei de Caxem que mostrou a gratidão do beneficio, então, em abastecer a armada, depois, em ter com o Estado fiel correspondencia: e antes que passasse a monsão se foi D. Alvaro de Castro invernar a Gôa, onde o receberam com applauso maior que a victoria; festas que o Governador fomentou como pai, e D. Alvaro estimou como soldado.

CAPITULO II.

ANNO DE 1524.

El-Rei D. João III noméa D. Vasco da Gama, já então Conde da Vidigueira, Governador Geral da India com o titulo de Vice-Rei. O Almirante do Mar Indico, sahindo do Tejo com uma esquadra de quatorze embarcações ao todo, sofre os effeitos de grandes tormentas, perdendo algumas vellas e gente; toca em Chaul; parte d'aqui para Gôa, onde tendo solemne recebimento, se demora algum tempo, até que principiando a adoecer resolveu sahir d'alli. Chegando o Almirante a Cochim, manda Jeronimo de Souza guardar a Costa do Malabar. D. Jorge Tello, alcança duas grandes victorias sobre os Mouros de Calecut. Vendo o Vice-Rei que a sua

doença progredia, encommenda o governo, que tinha a seu cargo, a Lopo Vaz de Sam Payo Capitão de Cochim. Chega D. Duarte de Menezes a Cochim; e entrega depois a India a Lopo Vaz de Sam Payo em nome do Vice-Rei. Morre o Vice-Rei D. Vasco da Gama em Cochim.

Quando chegou o tempo de D. Duarte de Menezes, que governava a India, regressar a Portugal, o muito alto e muito poderoso Rei de Portugal D. João III. d'este nome, que então reinava, mandou entregar o governo da India a D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira e Almio rante do mar indico, com o titulo de Vice-Rei; para istilho deu uma armada de quatorze vellas, a saber: sete Náos grossas, trez galeões e quatro caravellas,

Os capitães das Náos foram, (a fora D. Vasco da Gama) D. Henrique de Menezes, filho de D, Fernando de Menezes, a que chamaram o Roxo, que hia por capitão de Ormuz, e para succeder ao Vice-Rei da India, que tinha sido nomeado, por morte d'este; Pero Mascarenhas, que hia por segundo successor da governança da India, e levava a capitania de Malaca; Lopo Vaz de Sam Payo, que hia na terceira successão, e levava a capitania de Cochim; Francisco de Sá, que levava a capitania, que havia de hir fazer na Ilha de Çunda; Francisco de Brito, que havia de ser capitão das trez Náos do tracto de Baticalá para Ormuz; e Antonio da Silveira.

Dos galeões foram capitães, D. Jorge de Menezes, filho de D. Rodrigo de Menezes, D. Fernando de Monrroi, e Affonso Mexia, que hia por vedor da Fazenda da India.

Por capitães das caravellas foram, Lopo Lobo, Gaspar Malhorquim, Christovão Rosado, e Ruy Gonçalves.

E fornecida esta armada de muita e bôa gente, e de armas e mantimentos em grande abundancia, partiu o Vice-Rei do Tejo aos nove dias do mez de Abril do anno de mil quinhentos e vinte e quatro, levando muito roim viagem, pois que sofreu muitas tormentas, com as quaes se perderam da sua conserva, Francisco de Brito, Christovão Rosado, e Gaspar Malhorquim, que nunca mais aparecêram. O galeão onde hia D. Fernando de Monrroi se perdeu em Melinde; e das outras embarcações morreu muita gente, e foram sempre espalhadas, mas ajustados de maneira, que, quem chegasse primeiro a Moçambique partia logo para a India.

Perto d'esta costa, na noite de seis de Setembro, tremeu o mar muito rijo, e por espaço bem sensivel, julgando os da frota a principio que os navios davão em alguns baixos de penedia, até que finalmente cahiram no que era. E d'alli a poucos dias apareceu uma Não de Mouros, que hião de Adem para a India, a qual D. Jorge de Menezes tomou, sem outra ajuda, quasi á vista da frota; os Mouros se lhe renderam medrosos, e elle a levou ao Vice-Rei, que logo mandou metter nella um quadrilheiro e um escrivão, para verem o que tinha e olharem por ella: acharam-lhe sessenta mil cruzados em dinheiro e duzentos mil em mercadorias.

Passados alguns dias foi surgir na barra de Chaul, e ahi se declarou por Vice-Rei, que assim o levava por regimento: aqui esteve trez dias sem saltar em terra, nem consentir que pessoa alguma o fizesse, á excepção do licenciado João de Soiro do dezembargo na caza da suplicação, que hia com elle por ouvidor geral da India, e Bastião Luiz, que le-

vava a escrevaninha da matricula de Cochim; aos quaes o Vice-Rei mandou que fossem visitar por elle a fortaleza de Chaul, e que mandassem apregoar em seu nome, que, tirando os fronteiros e cazados todos os outros se embarcassem logo e fossem com elle, sob pena de serem riscados do soldo e mantimento; e ainda mais lhes mandou que dissessem ao Capitão da fortaleza, Christovão de Souza, que quando voltasse por alli de Ormuz D. Duarte de Menezes, o não deixasse desembarcar, nem lhe desse mais mantimento do que para quatro dias: o que tudo foi assim executado.

Não sómente o Vice-Rei prohibiu aos seus que fossem a terra, mas ainda não quiz tão pouco que vendessem a fazenda que trazião, no que fez muita perda a muitos. Não consentiu tambem que alli ficasse algum dos doentes que hião na armada, posto que muitos d'estes o pediram instantemente.

Partiu Vasco da Gama d'aqui para Gôa, onde precizando de saltar em terra, não só para ver a cidade, como para fazer certas couzas que cumprião ao serviço de El-Rei, antes de se hir para Cochim, encommendou a guarda da frota a D. Jorge de Menezes, que ficou nella.

E desembarcando no cáes de Gôa foi recebido alli com a costumada solemnidade. Recebeu algumas queixas contra Francisco Pereira Pestana, que estava por Capitão da fortaleza, de muitas injurias que este tinha feito á maior parte dos cidadãos, e de muitas dividas que contrahíra e não queria pagar. Pelo que, o Vice-Rei, lhe tirou logo a capitania da fortaleza, e a deu a D. Henrique de Menezes, dizendo-lhe que cumpria ao serviço d'El-Rei ficar com aquelle encargo, posto que tivesse sido nomeado para Ormuz. Mandou além d'isto prender a Francisco Pereira para fazer nelle a justiça devida; obrigando-o a pagar todas as dividas

que lhe erão imputadas, sem mais prova do que o juramento prestado pelos credores.

Notando porém Francisco Pereira que muitos individuos lhe pedião mais do que elle effectivamente lhe devia, pegou em todo o dinheiro que possuia, e o remetteu a caza do Vice-Rei, dizendo-lhe que era melhor deixar-se de obrigar a juramento algum os seus credores, mas bastava que mandasse apregoar pelas ruas, que quem quizesse algum dinheiro do que pertencia a Francisco Pereira, se dirigisse a caza do Vice-Rei, onde logo lhe seria entregue a quantia que exigisse. Todavia D. Vasco da Gama lhe fez pagar muitas dividas, porque era de condição mui justiceiro.

Sabendo depois tambem o Vice-Rei, que tinhão hido na frota duas mulheres solteiras, as mandou açoutar, metidas ambas em uma canga; e isto por se terem metido a bordo sem sua licença, tendo elle até feito apregoar em Belem, antes de partir para a India, que a nenhuma mulher solteira seria permittido hir na armada, sob pena de levar açoutes. Rogaram muitos ao Vice-Rei, para que não fizesse esta justiça, visto que as duas mulheres estavão para cazar, e que não cazarião depois de terem sido açoutadas; porém elle a nada attendeu.

Prohibiu depois ainda que algum dos doentes da frota se recolhesse ao Hospital de Gôa, dizendo que El-Rei de Portugal seu senhor não tinha necessidade de ter na India Hospitaes; e mesmo que, havendo-os se farião muitos sempre doentes para alli ficarem, o que era indispensavel evitar: por estas ordens morrêram muitas pessoas á mingoa, e outras andavão pedindo esmolas pelo amor de Deus, o que até alli nunca se tinha visto na India, e por isso o estranharam todos muitissimo.

Nesta detença que o Vice-Rei fez em Gôa, se lhe começou uma enfermidade, (de que depois veiu a morrer) e antes que esta fosse em crescimento se partiu para Cochim, deixando por regimento a D. Henrique de Menezes, que todo o homem que ficasse em Gôa não o querendo acompanhar, exceptuando os cazados e addidos á fortaleza, fosse privado de soldo e de mantimento. Além d'isto, que do dia da sua partida a dous mezes todos os Portuguezes que moravão no arrabalde fossem habitar para a cidade sob pena de morte; mandou tambem aos dispenseiros dos navios da sua armada, que a cada dous homens não dessem mais por dia de um arratel de biscoito: e aos Capitães dos navios d'alto bordo, que não deixassem meter a cada dous homens mais do que uma arca do comprimento d'uma espada.

Mesmo no mar de Gôa encontrou logo Vasco da Gama a D. Luiz de Menezes, que hia para Gôa esperar seu irmão, e o levou comsigo para Cochim, onde chegou no fim d'Outubro, sendo recebido ahi com grande pompa e apparato solemne. Aqui lhe entregou o Doutor Pero Nunes o officio de védor da Fazenda, cargo que havia já seis annos que servia, porque El-Rei D. Manuel achando-o muito bom, fiel e dilligente servidor, nunca o quiz substituir, mesmo no fim dos trez annos, que é o tempo costumado, deixando-o ficar mais outros trez. Sabendo o Vice-Rei os innumeraveis serviços que elle tinha prestado n'aquelle cargo, lhe fez muita honra e favor, e entregou o officio de védor da Fazenda a Affonso Mexia, que para isso hia já destinado de Portugal.

Desembarcando o Vice-Rei em Cochim, como notasse que começava a haver bandos entre os muitos Portuguezes que havia na cidade, mandou, para evitar os males que d'elles se seguem sempre, que ninguem desse meza; do que resultou haver fome entre os soldados, assim por lhes ser mal

pago seu soldo e mantimento, como por haver na terra grande carestia d'este; motivo porque se torna indispensavel darem alli, os Capitães e fidalgos, mezas, nem se podem os soldados na India manter sem que os haja. E como já toda a gente andava indisposta com o Vice-Rei, foi bastante esta prohibição das mezas, para que todos ficassem muitissimo indignados contra elle; a ponto de fugirem grande numero de pessoas para Choromandel, e para outras partes, em que andavão fora do serviço de El-Rei, e até mesmo os Mouros tinhão tomado tamanho medo a D. Vasco da Gama, que tremião todas as vezes que o nomeavão, e muitos se retiraram de Cochim por esta causa, havendo immenso tempo que alli habitavão.

Tencionando o Vice-Rei hir sobre Calecut para a destruir, em virtude da guerra aberta que seu Rei tinha com os Portuguezes; em quanto acabava de arranjar algumas couzas, mandou adiante um fidalgo chamado Jeronimo de Souza por Capitão mór de uma armada de navios de remos, onde levou trezentos e tantos Portuguezes, para guardar a Costa do Malabar.

Chegando Jeronimo de Souza a Calecut, achou de dentro do arrecife uns quarenta paraós de Malabares, de que era Capitão mór um Mouro que se chamava Cutiále de Capocate, os quaes tomavão todos os mantimentos que hião por mar para a fortaleza. E vendo Jeronimo de Souza uma semelhante armada, se dirigiu immediatamente sobre ella, e principiou a batêl-a, dispedindo-lhe logo algumas bombardadas; ao que tambem os mouros responderam por um modo anallogo, sendo tantas as bombardadas da parte d'estes, que nunca algum dos navios da frota de Jeronimo de Souza, poude aferrar n'um dos contrarios, por mais que para isso trabalharam: estiveram nesta lucta continuada algumas duas ou trez horas, até que sobrevindo a noite tiveram de se apartar.

Jeronimo de Souza n'aquella noite se deixou estar no mar com determinação firme de, no seguinte dia, aferrar com os inimigos ou então obrigal-os a fugir; e assim o fez communicar aos outros Capitães dos seus navios. Tendo todos concordado nisto, apenas amanheceu logo recomeçou a peleja entre os Mouros e os Portuguezes, como no dia antecedente. Porém os Portuguezes, á maneira que disparavão remavão tambem, de modo que se hião aproximando cada vez mais aos Mouros, rompendo por entre aquelles pelouros.

Vendo os Mouros uma semelhante decizão e ousadia, não se atreveram a esperar alli mais tempo, com medo dos Portuguezes, e por isso se foram retirando para Caulete, com as prôas para estes; mas sendo apertados mui fortemente, se viram obrigados a voltar-lhes as poupas, e fugiram, andando quanto mais podião. Com a pressa e precipitação da fuga, não poderam tomar Caulete, e passaram então a Cananor. Mas os Portuguezes que os seguiram sempre, alli acabaram de desbaratal-os com mui grande damno de mortos, feridos, paráos arrombados, e outros que foram varar na praia, de que a gente fugio toda para a cidade, ficando os Mouros muito tristes por terem persuadido a El-Rei de Cananor de que cercasse a fortaleza; o qual vendo esta victoria desistiu d'essa resolução.

Desbaratados por este modo os inimigos, ficou Jeronimo de Souza guardando a Costa, como lhe tinha sido determinádo, visitando de vez em quando a fortaleza de Calecut, e provendo-a de mantimentos.

Como os Mouros do Reino de Calecut andassem muito dissolutos e atrevidos, em virtude do pouco medo que tinhão aos Portuguezes, não se contentavão em levar para Meca toda a pimenta que querião, mas ainda além d'isto, aquel-

la que lá não podião consumir a levavam para Cambaya: e todos os dias passavão com mui grande soberba á vista da Ilha de Gôa, onde não havia quem lhes contrariasse a passagem; porque mesmo um tal Luiz Machado, filho do Doutor Lopo d'Arca, que estava encarregado de guardar aquella Costa, tinha sido levado a Cochim pelo Vice-Rei, razão esta porque se não podia oppôr ao transito dos ditos Mouros.

D. Henrique de Menezes ficou muitissimo raivoso, por ver uma semelhante injuria, feita aos Portuguezes, e tão impunemente como estava sendo. Neste meio tempo foi alli ter um mercador em uma fusta, a qual logo D. Henrique de Menezes lhe comprou; e mandando armal-a com artilheria, e fornecêl-a de suficiente gente, nomeou para capitão d'ella a Jorge Tello, seu sobrinho, e filho de D. João Tello, ordenando-lhe que fosse esperar ao caminho os paráos de Malabares que hião com pimenta para Cambaya.

Como D. Jorge Tello era um dos mais esforçados e valentes cavalleiros que naquelle tempo andavão na India, mesmo assim com tão pequena cousa como era a tal fusta, e tão poucos recursos por conseguinte, começou no emtanto a fazer sentir aos Mouros que era elle que andava por aquellas paragens. Como sempre hião em quantidade com que se elle atrevia facilmente, perseguia-os ás bombardadas, e a uns fazia rombos ao lume d'agua, a outros desaparelhava de mastros e de enxarcias, matando e ferindo em todos muita gente: e quando querião virar-se para elle ou acumetterem-no, bem depressa se lhes escapava d'entre as mãos pela ligeireza extrema da fusta.

E sabendo os Mouros de Calecut, que D. Jorge Tello alli andava, como lhes contrariava a passagem aos seus paráos, e os grandes prejuizos que já lhes havia feito deter-

minaram-se a hir ver se o podião pilhar: para isto fizeram armar uns trinta e oito paráos, os quaes carregaram com pimenta e muita gente; e sendo feito Capitão mór d'esta frota um Mouro chamado China Cutiale, sahiu para hir apresionar D. Jorge Tello, que a este tempo já tinha reunido duas fustas e trez bergantins, trazendo nestas cinco vellas alguns sessenta e tantos homens, os mais d'elles espingardeiros.

Andava D. Jorge Tello com a sua pequena frota na paragem dos Ilhéos queimados, quando foi ter com elle, com toda a sua armada, China Cutiale. Depois d'este encontro houve um renhido combate entre os Mouros e os Portuguezes, de que não ha noticia circumstanciada: mas, qualquer que fosse a maneira porque D. Jorge Tello deu a batalha aos Mouros, o que se sabe em summa, é que elle os accumetteu com esforço sobrenatural, e com a ajuda de Deus, os desbaratou a todos. Os Portuguezes mataram aqui muitos Mouros, tomaram-lhes sete paráos carregados de pimenta e d'artilheria, fizeram dar á costa dois, e os restantes fugiram; e dos da frota de D. Jorge Tello, não houve um unico morto, tendo apenas sido alguns feridos ligeiramente.

Recolhendo D. Jorge com os sete paráos que tomou, se dirigiu a Gôa, onde deixando a sua preza voltou ao mar. D'alli a alguns dias topou com uma Náo de Mouros de Calecut, em cuja guarda hião nove paráos muito bem armados d'artelheria e fornecidos de gente; pelejou com elles tão bravamente, que os Portuguezes, tendo já morto muitos Mouros, vararam com os paráos em terra, dos quaes D. Jorge Tello tomou trez. Tambem tomou a Náo, que se não poude escapar, e tornou com ella e com os paraós apresionados, a Gôa, onde foi muitissimo festejado e gloriado por ter conseguido duas victorias tão grandes como arriscadas. Desde então tomaram os Mouros de Malabar tamanho medo,

que não ousaram sahir tão sedo ao mar: e começaram d'alli por diante a temer muitissimo os Portuguezes.

Destinando-se o Vice-Rei para hir a Calecut, augmentou-lhe tanto a doença por esta occazião que lhe enturpeceu muito as faculdades, impossibilitando-o totalmente de continuar a tomar conta dos negocios da governança; e por esta razão encarregou d'isso a Lopo Vaz de Sam Payo, Capitão de Cochim, em quem depositava grande confiança; e tambem esperando que elle com a authoridade da sua pessoa e do seu cargo, apasiguasse as dicensões que tinhão começado entre D. Luiz e D. Estevão da Gama, filho do Vice-Rei, que era Capitão mór do mar, debaixo do governo da India, por dizer D. Luiz, que logo que chegasse alli seu irmão D. Duarte, tomaria immediatamente o governo da India, pois que elle era o seu verdadeiro governador, e ninguem mais, e que por tanto se havia de demorar sem hir para Portugal em quanto durasse a doença do Vice-Rei, pois se elle moresse ficaria alli governador como dantes era.

Mas como a gente da India era muito afeiçoada a D. Luiz, tomava o partido d'este, contra os que tinhão hido aquelle anno de Portugal, que erão do partido de D. Estevão da Gama, e sustentavão que não havia de governar a India senão quem o Vice-Rei actual quizesse, e que D. Duarte de Menezes seria mandado partir para Portugal apenas chegasse de Ormuz: e sobre isto havião ajuntamentos tumultuosos e porfiadas contendas, a que Lopo Vaz de Sam Payo acudia, correndo sempre a cidade de dia e de noite, e apartando todas as brigas com a prudencia devida.

Entretanto que isto se passava na India, o Governador D. Duarte de Menezes, que estava então em Ormuz, se partiu para lá, e sem lhe ter acontecido couza digna de mencionar-se aqui, foi ter a Chaul, onde Christovão de Sousa,

em consequencia do regimento que lhe tinha sido dado pelo Vice-Rei, o não deixou saltar em terra, mandando-lhe participar o motivo. Em Gôa lhe succedeu outro tanto com D. Henrique de Menezes, que tambem lhe impediu o desembarque: de maneira que D. Duarte de Menezes se dirigiu então a Cochim.

Apenas o Vice-Rei soube que D. Duarte de Menezes tinha chegado áquella barra, enviou immediatamente Lopo Vaz de Sam Payo, para lhe mostrar a provisão do Vice-Rei da India, que o privava de poder saltar em terra naquelle porto, e lhe remetteu pelo mesmo portador uma carta missiva de El-Rei de Portugal.

Mandou-lhe além d'isto pedir o Vice-Rei em seu nome, que em vista do que se passava, lhe fizesse entrega da India; porque sua doença lhe não permittia que elle proprio fosse receber a entrega d'aquelle governo, e que tambem por outro lado elle D. Duarte de Menezes, não podia hir a terra dar-lha por haver ordem expressa de El-Rei de Portugal para que elle não desembarcasse, pois que assim convinha ao seu serviço: e que, não obstante, mesmo do mar onde estava se poderia prover de tudo o que lhe fosse necessario.

Em companhia de Lopo Vaz de Sam Payo, mandou mais, o Vice-Rei, a Affonso Mexia, Védor da Fazenda, e ao Licenciado João de Soiro, Ouvidor Geral da India. E chegados que foram ao navio onde estava D. Duarte de Menezes, Lopo Vaz de Sam Payo lhe entregou a carta missiva de El-Rei de Portugal, a qual continha as seguintes expressões:

« D. João por graça de Deus Rei de Portugal, e dos « Algarves, d'aquem, e d'alem mar, em Africa, Senhor « de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio, de

« Ethiopia, Arabia, Persia, e da India. Fazemos saber a
« vós D. Duarte de Menezes, Capitão, e Governador da nos-
« sa cidade de Tangere, e nosso Capitão mór, e Governa-
« dor nas partes da India: que nós vos escrevemos por ou-
« tra carta, que havemos por bem que vos venhaes embora
« para estes Reinos nesta armada. Porém vos mandamos que
« tanto que esta vos fôr apresentada, entregueis a dita Ca-
« pitania mór, e governança, a D. Vasco da Gama Conde
« da Vidigueira, e Almirante do Mar Indico, que enviamos
« por nosso Vice-Rei a essas partes da India; e não uzareis
« mais da dita Capitania mór, e governança, nem das cou-
« zas da justiça, e de nossa Fazenda, nem de outra algu-
« ma de qualquer qualidade e condição que seja, que ao
« dito cargo toque e pertença, e que d'antes uzaveis em vir-
« tude do poder, jurisdição, e alçada que tinheis, porque
« havemos por bem e nosso serviço, como por outra carta
« vos escrevemos, que o dito Vice-Rei tome logo posse de
« tudo, e uze desde esse momento do poder, jurisdição, e
« alçada, que leva por nossa carta patente, sem mais vos
« entenderdes em couza alguma.

« Porém declaramos que o tempo que estiverdes na
« India, até vos embarcardes, possais estar em Cochim ou
« em Cananôr, segundo o que mais vos aprouver. E que á-
« cêrca de vossos creados, e pessoas de vossa caza, e dos
« creados do Conde vosso Pai que comvosco fôram, e dos
« creados de D. Luiz vosso irmão, e de vossos cunhados e
« pessoas suas: que o dito Conde não entenda com elles por
« maneira alguma, nem tenha sobre cada um d'elles mando
« nem jurisdição e alçada que tinheis pela carta de vosso
« poder e alçada: resalvando porém que se vós ou os táes
« por algumas pessoas, assim nossos naturaes, como dos mer-
« cadores da terra, e quaesquer outros de qaualquer estado
« e condição que sejão, que lá houverem de ficar, e não
« vierem nesta armada em que vós deveis vir, fôrdes re-

« queridos, citados e demandados, assim em cazos civís como
« crimes, vos possão, a vós e a elles, demandar perante o
« dito Conde e Ouvidor que com elle ha-de ficar, e não peran-
« te vós, para se fazer cumprimento de justiça.

« E dando-se o cazo que quando o dito Conde chegar
« á India vos não encontre ahi, por terdes sahido a prover
« algumas couzas para o nosso serviço: neste cazo havemos
« por bem que elle dito Conde, uze logo inteiramente de
« todo o poder, jurisdição, e alçada que de nós leva, como
« faria se vos achasse, e vos apresentasse esta carta para
« lhe entregardes a Capitania mór e Governança, por que
« assim o havemos por nosso serviço.

« E se se der ainda um outro cazo imprevisto de que,
« por impedimento d'alguma doença, vós D. Duarte de Me-
« nezes não possais embarcar-vos nesta armada, e ficardes
« na India: nestas circumstancias havemos por bem que fi-
« queis, e vos recolhais com todos os vossos creados e pes-
« soas de vossa caza, bem como os creados dos sobreditos
« vosso irmão e cunhado, em a nossa fortaleza da cidade de
« Cananôr: e que estejais nella até á vossa partida da India,
« e uzeis de todo o poder, jurisdição, e alçada que tendes
« de Capitão mór e Governador da India sobre elles, e sobre
« o Capitão, Alcaide mór, feitor e escrivães da feitoria da
« dita fortaleza. E de todos os seus cazos civís e crimes to-
« mareis conhecimento e os julgareis como vos parecer jus-
« tiça, sem sobre os ditos, nem sobre couza sua, o dito Conde
« poder uzar do dito Officio de Vice-Rei, nem do poder,
« jurisdição e alçada que lhe temos dado, porque queremos
« que tudo fique a vós D. Duarte de Menezes até á vossa
« partida da India. E mandamos ao Capitão, ao Alcaide
« mór, feitor e escrivães da feitoria e a todas as pessoas que
« temos ordenadas na dita fortaleza de Cananôr, que vos
« obedeção, e cumprão vossos requerimentos e mandados,

« como a nosso Capitão mór e Governador sob as penas
« que lhe poserdes, assim nos corpos como nas fazendas:
« as quaes havemos por bem que deis á execução naquelles
« que nellas encorrerem segundo a forma do poder, juris-
« dição e alçada que vos temos dado.

« E assim havemos por bem que se entenda e o façais
« no cazo que sahisseis da India por nosso serviço, e vies-
« seis a ella depois da partida das Náos para estes Reinos,
« d'esta armada que leva o Vice-Rei para trazerem as es-
« peciarias, na qual vós haveis de vir. Resalvando porém que
« o dito poder e alçada, que vos damos sobre todos os acima
« declarados se não entenderá em couza que diga respeito á
« nossa Fazenda e tratos da India: porque, no que a isto
« fôr relativo, não deveis tocar, nem uzar da dita alçada, e
« poder que vos deixâmos nos cazos supraditos, porque isto
« ha-de ficar ao dito Vice-Rei, para a tal respeito praticar
« como julgar de justiça e de conveniencia para o nosso ser-
« viço, uzando de todo o seu poder e alçada.

« Finalmente, da entrega que ao dito Vice-Rei fizerdes
« da citada Capitania mór e governança, como por esta vos
« ordenamos, cobrareis instrumento publico, onde se ache de-
« clarado as Náos e mais navios que lhe entregardes, e a ar-
« tilheria e armamentos que nelles andam, bem como as for-
« talezas, com todas as armas, artilheria e mantimentos que
« nellas houverem; assim como a gente empregada nestas
« partes do serviço, declarando a qualidade d'ella; e todas
« as outras couzas concernentes ao cargo de Capitão mór e
« Governador, para que tudo possamos vêr e analysar. Ape-
« nas entregardes a D. Vasco da Gama a dita capitania mór
« e governança, e cobrardes o dito instrumento da entrega
« pelo modo que fica dito, vos havemos por desobrigado com-
« pletamente de todos os encargos relativos á dita capitania
« mór e governança: e vos damos por quite e inteiramente

«livre d'ahi em diante. E esta carta por nós assignada e «sellada com o sêllo redondo das nossas armas, com o dito «instrumento tereis para vossa salvaguarda.

«Dada em a nossa cidade de Evora aos vinte e cinco «dias de Fevereiro. Bartholomeu Fernandes a fez. Anno do «nascimento de nosso Senhor Jesus Christo, de mil quinhen- «tos e vinte e quatro.

Vista que foi por D. Duarte de Menezes esta carta, bem como a outra que El-Rei lhe enviava, Lopo Vaz de Sam Payo lhe deu o recado do Vice-Rei para que não desembarcasse; do que D. Duarte de Menezes se agastou muitissimo; e disse a Lopo Vaz de Sam Payo, que elle não deveria ter sido o mensageiro d'um semelhante recado, visto que tinha sido armado Cavalleiro pelo Conde Prior seu Pai; por cujo facto nunca deveria ser contra elle nem contra couza que lhe pertencesse. Mas Lopo Vaz de Sam Payo se desculpou dizendo que n'aquillo não mostrava ser-lhe em nada contrario, que era unicamente o cumprimento de um serviço d'El-Rei de Portugal, de quem elle era vassallo.

D. Duarte teve a principio muitas duvidas sobre a entrega da India, parecendo-lhe que por o Vice-Rei estar doente de perigo, poderia morrer e elle ficaria ainda governando a India. E acudindo o Ouvidor geral a estas duvidas como era concernente a seu officio, D. Duarte de Menezes desesperado lhe chamou bacharel. Respondendo-lhe o Ouvidor que Bacharel, Doutor, e Cavalleiro o havião sempre de achar para tudo o que fosse concernente ao serviço d'El-Rei de Portugal. Lopo Vaz de Sam Payo e o Vêdor da Fazenda, accudiram logo tambem, estranhando muito o procedimento de D. Duarte de Menezes. E finalmente este, depois de muitas duvidas se resolveu a cumprir as determinações de El-Rei, e entregou a India a Lopo Vaz de Sam

Payo e ao Vedor da Fazenda, em nome do Vice-Rei, e então o Védor da Fazenda lhe deu um instrumento publico de conhecimento, assignado pelo Vice-Rei e por algumas testemunhas, que era do theor seguinte:

«Saibão quantos este instrumento de conhecimento vi-
«rem; que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus
«Christo de mil quinhentos e vinte e quatro aos quatro dias do
«mez de Dezembro do dito anno, em a Cidade de Santa Cruz
«de Cochim, e na fortaleza de El-Rei nosso Senhor: es-
«tando ahi D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, Al-
«mirante do Mar Indico, e Vice-Rei das Indias: disse que
«elle recebia de D. Duarte de Menezes, Governador que ti-
«nha sido antes d'elle, a governança das Indias, desde o
«tempo em que a ellas chegou e as começou logo a gover-
«nar, segundo por suas provisões e patentes lhe era orde-
«nado por El-Rei nosso Senhor. As quaes Indias elle certi-
«ficou ter recebido, e se houve por obrigado a dar conta
«d'ellas a Sua Alteza, e houve por desobrigado ao dito D.
«Duarte de Menezes da obrigação que tinha de dar conta
«d'ellas. E em testemunho de verdade mandou fazer este
«instrumento publico do recebimento d'ellas. Testemunhas
«que estavão presentes: — Lopes Vaz de Sam Payo Capitão
«d'esta fortaleza, Fernão Martins de Souza, D. Pedro de Cas-
«tello-branco, Affonso Mexia, Védor da fazenda da India, Pe-
«ro Mascarenhas, e o Licenciado João de Soiro Ouvidor
«Geral da India. — E eu João Nunes, Escrivão Publico, na
«dita cidade, por especial mandado do dito senhor Vice-Rei,
«isto escrevi, e aqui meu signal publico fiz.

Logo que D. Duarte foi entregue d'este conhecimento, voltou Lopo Vaz de Sam Payo, com os que o tinhão acompanhado para Cochim; para onde tambem foi D. Luiz de Menezes, irmão de D. Duarte de Menezes, a titulo de se apromptar para a viagem de Portugal; mas soube-se que

o seu verdadeiro fim era estar alli a vêr se o Vice-Rei morria, para elle imediatamente se apossar da governança da India, para seu irmão D. Duarte de Menezes, visto que elle não podia lá estar. E sendo Lopo Vaz de Sam Payo certificado d'isto, para prevenir o prejuizo que d'ahi resultaria a El-Rei, se dirigiu a caza de D. Luiz de Menezes com o Védor da Fazenda e o Ouvidor geral, e lhe pediu mui cortezmente que se embarcasse logo, porque assim cumpria a serviço de El-Rei.

Não querendo porém D. Luiz de Menezes obedecer a estes termos doceis, lhe mandou da parte de El-Rei de Portugal, que sem a menor de longa se embarcasse, senão que o faria embarcar á força. Cedeu a final a esta ordem positiva, e então se embarcou; evitando-se assim muitos alvoroços que se preparavão já. Sabendo d'isto o Vice-Rei; vendo ao mesmo tempo que seu mal hia em grande progresso, e que já desesperavão de sua saude e vida, não quiz que, por sua morte hauvesse alguma revolta até ao abrir das successões: e por isso pediu a todos os fidalgos e Capitães, que obedecessem, como Governador a Lopo Vaz de Sam Payo, até áquella abertura: o que todos elles lhe prometteram executar.

Pouco tempo depois, socumbindo á doença, faleceu o Vice-Rei D. Vasco da Gama, em vespera de Natal do anno de mil quinhentos e vinte e quatro, fazendo todos os actos de verdadeiro e fiel Christão, e foi enterado na Sé de Cochim (*).

(*) Os restos mortaes de D. Vasco da Gama foram depois trasladados para Portugal, e depositados no Convento Carmelitano da Vidigueira, na Igreja, do lado do Evangelho.

CAPITULO III.

ANNO DE 1525.

Jorge d' Albuquerque Capitão de Malaca parte para a India; e o que lhe succede antes de chegar a Cochim. Antonio de Brito Capitão de Ternate, manda uma fusta a resgatar a Ilha dos Celebes. Do que succedeu ao Almoxarife da fortaleza de Maluco hindo para lá. Refferem-se umas grandes differenças que houveram em Maluco, entre Antonio de Brito e D. Garcia Henriques. Atribuem alguns escriptores estrangeiros a este anno a descoberta da Nova Hollanda, e Malte-Brun affirma com fundamento os direitos dos Portuguezes á honra d'este descobrimento.

Jorge d'Albuquerque depois de ter entregado a fortaleza de Malaca a Pero Mascarenhas, quando chegou a monsão favoravel se partiu para a India em um junco seu, armado á portugueza; porque, como era mui zelozo do serviço de El-Rei, não quiz hir em navio portuguez (posto que lhe foi offerecido por Pero Mascarenhas) por isso que sabia quão necessarios elles erão em Malaca. Foram com elle no dito junco, quarenta e quatro portuguezes, seus amigos uns, e outros por creados. Quando hia perto de Cochim lhe sahiu ao encontro o Arel de Porquá, grande inimigo dos Portuguezes, e que andava de armada contra elles com vinte e cinco catures muito bem armados e equipados; levou atraz de si todos os do lugar em almadias, que convidára para o despojo do junco.

Apenas Jorge d'Albuquerque os avistou, tractou logo de se aprestar para a peleja, mandando carregar sua artilheria, que consistia em doze berços e um falcão, e repartindo a sua gente pela tolda, pôpa e prôa. Estando prestes, serião perto das nove horas do dia quando se aproximou o Arel com a sua frota, onde vinhão fazendo grande gritaria. Pozerão-se de barlavento para que o junco não podesse arribar sobre elles, e o cercaram d'aquella banda pela pôpa e prôa; e começando logo a desparar sobre elle suas bombardas, lhe levaram da primeira bombardada a cevadeira com a competente verga e o mastro; seguindo-se tão bastas bombardadas, que parecia um choveiro d'ellas.

Todavia, como o junco era muito forte e bem forra-

do por dentro, e as bombardadas erão de tiros miudos, não lhe fizeram damno algum; ao passo que os Portuguezes lhes cauzaram grandes deterioramentos, arrombando-lhes muitos catures, e matando-lhes, segundo depois se soube, perto de trezentos homens, com bombardadas e espingardadas: portaram-se finalmente aqui com grande bravura; principalmente Jorge d Albuquerque, Antonio de Mello, Gomes do Campo e Ruy Lobo, que mesmo das portinholas da pôpa, mataram muitos inimigos com as espingardas; Francisco Bocarro, Nicoláo de Sá, Contador de El-Rei, e Antonio Carvalho feitor da casa de Ceita, que atiravão da tolda com dous berços e um falcão, com os quaes fizeram grande destruição nos catures, fazendo-lhes gravissimos rombos e matando-lhes immensa gente; e Francisco Fernandes Leme, Bastião Rodrigues Marufim, e outros cujos nomes se ignora, que occupando o lugar da prôa nunca estiveram ociosos, fazendo antes d'ahi jogar muitos tiros, conseguiram espedaçar grande quantidade de inimigos: os quaes, não obstante a immensa perda que tiveram, nunca cessaram de pelejar até ao meio dia, hora esta a que todos se apartaram com a perda supracitada.

A unica desfeita que sofreu Jorge d'Albuquerque, nesta lucta, foi a de lhe matarem um escravo seu, que se descobriu muito. Tendo gasto toda a polvora e pelouros que levava, se partiu depois para Cochim, onde o Governador, que alli estava antes de hir para Gòa, sabendo a fadiga e perigo em que o junco se achava, o mandou soccorrer, mas já o auxilio não foi ao devido tempo. Chegando Jorge d'Albuquerque a Cochim, ahi deu novas do que se tinha passado em Malaca e Maluco neste anno de mil quinhentos vinte e cinco, que é pouco mais ou menos o que se vai tratar em seguida.

Antonio de Brito e D. Garcia Henriques, tendo-se re-

conciliado, concordaram que Antonio de Brito no seguinte mez d'Agosto entregaria a fortaleza a D. Garcia Henriques, e se passaria a um lugar distante d'ahi duas leguas, até acabar um junco que alli fazia, e poder leval-o comsigo para Malaca.

Durando pois a amizade entre D. Garcia Henriques Capitão de Maluco, e Antonio de Brito que ainda lá estava, accordaram ambos, que seria bom mandarem ás Ilhas dos Celebes, que ficão a sessenta leguas da de Ternate, por que corria fama de lá haver muito ouro. Para se desenganarem pois da verdade, mandaram armar uma fusta, com vinte e tantos Portuguezes, de que fizeram Cipitão o Almoxarife da fortaleza, e metendo-lhe pannos e outras mercadorias com que commerciassem com os Celebes, partiu na entrada do mez de Julho.

Chegando os Portuguezes a uma das ditas Ilhas foram muito bem recebidos dos seus habitantes, que lhes fizeram muito agasalho; porém quando souberam que os Portuguezes hião alli unicamente para resgatar ouro, reciosos de que, depois de feito o resgate, quizessem roubar, fazer-lhes mal, ou tomar-lhes a sua terra, se determinaram a tomar a fusta, e a matar o Almoxarife e quantos hião com elle; de maneira que não ficasse quem podesse levar a nova a Ternate, julgando que não hirião lá outros.

Com effeito, uma noite, estando os Portuguezes dormindo na sua fusta, muito seguros e descançados, os da terra se armaram, e vieram uns á praia, em quanto outros foram a nado, que cortando a amarra da fusta a principiaram a allar para terra; mas apenas o barco a tocou, logo os Portuguezes acordaram, e tomando suas armas, começaram a ferir e matar todos que encontravão diante de si, com o que se puzeram os inimigos em fugida. E tornada a fusta

ao mar se foram a outra Ilha, onde os não quizeram agasalhar; passando depois a outras onde lhes aconteceu o mesmo.

Vendo pois os Portuguezes que não podia de modo algum ter effeito a missão de que tinhão sido encarregados, se determinaram a voltar a Ternate. Porém sendo-lhes os ventos contrarios, visto que já tinha passado a occazião da monsão, se desviaram tanto do seu caminho que foram dar a umas Ilhas chamadas as do Meio; não podendo abordar a nenhuma por causa da grande tormenta que levavão, e das muitas correntes que giravam entre ellas, sahiram a um largo golfão de mar, que fica entre o Estreito de Magalhães, as Ilhas de Maluco, e outras muitas. E como aquelle local era muito desabrigado, e os ventos corrião mui bravos, soffreram alli uma medonha tempestade, debaixo da qual andaram perto de trezentas leguas, vendo-se em muitas occaziões quazi perdidos. Uma noite com a grande bravura das ondas lhes saltou o leme fóra das fêmeas, e nunca mais o poderam tornar a metter; estiveram por este acontecimento em perigo eminente toda uma noite, até que pela manhã se acharam junto d'uma Ilha, onde saltaram em terra, dando muitos louvores a nosso Senhor por lh'a ter deparado.

Foram aqui muito bem recebidos pela gente da Ilha, que era de côr baça, mas bem disposta e de lindos rostos, tanto homens como mulheres; os homens tinhão as barbas pretas e compridas, e o seu trajo mais uzual era uns pannos cingidos que lhe chegavão até aos artelhos, sendo estes pannos feitos de palhas semelhantes ás dos juncos, só com a differença de serem mais alvas, e fica o panno tão macio como a olanda; cobrião-se com outro panno tal como este, que lhes chegava até ao embigo, e trazião tambem uma especie de camizas d'outro mais delgado.

A terra era muito viçosa d'arvoredo, onde se vião mui-

tos coqueiros, figos como os da India, e inhames; havião tambem muitas galinhas e algumas cabras; continha esta terra muito bellas e frescas aguas, e produzia alguns legumes.

Os habitantes poderam dizer aos Portuguezes por acenos que havia muito ouro para o Poente d'aquella Ilha; que alli o paiz era tão sadio que nunca aparecia um só doente nem aleijado, havendo por este motivo muita gente velha; tinhão cada um seus paráos onde pescavão, e navegavão ao longo da Ilha; cortavão a madeira com as espinhas dos peixes. Alguns dos Portuguezes que hião doentes, se poseram perfeitamente sãos apenas chegaram a esta bella terra. E vendo os Portuguezes o bom agazalho que d'aquella gente recebião, e sendo-lhes por outra parte os ventos contrarios para voltarem a Maluco, se demoraram nesta Ilha quatro mezes; mas logo que tiveram monsão favoravel, partiram immediatamente, fazendo acreditar aos da terra, que se mostravão muito sentidos da partida dos Portuguezes, que depois brevemente voltariam, por isso que andavão correndo e descobrindo por alli terras; e chegaram a final a Maluco aos vinte do mez de Janeiro do anno de mil quinhentos e vinte e seis, aonde, julgando-os já a todos mortos, lhes havião vendido suas fazendas; visto que a viagem d'aqui ás Ilhas Celebes era ao muito de mez e meio para hida e volta, e elles já passava de sete mezes que tinhão d'alli partido para as ditas Ilhas.

Neste meio tempo os homens que serviram com Antonio de Brito, que erão muitos, ajuntavão todo o cravo que podião para suas veniagas; porem receiando que D. Garcia Henriques os não deixasse embarcar, nem lhes mandasse passar os recibos dos seus soldos que se lhe devião, negocearam com Antonio de Brito, que antes de largar o seu cargo lhes mandou tirar os taes recibos secretamente e sem que

D. Garcia Henriques o soubesse; e com igual segredo fez conduzir para o seu junco tudo quanto lhe era necessario, para depois não ter que lh'o pedir, e os Officiaes de El-Rei tudo lhe fornecião pela grande amizade que tinhão com elle.

Chegando o mez de Agosto, entregou Antonio de Brito a fortaleza a D. Garcia Henriques, tendo algumas obras ainda por acabar, para que não tinhão até alli dado lugar os grandes trabalhos da guerra: e d'esta maneira se houve D. Garcia por entregue do commando.

Feito isto, logo Antonio de Brito se foi para o lugar aonde tinha o seu junco, onde o esperavão muitos Portuguezes que lhe tinhão pedido para o acompanharem, por estarem já muito enfadados da guerra; e tendo antes apanhado bastante cravo, metteram-se no barco todos em forma de acompanharem a Antonio de Brito, sómente naquelle caminho, por ter elle sido seu Capitão; mas como já lá tinhão todo o seu fato, que fizeram antes levar clandestinamente, não quizeram depois voltar para a fortaleza.

D. Garcia Henriques não reparou nisto por alguns dias, mas advertindo depois, ou talvez, não faltando quem lh'o lembrasse, escreveu a Antonio de Brito para que lhe enviasse aquella gente de que tinha grande necessidade, ao que elle respondeu, que apenas lançasse ao mar o seu junco, que havia de ser nas aguas vivas, lhe mandaria toda a gente então.

Intendendo porém D. Garcia Henriques, que aquillo não era mais do que uma invenção para não satisfazer ao que lhe pedira, lhe tornou a enviar outro recado com muitos cumprimentos e cortezias, pedindo instantemente que lhe mandasse a gente que elle exigia, e não a levasse comsigo,

pois sabia quanto importava ao serviço de El-Rei que aquella fortaleza não ficasse desguarnecida, para sua guarda e deffensão. E mandando-lhe apoz este muitos outros recados, sem que nada aproveitasse, lhe enviou ultimamente protestos e requerimentos por escripto, em seu nome e de todos os Officiaes da fortaleza, ao que Antonio de Brito respondeu sempre com as mesmas dilações.

Estava neste tempo no porto da fortaleza, o navio em que Antonio de Brito se havia de embarcar, e por conselho de todos lhe mandou D. Garcia tomar as vellas e o leme, e particularmente ainda as bombas, porque não tinha tempo para se munir de outras.

Logo que Antonio de Brito recebeu a noticia d'isto, todos os que estavão para se embarcar com elle e levar suas fazendas, se lhe offereseram para hirem dentro da fortaleza com mão armada, buscar as vellas, o leme, e as bombas, e depois metterem-se no navio, tendo antes tambem prendido D. Garcia Henriques, e matando todos aquelles que pretendessem defendêl-o, porque todos estavão bastantemente sentidos contra D. Garcia, pelos mandar pedir em seus requerimentos nomeando-os pelos proprios nomes.

Antonio de Brito, que tambem estava muito encollerizado, lhes aceitou os offerecimentos, e sem attentar no êrro que hia cometter, se foi com todos elles armados, e adiante da porta da fortaleza se metteram dentro do navio, soltando muitas palavras escandalosas, e dizendo — vejamos quem será capaz de nos prohibir que levemos este navio. O que sendo observado por D. Garcia Henriques, e considerando os males que d'aqui podião resultar, mandou ao navio o ouvidor com um tabelião para fazer requerimento a Antonio de Brito, e a todos os que estavão com elle, da parte de El-Rei, para que lhe obedecessem, visto que era

Capitão d'aquella fortaleza, e alli representava a pessoa do Rei; que por isso saissem do navio, deposessem as armas, e fossem para a fortaleza; o quo elles recuzaram, dizendo que Antonio de Brito devia ser commandante d'aquella fortaleza até que seu tempo fosse acabado.

Depois d'esta resposta todos os Officiaes aconselharam a D. Garcia que mandasse fazer de fora em altas vozes outro requerimento, e protesto, e se então não cedessem mandasse metter no fundo o navio, com a artilheria da fortaleza. Avisado d'isto Cachil d'Arõens, que era muito amigo de Antonio de Brito, foi logo ter com D. Garcia Henriques e lhe disse que estranhava muito o que se passava entre elles, sendo ambos vassallos de El-Rei de Portugal e de si tão honrados, e além d'estas lhe aprezentou mais algumas razões, a que D. Garcia respondeu narrando-lhe os meios doceis que antes tinha buscado. Concordaram a final que levasse Antonio de Brito o navio para onde tinha o seu junco, e que depois lhe mandasse a gente para a fortaleza, e que Antonio de Brito partiria na proxima monsão.

Segundo alguns escriptores estrangeiros, foi tambem neste anno de mil quinhentos e vinte e cinco, que descobriram os Portuguezes a grande terra que se chamou Nova Hollanda, a qual tendo por algum tempo ficado no esquecimento, fôra depois reconhecida varias vezes pelos Hollandezes desde o anno de mil seiscentos e desasseis por diante.

O Illustre Geografo Malte Brun na Historia da Geografia, diz a este respeito, que ha rasões para se acreditar que os primeiros navegadores Portuguezes descobriram uma parte das vastas terras do grande Oceano. Em todos os mappa-mundos do seculo 16.° se vê representada uma grande terra austral, em cuja configuração se reconhecem

as partes septentrionaes da Nova Hollanda, particularmente o golfo de Carpentaria e a Ilha consideravel que existe ao Oeste d'este golfo. Mas, como nestes mappas antigos existe ligada a Nova Hollanda a uma terra austral imaginaria que se extende pelo Sul da Africa e da America, os Geografos não teem dado attensão áquellas partes, que parecem realmente indicar uma antiga descoberta d'estas terras entre os annos de 1530 e 1540.

No entretanto, os direitos dos Portuguezes á honra d'este descobrimento, acabam de receber novas provas por duas cartas antigas, que se achão no Museu Britannico. A primeira é um grande rolo de pergaminho com a carta do globo, por Mercator, mas sem longitudes nem latitudes, e toda escripta em francez; os nomes principaes são em letras mui grandes e bem destinctas; o meio dia, que ordinariameute hoje se põe na parte inferior das cartas existe na parte superior. Vê-se nesta carta, ao meio dia da Asia, uma grande Ilha, cuja posição corresponde exactamente á da Nova Hollanda. Nota-se uma passagem estreita entre Java e esta grande Ilha; Timor é colocado ao nordeste. E a grande Ilha é denominada a *Grande Java*. Entre os nomes que se vêem escriptos ao longo das costas nota-se o de *Costa das Hervagens* ou das plantas, nome que se julga corresponder a Batany-Bay, mas que fica muito para o norte. Ao meio dia da costa das Hervagens, ha trez outros nomes a grandes distancias: o primeiro é *Costa de Gracal*, depois um promontorio extenso e mui saliente chamado *Cabo de Fromose*. A linha que termina a carta, corta a grande Ilha acima dita, de modo que sua extensão fica indeterminada.

Os nomes *Gracal* e *Fromose* parecem ser portuguezes, e julga-se que a carta fôra traduzida d'esta lingua. Esta suspeita é confirmada por uma collecção de cartas intitula-

das = *Hydrografia de John Rotz*, = datadas de 1542, e que igualmente existem no Museu Britanico. Este interessante manuscripto é em inglez, em pergaminho fino, mas a dedicação é em francez; tem mais um calendario e algumas instrucções sobre a navegação; e finalmente muitas cartas perfeitas e exactas, e um planispherio, que termina a collecção. A Nova Hollanda acha-se aqui desenhada quasi como nas cartas do seculo 17.° antes da viagem de Abel Tasman, e com o nome de *Terra de Java.*

Comparando esta obra com o mappa-mundo acima citado, vê-se que as cartas de Rotz são os originaes; visto que ellas conteem muitos nomes portuguezes, que se achão na outra traduzidos para o francez. Em ambas se acha situada com exacção a Costa Occidental de Borneo, com os nomes de *Porto de Borne* e *Baxos de Borne.* Ao Norte de Borneo vê-se *Palouan* ou Palawau, e a Leste estão as Molucas. Estes detalhes tornão inadmissivel a opinião d'aquelles que pertendem ser a Nova Hollanda nestas cartas uma repetição da Ilha de Borneo. No mappa-mundo representa-se na verdade Borneo por um mui pequeno parallelogramo, mas este êrro é commum a todas as cartas do mesmo seculo.

De todas estas provas se conclue sem a menor duvida, que os Portuguezes visitaram as partes septentrionaes da Nova Hollanda mais de um seculo antes da pretendida descoberta dos Hollandezes. E é mesmo provavel que tambem descobrissem a costa Oriental antes da viagem do capitão Cook. Além disso, esta assersão deve ser infalivelmente admitida por aquelles, que se lembrarem que a *Nova Guiné* ou a terra dos Papuás foi descoberta por D. Jorge de Menezes em 1526.

CAPITULO IV.

ANNO DE 1526.

Noticia dos Estados, e vassallos do Imperador da Ethiopia, conhecido pelo supposto nome de Preste João. D. Rodrigo de Lima parte para a côrte do Imperador. Morte do Embaixador Matheus. Chegada de D. Rodrigo de Lima á côrte, presentes que offereceu, e como o Imperador os acceitou. Obtem d'elle audiencia. O Imperador fórma alliança com o Rei de Portugal, permittindo-lhe logo fundar fortalezas. Entrevista do Imperador com o Padre Francisco Alvares sobre negocios de religião. Os Portuguezes encontrão Pero da Covilhã. O Imperador fornece a sustentação do Embaixador e dos seus. Procedimento d'este com Jorge de Abreu, e Lope

da Gama. O Imperador se empenha e toma medidas para evitar maiores desavenças. D. Rodrigo de Lima tem a sua audiencia de despedida, e é acompanhado pelo Modormo Mór, e por outros grandes senhores da côrte. Consegue-se a paz, porém D. Rodrigo de Lima ordena ao seu despenseiro que não dê viveres a Abreu. O Principe Barnagais, indignado, o faz reconduzir para a côrte. D. Rodrigo de Lima é avisado por cartas de D. Luiz de Menezes da morte d'El-Rei D. Manuel. Luto rigoroso que o Imperador ordenou. D. Rodrigo de Lima é de novo despedido com a noticia d'El-Rei D. João III. ter substituido a D. Manuel. De novo é obrigado a tornar á presença do Imperador. D. Rodrigo de Lima depois de 6 annos obtem audiencia de licença, e chega felizmente a Lisboa. Recepção que lhe fez El-Rei D. João em Coimbra. D. Martinho de Portugal é enviado Embaixador ao Papa Clemente VII. O Padre Francisco Alvares acompanha este Principe e apresenta em Bolonha a S. Santidade as cartas do Imperador.

Ninguem duvida hoje, que este nome de Preste ou Padre João seja fundado sobre uma etymologia conhecida, que nos vem dos tempos das cruzadas, e se formou da idéa popular, de que havia um grande monarca do Oriente, que se chamava João, e era Padre da lei de Jesus Christo, da qual elle, e os seus vassallos fazião profissão. Que o Christianismo tinha sido espalhado por toda a grande Asia, até ao Imperio da China, parece certo pelos vestigios, que ainda hoje se achão, posto que não hajão provado que tenha sido a Religião dominante e geral d'algum estado em particular. Que tenha havido igualmente na grande Asia um

poderoso Principe Christão, isto parece igualmente seguro. Os Soberanos Pontifices, e os Principes crusados tiverão com elle algumas relações, mas muitas d'ellas infructiferas. Os que lhe forão enviados, fizerão relações tão pouco exactas, que só servem para nos pôr em confuzão; de sorte que é dificil hoje, ou mesmo impossivel, dizer ao justo onde erão os seus Estados.

No tempo do primeiro cêrco de Damitta, que foi tomada por João Brienne, se espalhou o romor, de que o Principe que reinava então, chamado David, vinha na frente d'um poderoso exercito em soccorro das crusadas, em quanto a Rainha de Jorgia se despunha a entrar por outra parte na Palestina; o que obrigou Corradim, e Seraph, que acodiram a soccorrer Meledim Sultão do Egypto seu irmão, a regressarem promptamente para os seus Estados, a fim de se oppôrem a estas duas Potencias. Porém David não lhe custou pouco a defender-se. Os Tartaros o desbarataram, e desapossaram, ao menos d'uma parte dos seus Estados, ou das suas conquistas. No seculo decimo terceiro, perto do anno de 1240, houve ainda um d'estes Principes, que oprimido pelos Tartaros successores de Gentchiscan na Tartaria Occidental, recorreu ás potencias da Europa. Depois d'aquelle tempo achão-se muito poucos vistigios.

Comtudo, como a idéa d'este Principe, posto que confusa, era muito viva no tempo dos primeiros descobrimentos dos Portuguezes, depois dos esforços que os Reis D. João II. e D. Manuel tinhão feito para o descobrirem, persuadiram-se, não sem algum fundamento, que o Preste-João era o Imperador da Ethiopia, a quem dèram tambem os nomes de grande Negus, e de Rei dos Abexins. É preciso conceder que todos os signaes se assemelhavão. Os nomes d'estes Principes tirados do Testamento velho, a magestade d'estes monarchas, que respeitavão como especie de

divindade, as cruzes, que elles fazião levar adiante de si, a religião christã, corrompida pelos êrros dos Nestorianos, etc. Só alli ha a diferença dos estados d'um, que suppõem terem sido muito remotos na grande Tartaria ou na India, ao mesmo passo que os do outro são na Africa.

O Imperador dos Ethiopes anda a par com todas as outras nações pelas fabulas da sua antiguidade; mas atravez do que se pode desenredar da fabula, parece constante, principalmente pelo testemunho de Herodoto, que é um dos mais antigos, e maiores imperios do Mundo. Era certamente muito mais extenso do que é hoje: e parece que as Arabias, que teem igualmente tomado os nomes de Indi a, e de Ethiopia, forão antigamente, e por muito tempo, do seu dominio. Sendo assim, não será maravilha, que um principe, que tinha um tão grande imperio na Asia, tenha podido fazer os progressos d'um conquistador rapido, e sofrido depois na sua pessoa, ou na de seus successores os revezes d'uma fortuna pouco estavel, quando se tracta de conservar estados tão extensos, e pela maior parte novamente conquistados.

Esta nossa oppinião é confirmada por uma carta do Gram Senhor de Rhodes, que escrevendo a El-Rei de França Carlos VII. diz expressamente, que o Imperador da Ethiopia era o verdadeiro Preste-João. A mesma carta que o Papa Alexandre III escreveu a um rei da India chamado João, caracteriza bastantemente o Imperador da Ethiopia. Assim, antes dos descobrimentos dos Portuguezes, havião já noticias muito consideraveis do Rei dos Abexins, e uma especie de persuasão de que elle era effectivamente o Preste-João.

Herodoto, que já citámos, e outros Authores da antiguidade profana, nos representão os Ethiopes, como um dos

primeiros povos do mundo; iguaes, ou anteriores mesmo aos primeiros Egypcios. Os Ethiopes de hoje dizem ser descendentes de Haback neto de Noé, d'onde se formou o nome d'Abassia, e por corrupção d'Abyssinia. Depois d'aquelle tempo contão uma larga serie de Reis, cujos fastos nos parecem fabulas, ou porque com ellas tenhão engrossado os seus annaes, assim como o fizeram todos os outros povos, ou porque depois de tantos seculos teem para nós um ar de novidade, que não podemos ajustar com as nossas preocupações. Entre as suas épocas existem duas muito celebres, a que é difficil negar alguma crença. A primeira é aquella da Rainha de Sabá. A seguuda é a da Rainha Caudace.

A primeira a que chamão Maqueda, teve, segundo elles dizem, um filho de Salomão chamado David, ou Menilehek, d'onde descenderam todos os seus Reis por uma longa serie de seculos, não sem alguma interrupção; depois da qual tornaram a subir ao throno, que esta familia occupa ainda hoje. O que fez com que David, que reinava no tempo d'El-Rei D. Manuel, tomasse estes titulos. « David « amado de Deus, columna da fé, do sangue, e da linha « de Judá, filho de David, filho de Salomão, filho da co- « lumna de Sião, filho da semente de Jacob, filho da mão « de Maria, filho de Nahú pela carne. Imperador da Gran- « de e Alta Ethiopia, e de todos os Reinos seus depen- « dentes. »

Pretendem que Menilehek tendo sido enviado a seu pae, fôra instruido na Religião dos Hebreus; que tornando aos seus estados com um grande padre filho de Sadoc, e doze mil homens, tomados de cada tribu, se estabeleceram na Ethiopia: que depois d'elle a Ginecocracia antiga fôra mudada, succedendo aos filhos dos Reis no throno, contra a lei immemorial, que estabelecia a successão na linha das filhas. Comtudo custa a comprehender, a serie dos tempos mostran-

do-nos Rainhas muitos celebres entre elles, donde se pode concluir que elles teem ainda uma especie de Ginecocracia tal como se vê em ambas as Indias, com esta diferença não menos que se pode fazer, que depois d'aquelle tempo os Reis se cazavão nas suas mesmas familias, o que terá mais facilmente conservado a descendencia pela multiplicidade das gerações no mesmo sangue. De lá é que tem ainda conservado muitos usos do Judaismo, entre os quaes se não deve pôr a circumcisão, que elles tinhão antes, assim como Herodoto o certifica, e que é usada pelo sexo que não era entre os Judeus.

Caudace, que fórma a segunda época, é aquella Rainha celebre, de que S. Filippe Diacono baptizou o eunuco; e é d'uma, e da outra que elles receberam a Religião Christã. Pretendem que este nome, Caudace, hoje um nome generico, era o que se dava a todas as suas Rainhas, como davão o de Faraó a todos os Reis do Egypto.

Ignorão-se os limites da Ethyopia antiga. E' quasi certo que ella se extendia, assim como já diesemos, pelas duas Arabias. Isto é o que se póde conjecturar da natureza mesmo dos presentes que a Rainha de Sabá trouxe a Salomão. As cidades de Saback e d'Axuma, cujas ruinas se vêem ainda na alta Ethyopia, podião ser capitaes do imperio; mas pode-se concluir pelas grandes riquezas que julgaram á Rainha de Sabá, que ella tinha um imperio muito extenso.

A Ethyopia d'Africa era limitada, pouco antes que os Portuguezes alli abordassem, ao Septentrião pelo Egypto e pela Nubia, ao Oriente pelo mar Roxo, e a costa de Zanguebar, ao meio dia pelo Monomotapa, e ao Occidente pelo paiz dos negros. Porém quando os Portuguezes alli entraram, os Musulmanos se tinhão apoderado de todas as praças maritimas, exceptuando Arquico, que nunca tiveram;

e no centro das terras muitos povos barbaros, e os Galles em particular, se têem levantado, e feito como independentes.

O Imperador da Ethyopía era como um idolo, que os seus vassallos mesmos, e os estrangeiros quasi nunca vião; a maior graça que elle fazia aos Reis tributarios era de lhes apresentar a sua mão, ou o seu pé para o beijarem, estando debaixo de um véo que o occultava aos seus olhos. Os Portuguezes o familiarisaram um pouco mais, de sorte que hoje se mostra, e não segue mais a etiqueta rigorosa do ceremonial dos primeiros tempos. Traz uma touca particular coberta de tecido d'ouro e prata, e aderessada com algumas perolas. Tem de ordinario na mão uma pequena cruz, que é o signal da ordem de Diacono, que elle recebe sempre para commungar debaixo das duas especies, e entrar no sanctuario, o que não podem fazer os leigos.

Este Principe não tem morada fixa. A capital do seu imperio é uma cidade ambulante, e propriamente um campo de quasi 40 para 50 mil homens de guerra, os dois terços de infanteria, e o resto de cavallaria. Além d'isto elle tem mais o duplo ou triplo de outras pessoas do serviço para conservação do campo. Todos morão em barracas, a mesma igreja e o palacio do Imperador o são. Porém a ordem das cousas é tão bella, que não ha cidade mais bem governada, e com melhor policia. Os Abexins não sabem o que são cidades muradas. Elles têem por principio, que a força d'uma praça consiste no valor e na multidão dos homens, e não em baluartes e parapeitos. Têem comtudo quantidade de aldêas, assentadas em planicies immensas, e que fazem maravilhoso effeito á vista pela sua proximidade apparente. As suas casas são só de madeira, e com um andar sómente. Em cada provincia não ha mais do que uma casa de pedra, que é a da justiça, onde nin-

güem pode entrar na auzencia do Governador, posto que esteja sempre aberta. O padre Paes, jesuita, tendo edificado uma casa de muitos andares para lhe servir de habitação, e de igreja, esta casa foi pela sua singularidade um objecto curioso para todo o paiz. Isto não era assim nos primeiros tempos. Achão-se na Ethyopia ruinas de cidades soberbas, e de edificios magnificos, que dizem ser da primeira antiguidade.

A Ethyopia é um paiz cheio de montanhas d'uma excessiva altura, e muito agrestes, porém as planices são formosas e mui ferteis. O que tem de mais curioso são as nascentes do Nilo, tão procuradas, e tão desconhecidas da antiguidade profana. Os jesuitas as descobriram viajando na comitiva do Imperador. O grande Affonso d'Albuquerque tinha, segundo dizem, formado o projecto, de accordo com o Imperador, de mudar o curso d'este rio, e de o fazer desaguar no mar Roxo. Isto teria feito morrer todo o Egypto, que não recebe outras aguas senão as do Nilo, tão celebre pela fecundidade que alli lhe leva. Porém affirmão que este projecto é absolutamente impossivel na sua execução; mas ainda mesmo que seja quimerico, é bello o têl-o concebido, e faz honra ás idéas d'este heróe.

Os Abexins são muito supersticiosos: a sua religião, ainda que christã, currompida pelas herezias de Nestorio, e de Dioscoro, é além d'isto misturada de judaismo, de paganismo, e da infatuação das advinhações. Teem uma ordem hierarchica todos os gráus do sacerdocio, até ao Abuna, que é o bispo da Côrte, e o unico de todo o Imperio. Este Abuna, é enviado pelo patriarca scismatico d'Alexandria, que elles reconhecem por soberano pastor.

Tem além d'isto uma quantidade prodigiosa de monges, que alli se introdusiram antigamente pelo Egypto, e

de que a maior parte seguem a regra de Santo Antonio. Todos, tanto seculares como regulares, affectão uma grande auctoridade, e são muito abstinentes. Comtudo isto são summamente ignorantes, pouco versados nas materias theológicas, obstinados, e preocupados das suas falsas opiniões, como se não pode expressar, principalmente os ecclesiasticos, e religiosos: e como o povo lhes tem muito grande respeito, porque são em grande numero, o seu estado os livra d'uma especie de escravidão, e o mesmo Imperador tem alguma sorte de dependencia do Abuna; por estes motivos se tem feito a conversão d'estes povos muito dificil, e esgotado em vãos esforços todos os trabalhos dos Missionarios que teem cultivado esta vinha infructifera.

Tornemos entre tanto á viagem de D. Rodrigo de Lima, que Diogo Lopes de Sequeira tinha entregado ao Barnagais, e ao Governador d'Arquico, com as treze pessoas da sua comitiva, antes que partisse do porto de Maçua. Pondo-se estes em marcha para hirem á Côrte do Imperador, perderam nos primeiros dias o bom Embaixador Matheus, que morreu no mosteiro de Bisan com grandes sentimentos de piedade, e d'uma doce consolação, na esperança das recompensas que terião suas fadigas pelo bem espiritual, e temporal da Ethyopia, pela união de dois grandes Principes que podiam para isso concorrer.

A morte d'este santo homem foi uma sensivel perda para os Portuguezes, a quem elle faltava na maior necessidade. Porque além de que lhes teria servido d'interprete fiel, tinha tido muito credito sobre o espirito de D. Rodrigo de Lima, para lhe fazer conhecer a rasão em muitas occasiões, em que elle excedeu todos os limites razoaveis.

Bem diferente do Embaixador Galvão, que a Côrte tinha enviado, e que morreu na Ilha de Camarão, D. Rodri-

go de Lima, em lugar da prudencia, da experiencia, e da sagacidade, que Galvão tinha mostrado em tantas negociações, e interesses nas principaes côrtes da Europa, era d'um genio arrebatado, e d'uma impaciencia excessiva que lhe causaram muitos desgostos.

Depois de mui grandes fadigas, e desgostos de viagens, finalmente chegou D. Rodrigo de Lima á côrte com a sua comitiva. Quiz o Imperador dar-lhe audiencia com uma magestade, e magnificencia, cuja descripção, que deu o Padre Francisco Alvares, capelão da Embaixada, faz ver a grandeza d'este Principe. E' verdade que teem pretendido depois, que em todo este preparo, havia uma ostentação extraordinaria, conforme á vaidade d'esta nação, cujo fim era então engrandecer os objectos na presença d'estes estrangeiros, para lhes fazer estimar muito a sua alliança. O Embaixador foi chamado muitas vezes com a mesma pompa até aos pés do throno, sem nunca vêr a pessoa do monarca; o que lhe deu muito desgosto.

Na primeira audiencia, D. Rodrigo de Lima offereceu seus presentes, que consistião em uma espada e um punhal ricamente guarnecidos, uma couraça, todas as armas defensivas, duas pequenas peças de canhão de bronze, balas proporcionadas ao calibre das duas pequenas peças, dois barrís de polvora, quatro peças de tapeçaria da melhor, um orgão, e um mappa do mundo, a que o Embaixador ajuntou quatro saccos de pimenta, que tinha para seu uso. Este presente, foi mal recebido, porque os domesticos do defuncto Embaixador Matheus tinhão feito saber ao Imperador, que não era este o que lhe tinha mandado El-Rei de Portugal. Este accidente causou tambem a D. Rodrigo de Lima novas mortificações, e foi obrigado a conceder, para adoçar o espirito do principe, que era verdade, que o presente d'El-Rei estava ainda em poder do Governador

Geral da India, e que seria enviado fielmente a Sua Alteza.

O Imperador mostrou comtudo que despresava o presente, e o fez distribuir pelos pobres, e pelas igrejas.

Finalmente depois de terem cansado a paciencia de D. Rodrigo de Lima por mais d'um mez, correu-se o véo que occultava a pessoa do principe. Appareceu este assentado sobre um throno alto, com a corôa na cabeça, e o rosto meio coberto com uma graça, que um pagem abaixava, e levantava de tempo em tempo. Parecia ter pouco mais de vinte annos, e tinha muito bom agrado, ainda que moreno como são os Abexins. A audiencia foi de mercês, e o Imperador certificou a satisfação que tinha de entrar em alliança com El-Rei de Portugal, a quem permittiu desde logo fundar fortalezas em Maçua, em Suaquem, e em Zeila, promemettendo ajudal-o, para a fundação, com homens, viveres, dinheiro, e materiaes.

Depois d'isto, o Imperador se mostrou muitas vezes, sem este fasto que o cercava, e com mais familiaridade viu, e conversou muitas vezes em particular com o Padre Francisco Alvares, sobre os negocios da religião Quiz-lhe ver dizer missa conforme o rito latino, e lhe assistiu a ella com toda a sua Côrte. Mostrou-se contente de vêr as ceremonias da igreja Romana, e concebeu ao mesmo tempo uma alta idéa d'este ecclesiastico, pue alli adquirio a reputação de um Santo. Os Portuguezes tiverão da sua parte a satisfação de verem Pedro da Covilhã, que não podia conter a alegria de encontrar os seus nacionaes, e ao mesmo tempo derramava muitas lagrimas com a lembrança da sua patria, que não devia vêr mais por causa da sua idade estar muito adiantada e das obrigações que tinha tomado.

O Imperador forneceu sempre com abundancia a sustentação do Embaixador, e dos seus que seguião a Côrte nas differentes marchas que elle fez, e de que o Padre Francisco Alvares nos deixou uma relação magnifica.

Desde a primeira distribuição que se fez por ordem do Imperador, D. Rodrigo de Lima, que julgou que tudo era para si, repartiu pouco com os da sua comitiva; o que escandalizou de modo tal Jorge de Abreu, e Lopo da Gama, que chegaram ás palavras mais injuriosas, em presença mesmo dos primeiros ministros do Imperador, os quaes ficaram muito escandalisados, e relataram tudo a este Principe.

Este procedimento tão indecoroso e até indecente em um homem revestido de certo caracter, foi seguido por outro ainda peior. Porque tendo-se o Imperador empenhado duas vezes para os reconciliar, e fazer cessar o escandalo, nunca D. Rodrigo de Lima quiz admittir reconciliação alguma; de sorte que na comitiva do Imperador foi obrigado a tomar elle mesmo as medidas convenientes para evitar maiores contendas.

D. Rodrigo de Lima, tendo tido sua audiencia de despedida, e seguido jornada, o Imperador, o fez acompanhar pelo seu Mordomo mór, e por mais outro dos grandes senhores da sua Côrte, e lhe mandou dizer por estes, que queria absolutamente, que elle se reconciliasse com Abrêu. Para isto se precisaram muitas conferencias. Comtudo conseguiu-se a paz. Abraçaram-se finalmente, mas desde então se quizerão cada vez peior.

D. Rodrigo de Lima ordenou ao seu despenseiro que não desse viveres a Abrêu. De balde o Mordomo mór lhe mostrou a sem razão que fazia, pois que elle presistiu porfiadamente, e Abrêu mais irritado que nunca, resolveu fa-

zêl-os dar por força, e chegou a acções ainda as mais molestas, sem que o Barnagais em pessoa podesse moderar as violencias d'estes dous homens. Indignou-se por modo tal este Principe, que depois de lhes ter tirado as cartas, e o presente que o Imperador enviava a El-Rei de Portugal, os fez reconduzir prêsos para a côrte, com o fim de alli os fazer castigar.

Os negocios se acommodaram um pouco na côrte, ao menos em quanto ás apparencias. Comtudo D. Rodrigo de Lima recebeu as cartas que lhe escreveu D. Luiz de Menezes, que tinha vindo a Malaca para o reter, e não o achando, lhe assignalou um dia até ao qual o esperaria. Por estas mesmas cartas o avisava da morte d'El-Rei D. Manuel, de que o Imperador mostrou um grande sentimento; pelo que ordenou um jejum rigoroso de trez dias successivos, dentro dos quaes todas as lojas se conservaram fechadas. Não se comprava nem vendia alguma das cousas mais necessarias para a vida. Depois d'este luto, succedeu o acontecimento de saberem que D. Manuel estava substituido pela pessoa d'El-Rei D. João III.

Finalmente depois de seis annos de residencia na Ethiopia, teve D. Rodrigo de Lima audiencia de despedida do Imperador, o qual enviou por seu Embaixador para Portugal *Zagata-Ab*, socerdote, e bispo (que os nossos escriptores commumente chamão *Zagazabo*) com cartas para El-Rei D. João III., e para o Papa Clemente VII.

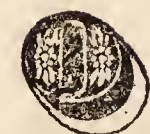
O Padre Francisco Alvares acompanhou a D. Rodrigo de Lima. Heytor da Silveira recebeu estes seus compatriotas no porto de Maçuá, d'onde os conduzio para as indias. De lá se embarcaram para Lisboa, onde depois chegaram mui felizmente. El-Rei D. João III. os recebeu em Coimbra com honras extraordinarias, e fez hir esperal-os ao ca-

minho todos os Prelados, e Titulares que alli tinha na sua Côrte.

Tendo El-Rei D. João III. enviado depois D. Martinho de Portugal seu sobrinho, com Embaixada ao Papa Clemente VII., o Padre Francisco Alvares seguiu este Principe, tendo tambem o caracter de Embaixador do Imperador da Ethyopia, e nesta qualidade teve a honra de praticar com Sua Santidade, que se achava em Bolonha, onde devia coroar o Imperador Carlos V.

A assembléa era das mais augustas, e se o Padre Francisco Alvares teve a satisfação de apparecer nella, com um caracter muito superior á sua primeira fortuna, o Soberano Pontifice não o teve menos de receber as cartas, que elle lhe apresentou da parte d'um Principe, de que havia na Europa uma idéa bem superior ao que elle na verdade era; que lhe dava titulos magnificos, e o lisongeava com a esperança de fazer entrar o seu imperio nos sentimentos de submissão á Igreja Romana.

CAPITULO V.

ANNO DE 1527.

O Rei de Bintam tendo sido restituido pelos Portuguezes, commandados por D. Pedro de Mascarenhas, á posse dos seus Estados, faz-se tributario a El-Rei de Portugal. Nuno da Cunha obriga o Rei de Mombaça a pagar igualmente um tributo á corôa Portugueza. Belchior de Souza Tavares foi em auxilio do Rei de Baçorá contra o de Gizaira; sitio d'aquella cidade.

Henrique de Menezes successor do grande Al-

mirante D. Vasco da Gama no governo da India, faleceu em Cananôr em 2 de Fevereiro de 1526. Tanto, que a noticia da sua morte chegou a Cochim, Lopo Vaz de Sam Payo governador da praça, e os principaes officiaes, se ajuntaram na casa de Affonso de Mexia intendente da Fazenda real, para abrirem a segunda successão com as formalidades prescriptas. Acharam o nome de D. Pedro de Mascarenhas, que era então governador de Malaca; porém como erão necessarios muitos mezes para poder chegar á India, abriu-se a terceira successão, e achando-se nomeado Lopo Vaz de Sam Payo, foi este immediatamente reconhecido Governador Geral da India.

No entretanto D. Pedro de Mascarenhas não estava occioso em Malaca, e reunindo vinte embarcações com 400 Portuguezes, e 600 Malaios, intentou a conquista de Bintam, Reino naquelle tempo de bastante importancia.

A cidade de Bintam dista umas 60 leguas de Malaca, está situada na extremidade do estreito de Sincapur, e só é separada da terra firme por um pequeno braço de mar, sobre o qual tinhão feito uma ponte para a communicação d'uma e outra praia. A povoação situada neste lugar estava cercada por trez ordens de espinhaes vivos, cujas pontas são envenenadas, e o defendião melhor do que fossos. O terreno era tão lodoso, que todas as cazas estavão fundadas sobre estacarias, e passavão d'umas para as outras por pontes levadiças. Só o palacio do Rei fundado sobre uma eminencia era d'uma construcção solida. Além do cêrco d'uma triplicada ordem de silvadó, havia um quarto circuito feito de estacas e taipa, o qual formava uma muralha em torno da praça, que tinha suas portas onde fazião guardas exactas. Sobre esta muralha, e sobre dois baluartes que estavão na frente da ponte, havião assestadas trezentas peças de artilheria. O canal do braço de mar, além de ser

tortuoso por extremo, estava embaraçado pelas traves, e estacas, que alli tinhão cravado a toda a força, de modo que só havia passagem para as pequenas embarcações.

D. Pedro de Mascarenhas tendo ancorado ao largo da Ilha, fez logo sondar o rio ou braço de mar, e enviou depois uma embarcação a reboque por dois calallusses, resoluto a attacar pela ponte, assim como tinha feito Affonso d'Albuquerque na tomada de Malaca. Francisco Serrão, que commandava este navio, encontrou alli tantas difficuldades, que tudo o que podia fazer no espaço d'um dia, era avançar o comprimento d'um cabo com difficuldades, e perigos extremos, por causa do grande fogo dos inimigos, que a final o obrigaram a disistir da empreza.

Avisado o Rei de Pam do perigo em que estava seu sogro, fez partir de prompto 30 lanchas com dois mil homens, e toda a sorte de provisões. O General não lhes deu tempo de ganharem a Ilha, foi esperal-os, desbaratou-os, afugentou-os, e lhes tomou 12 dos barcos. Francisco Serrão tendo tornado ao seu trabalho, o adiantou com tanto esforço e frequencia, que depois de 15 dias d'uma fadiga immensa, chegou até á ponte, e a afferrou; posto que a sua embarcação fosse tão crivada de tiros, que era um prodigio não ter já hido a pique. Em vão os inimigos de noite cortaram as amarras. Francisco Serrão fez deitar novas espias, de cadêas de ferro mui grossas.

Mahumud desesperado de vêr que a sua artilheria não tinha podido desfazer a embarcação, ou fazêl-a encalhar, mandou a Laczamana, que metesse sem demora onze lanchas ao mar, e que a fosse atacar com mil e quinhentos homens. A ordem do principe foi logo executada com muito valor, e determinação. Os Portuguezes se defenderam como leões; porém, não obstante a sua valentia, não poderam

impedir que os inimigos ganhassem a embarcação, onde subiram pela parte do beque, e os fizerão recuar até ao mastro grande.

Combatendo alli Francisco Serrão como um heróe, cahiu quasi morto, abatido pelo muito trabalho. O abatimento do Chefe seria inevitavelmente seguido pelo de todos os mais, se D. Pedro de Mascarenhas, que desde os primeiros tiros de canhão conheceu logo o perigo em que estavão os seus, tomando comsigo Duarte Coelho, e alguns dos mais valorosos e resolutos, não se deitasse em uma balandra para voar a soccorrêl-os. A' força de rêmos alcançou de prompto o lugar do combate, onde abrindo caminho por entre as lanchas, com o favor das granadas, subio á embarcação, e tomando o posto d'aquelles a quem o trabalho, e as feridas já tinhão quasi expulsado da lucta, não deixou alli um unico dos inimigos com vida: os outros foram tambem apartados, e não ousando aproximarem-se ao navio trataram todos de procurar a sua salvação na fugida. O que houve de mais singular nesta acção, verdadeiramente bella, é que neste pequeno numero de valorosos, os quaes estavão tão embebidos no combate, que não percebêram o soccorro que lhes tinha vindo, não houve um só d'entre elles que morresse das feridas, que cada um tinha recebido em abundancia.

D. Pedro de Mascarenhas, satisfeito com este successo, não deixou comtudo de se assustar com a vista dos obstaculos que lhe restavão para vencer, quando contemplou e analysou de perto a ordem dos entrincheiramentos que ainda devia expugnar. Todavia considerando que não tinha tempo para perder, se dispoz a atacar de noite pela frente da ponta, que prendia com a terra firme; porém, para chamar a attenção dos inimigos á parte opposta, fez saltar em terra na Ilha, do lado da praça, as tropas Malayesas,

commandadas por Sanaia Raya, e Tuam Mahamede, a quem tinha unido 40 Portuguezes, como se tivera tenção de atacar a praça pelos entrincheiramentos d'aquella banda. D. Pedro de Mascarenhas foi descer uma legua abaixo da ponte sobre a praia opposta, d'onde os inimigos não tinhão alguma desconfiança, por ser um paiz todo debaixo d'agua. E posto que com effeito tiveram muito trabalho, principalmente na escuridade da noite, para se tirarem dos lôdos, e da agua, que algumas vezes lhes dava pela cintura, e mesmo outras vezes até aos sovacos dos braços, salvaram comtudo os máus passos, e se acharam ainda muito frescos para pelejar.

Duas ou trez horas antes do romper do dia, tendo Francisco Serrão feito os signaes, que tinha ajustado com o General, e deitado granadas, e artificios no baluarte do ataque, Sanaia Raya começou a mover-se com todas as suas tropas, fazendo grande estrondo de clarins, trombetas, tambores, gritos redobrados levantados por toda a multidão á maneira dos Indios, e o jogo da artilheria, que o horror da noite fazia ainda mais medonho. Despertado o inimigo por este ataque inopinado, e enganado por um semelhante fingimento, acudiu á parte d'onde sentia o barulho, assim como o General havia premeditado. Laczamana, que commandava nos entrincheiramentos, dispondo a sua gente o melhor que poude, a animou, e a poz em ordem de pelejar.

Começado o combate de ambos os lados, os tiros vôão aos milheiros de toda a parte. Comtudo D. Pedro de Mascarenhas, que esperava só por este momento, dá o assalto ao primeiro baluarte, e o toma; ganha a ponte, e o segundo baluarte com a mesma facilidade, e se espalha pela cidade com a flôr das tropas, onde seguindo o fogo do ardor militar, e da vingança, encheu tudo de sangue e de

mortandade. O inimigo surprehendido, e atemorisado, não sabia para onde corresse ou aonde melhor se poderia defender.

Mahamud, a quem os primeiros fugitivos levaram á triste noticia de que os inimigos já estavão de posse da cidade, não o podia comprehender, e se contentava com desabafar a sua colera pelas reprehenções que lhes deu da sua vergonhosa fraqueza. Só porém acreditou totalmente o que lhe havião dito, quando o dia lhe mostrou a destruição que lhe tinhão feito de noite. Então, pensando elle mesmo só que devia fugir quanto antes, montou em um elefante, que pouco depois deixou, para poder melhor occultar a sua marcha salvando-se nos matos; e como lá mesmo não se julgasse seguro, passou para a terra firme, e se retirou para uma cidade onde foi morrer consumido pelas tristezas, e desgostos successivos.

O general tendo-o feito procurar em vão, entregou á pilhagem a cidade, e o proprio palacio, onde achou grandes riquezas. Tendo depois trabalhado quinze dias para destruir todas as fortificações, limpou o rio, tirou a artilheria, e finalmente restituio a propriedade da Ilha ao seu primeiro senhor, que Mahamud tinha desapossado, com a condição porém, que elle a possuiria debaixo da fé, e homenagem de Portugal, e que não levantaria mais as fortificações derribadas: e depois d'isto voltou para Malaca, coberto de honra e de gloria.

Chegando Nuno da Cunha defronte de Mombaça em desessete de Novembro, a uma Ilhota que está fóra da barra, veiu alli ter um zambuco carregado de gente, onde vinha um Mouro honrado, que era senhor d'um lugar chamado Tondo, visinho de Mombaça, e vinha offerecer-se a Nuno da Cunha para o acompanhar na sua empreza. Este

porém se escusou de o levar, dizendo que lhe bastava a gente Portugueza; e que se levava a que elle via de Melinde, éra em consideração de elles serem tambem offendidos pelo Rei de Mombaça e serem subditos de El-Rei de Portugal.

O senhor de Tondo replicou porém, que em quanto a elle não ser subdito de El-Rei de Portugal, não era isso por falta de vontade sua, mas que fôra sempre de tão humilde fortuna que nunca os Portuguezes se quizeram servir de sua terra. E por outra parte, pelo que respeita ás offensas do Rei de Mombaça, ninguem tinha recebido mais do que elle, por o dito Rei lhe conhecer vontade de se avassalar a Portugal. Que o Rei de Mombaça tinha hido contra elle, e depois de ver que por armas o não vencia, assentára paz com elle; e estando seguro pelas condições estabelecidas e juramento da paz, o prendera, hindo a sua caza uma vez de visita, onde o teve muito tempo inclausurado; até que os povos Sapangas, em razão de parentesco e amizade que com elle tinhão, fizeram por sua cauza guerra a El-Rei de Mombaça; e que a final, por condição de pazes que assentaram com o Rei, fôra elle solto e tornára para o seu senhorio. Que finalmente por memoria da injuria recebida do Rei de Mombaça, elle trazia aquella cadêa de prata que lhe vião aos pés, a qual nunca mais tiraria em quanto não conseguisse prender a El-Rei de Mombaça. Concluindo que, pelos motivos expendidos, seria de muita justiça que o deixasse hir em companhia com os Portuguezes; o que Nuno da Cunha lhe concedeu, vendo a grande dôr e magoa com que o senhor de Tondo contava esta offensa.

Quando o Vice-Rei D. Francisco de Almeida destruio a cidade de Mombaça, já esta tinha um baluarte em uma das bocas do estreito; o qual então estava ainda muito mais forte e bem provido de artilheria, pois que o Rei tinha fei-

to recolher toda a que poderam haver das Náos Portuguezas, que se perderam naquella paragem, de que erão capitães D. Fernando de Monroy e Francisco de Souza Mancias; e fez tambem o Rei de Mombaça metter alli muitas munições de toda a especie, porque já estava avizado por Mouros de Melinde, de que Nuno da Cunha hia sobre elle. A qual nova, não sómente o fez prover de toda a deffensão nesta entrada, onde tinha a sua maior fôrça, mas ainda da terra firme tinha mettido na cidade uns cinco ou seis mil frecheiros, dos negros a que elles chamão Cafres, que é gente muî ligeira em seu modo de pelejar, e muitissimo ousada em acometter.

Depois que Nuno da Cunha chegou á barra d'este rio, posto que trazia comsigo Mouros de Melinde, os quaes sabião mui bem aquella entrada, por não confiar d'elles um negocio de tanta importancia, mandou adiante Pero Vaz da Cunha, seu irmão, em um batel grande, e Diogo Botelho Pereira no seu, com alguns dos pilotos da armada, e alguns dos Mouros; com ordem de entrarem pelo rio e hirem sondando, até defronte da cidade; de onde lhe devião fazer signal, se havia alli sufficiente fundo para entrarem as Náos. Foi isto pontualmente executado, ainda que, com bastante perigo de suas vidas, porque tanto na entrada como na sahida foram mui bem servidos pela artelheria que dava para sobre o rio no baluarte de que fallámos: mas permittiu Deus que não soffressem damno algum.

Recebido o signal porque Nuno da Cunha esperava, deu logo á vella; pelo caminho hião tocando muitas trombetas e todo o genero de instrumentos apropriados, juntamente com uma enorme gritaria, que era uzo fazerem, invocando S. Thiago, quando acomettião os inimigos.

Caminhando os navios nesta ordem, Jordão de Freitas

que hia adiante em um zambuco logo recebeu do baluarte duas grandes bombardadas, uma das quaes levou a perna a um Antonio Dias, natural de Crato, de que pouco depois morreu. Atraz hia Jordão de Freitas, que seguia Lionel de Taide em seu navio, e posto que as obras mortas lhe foram desfeitas com pelouros, no entanto não perigou pessôa alguma. Seguia-se depois o navio onde hia Diogo Botelho Pereira; a este mataram-lhe o dispenseiro, e destruiram-lhe uma peça d'artilheria.

No zambuco em que hião os Mouros, quebraram a mão direita a Cide Bubac, sobrinho de El-Rei de Melinde. E as Náos que levavão Nuno da Cunha e D. Fernando de Lima, como fazião melhores pontarias, e d'ellas ao baluarte não havia maior distancia que a de um tiro de pedra, foram muito bem varejadas pela artilheria; mas tambem succedeu, em compensação d'isto, que um tiro dispedido da Náo de Nuno da Cunha, quebrou uma peça de grosso calibre, do baluarte, o que poz os inimigos em grande embaraço, e fez com que se moderassem um pouco mais, em quanto as Náos passaram. Finalmente, não ficou uma unica das embarcações Portuguezas onde não houvesse lenha e sangue, tudo produzido pelo tal baluarte.

Nuno da Cunha, posto que a seu pezar, foi tomar pouzo defronte da cidade, era já quasi sol posto, em umas oito braças de fundo. Como fosse já muito limitado o espaço que havia de dia, para mesmo assim o aproveitar, se metteu o proprio Nuno da Cunha immediatamente em um esquife, com mais algumas pessoas que para isso chamou, e andou rodeando a cidade, e analysando-a por todos os lados, afim de vêr porque parte a poderia melhor acometter. Chegando a uma ponta, onde os Mouros tinhão uns zambucos varados, que foi por onde o Vice-Rei D. Francisco entrou quando destruio aquella cidade, achou alli por resguardo

de uma porta do muro, que era baixo, uns andaimes construidos de madeira com algumas deffensas para evitar que os Portuguezes por alli podessem entrar.

Como Nuno da Cunha não ficasse satisfeito e bem informado do que tinha visto, em razão de ser já escúro; esperando depois a sahida do Luar, mandou D. Fernando de Lima no seu esquife, para que fosse analysar minuciosamente o circuito da cidade, e visse se os Mouros fazião alguma obra nos lugares que elle notou: nesta descoberta lhe feriram o Mestre em uma mão com uma frecha ervada, e ainda outro individuo com outra, os quaes foi um grande milagre o escaparem da morte, em razão da força do veneno de que uzão commumente.

Os Mouros, como tivessem vigias sobre tudo o que os Portuguezes fazião, não deixaram de sentir a hida do batel, e toda a noite estiveram lançando settas perdidas sobre as Náos, sendo tantas e tão amiudadas que parecia um choveiro d'ellas. E como das Náos lhes dirigião de vez em quando alguns tiros de canhão, o clarão d'estes lhes servia mui bem para fazerem as suas pontarias mais certas.

Quando D. Fernando de Lima voltou, reunio immediatamente Nuno da Cunha conselho, onde se tratou de combinar o modo menos arriscado, como poderião conseguir o saltarem em terra na manhã seguinte. O restante da noite foi passado por uns a concertarem e arranjarem suas armas para lhe servirem bem no dia seguinte; outros fazião confissões, e testamentos; e muitos finalmente passaram aquelle bocado de noite em grandes folias e cantatas, mostrando o anciozo desejo que tinhão de vêr chegada a manhã para ter lugar o ataque.

Ao romper do dia já Nuno da Cunha estava em terra,

n'um lugar um pouco affastado da frente da cidade, o qual elle considerava como a melhor parte por onde podia dirigir o assalto (*). A gente com que elle contou, nesta empreza, foram uns quatrocentos e cincoenta homens, em que haverião talvez não mais de sessenta espingardeiros. Tanto que se viu com esta gente em terra, tratou logo de apartar cento e cincoenta homens todos fidalgos e nobres, e trinta espingardeiros, com os quaes mandou hir na frente, em direitura ás muralhas da cidade, que distarião d'aquelle lugar mais de mil passos, a seu irmão Pero Vaz da Cunha. E Nuno da Cunha o seguio tambem com todo o restante da gente.

Pero Vaz da Cunha, como desejava ganhar a honra da dianteira, que lhe fòra concedida, posto que topou com alguns Mouros, que estavão fora das portas da cidade embuscados por entre valles e sepulturas, os quaes lhe frechavão a gente, não curou comtudo de se embaraçar com elles, e seguio sempre ávante até topar com o muro da cidade. Aqui já os Mouros erão em grande multidão, e tinhão ferido alguns Portuguezes com as frechas ervadas.

Apenas, porém, sentiram os Mouros as nossas descargas, que erão mais estrondosas, e os effeitos tanto d'estas, ou das espingardas, como das lançadas, que estiravão d'elles aos centos, trataram de encomendar a vida aos pés, e se affastavão do perigo quanto mais podião. E o que os fez retirar mais desordenados, foi o aviso que tinhão recebido de

(*) *Escreve Francisco de Andrade*, que Nuno da Cunha desembarcou junto de uma mesquita, pouco abaixo da cidade a assaltar, aonde havia um bom desembarcadouro ou cáes, o qual lhe foi indicado por um Mouro piloto, que tinha vindo com Jordão de Freitas. *E Diogo do Couto diz*, que este Mouro veiu, a nado, fugido da cidade: E outro tanto *diz Castanheda*.

Melinde de que Nuno da Cunha hia sobre elles, em resultado do que havião posto suas mulheres, filhos, e as suas melhores fazendas, a salvo, entre o arvoredo da Ilha, e sómente deixaram alguns frecheiros que trabalharam quanto poderam para entreter os Portuguezes.

Mas, quando viram estes subirem por cima das muralhas como áves, largaram e abandonaram totalmente a cidade; de maneira que, Pero Vaz da Cunha, mandou arvorar uma bandeira em uma caza alta, para servir de signal da sua entrada, tanto para seu irmão, que para alli caminhava, como para os que tinhão ficado a bordo dos navios; os quaes, tanto que avistaram a tal bandeira, responderam logo a este signal de victoria com grandes gritarias e tiros d'artilheria, que ainda produziram maior terror nos Mouros. Caminharam depois todos, direitos aos paços de El-Rei, que ficavão em um alto onde se devião juntar, mandando tambem abrir as portas da ribeira á gente do mar, para que entrassem na ordem que elle tinha assentado.

Posto que Deus permitisse que a entrada dos Portuguezes nesta cidade fosse concluida sem custo, e por consequencia sem derramamento de sangue, naquelle acto, todavia correram alguns grande perigo, entre os quaes se nota D. Fernando de Lima, com um mancebo Mouro, filho de Munho Mototo parente d'El-Rei, e seu Regedor. Era este mancebo bem disposto, e andava namorado d'uma sobrinha d'El-Rei. No dia antecedente ao da entrada na cidade, quando esta se despejava, sahindo esta donzella com mais mulheres, aconteceu encontrar o seu servidor na companhia d'outros homens, nobres como elle, e quando ella passou por junto d'elles lhes dirigiu estas palavras: — *Que fraqueza é esta cavalleiros de Mombaça, que consentis que nósoutras mulheres sejamos assim expulsas de nossas cazas para nos hirmos metter em poder dos Negros Cafres?* — Es-

tas expressões de tal modo envergonharam o seu servidor, que chegando-se a ella, lhe disse em vóz bem alta: — *Pois que assim me afrontas em minha face, eu juro pélo amôr que te tenho, que antes de dous dias me hão-de chorar aquelles que me querem bem, e tu, sé é que m'o queres, não me terás mais para me dares o prémio do teu amôr,*

Tendo, assim este como os mais mancebos que o acompanhavão, feito voto de morrerem pela gloria de algum honroso e saliente feito, cada um se conloiou, para o desejado fim, com certos parceiros que os ajudassem; o ardil que aquelle mancebo tramou, foi hir introduzir-se n'uma caza, por onde passando D. Fernando de Lima, que elle reconheceu, pelas armas e companhia que levava, ser pessôa notavel, saltou-lhe de dentro como um Leão que esperava a prêsa, e levantando-o nos braços o derribou no chão. D. Fernando de Lima, ainda que era moço de bella estatura e bastante reforçado, teve um sobressalto tal, que naquelle momento não poude fazer mais do que abraçar-se com o antagonista e prender-lhe as mãos; o que deu tempo a que accudissem muitos pelas partes de ambos; e ninguem naquelle conflicto se portou melhor do que um creado de D. Fernando de Lima, com cuja ajuda foi o tal Mouro agressor logo morto; bem como succedeu a outros Mouros, que noutras partes cometteram attentados d'esta mesma natureza, com a tensão permeditada de se sacrificarem.

Finalmente a cidade foi de todo despejada dos vivos, porque os mortos ficaram estendidos pelas ruas. Quiz Deus que dos Portuguezes, tendo tido vinte e cinco feridos, não houvesse um unico morto, nem algum corresse perigo de morte, senão Luiz Falcão filho de João Falcão, e Antonio da Fonseca filho de João da Fonseca, Escrivão da Fazenda Real, por causa da erva. E quem observasse a grandeza d'esta cidade, a multidão do seu povo, a sua agreste situação,

e a estraiteza de suas ruas, que as proprias mulheres poderião deffender das janellas com pedras, parecer-lhes-hia, com razão, que milagrosamente Deus a quiz entregar nas nossas mãos, cegando aquelles Mouros para que á despejassem sem apreciavel resistencia. (*)

Tanto que Nuno da Cunha tomou posse de Mombaça; mandou arvorar a bandeira da Cruz de Christo, na mais alta torre das cazas de El-Rei. Deu licença aos Capitães para que fossem, com a sua gente de armas, buscar alguns mantimentos pela cidade, de que tinhão soffrido muita necessidade depois da perdição da Náo que os levava. Nuno da Cunha ficou aquelle dia nas cazas do Rei; distribuindo os Capitães por diversas estancias nas bôcas das ruas, que para alli davão entrada, bem como n'outros lugares por onde se julgava que os Mouros poderião accommetter.

No dia seguinte que foi Domingo, mandou Nuno da Cunha a D. Fernando de Lima (**) que fosse com duzentos homens ao baluarte da entrada do rio, para trazer-lhe as peças d'artilheria com que os Mouros os tinhão encommodado tanto; das quaes já elles tinhão algumas enterradas, que não appareceram; entre as que estavão no baluarte, e n'outros pontos da cidade assestadas em partes por onde parecia aos mouros que os Portuguezes poderião entrar, serião ao todo umas vinte peças, a maior parte de metal, algumas de grosso calibre, e com as armas Reaes de Portugal,

(*) Barros Dec. 4. Liv. 3. Cap. 5.

(**) *Francisco de Andrade, Diogo do Couto, e Castanheda,* dizem que foi D. Rodrigo de Lima irmão de D. Fernando de Lima, e que na entrada do baluarte fôra ferido d'uma frechada, de que morreu. E *João de Barros* diz no fim do Capitulo 7 que elle foi ferido na peleja da Náo de Méca, de cujo ferimento morreu depois em *Calaiate.*

por serem das Náos que alli se perderam como dissemos atraz.

A' volta vindo D. Fernando de Lima por fóra da cidade, por entre umas moitas, onde poderião estar milhares d'homens embuscados, lhe sahiu ao encontro um grande golpe de Mouros ás frechadas; e como o lugar ou o terreno lhes era favoravel, pois que erão muito leves no saltar, e os Portuguezes vinhão cançados do pêso das suas armas e do caminho, por a grande calma que fazia, frecharam elles á sua vontade. Aqui levou D. Fernando de Lima trez frechadas, seu irmão D. Rodrigo de Lima uma, e assim muitos outros que forão gravemente feridos, chegando talvez a mais de vinte; dos quaes logo ficou alli morto um João Ribeiro, creado do Cardeal Infante D. Affonso. Nuno da Cunha sabendo da embuscada, mandou seu irmão Pero Vaz para accudir, e posto que ao tempo que elle chegou, já D. Fernando estava dentro dos muros da cidade, andavão ainda os Mouros tão ousados, que forão encontrar Pero Vaz, e lhe feriram muita gente; mas acudindo logo os nossos espingardeiros, começaram por derribar alguns, e pozeram os outros em fugida.

No dia seguinte, chegaram-se outra vez os Mouros mui perto das cazas onde estava Nuno da Cunha, e começaram a frechal-as, como quem provocava os Portuguezes para sahirem a campo; custou-lhe porém este atrevimento bastante sangue, e algumas vidas; sendo depois obrigados a retirar-se, soffrendo os nossos duas mortes, ficando Pero Vaz da Cunha com uma perna atravessada de lado a lado, e feridos D. Simão filho de D. Diogo de Lima com mais alguns.

Continuando todavia os Mouros, quasi diariamente, a fazerem rebates, nos quaes os Portuguezes soffrião muito

damno, pois que os inimigos tinhão grandes arvoredos, tanto de fóra como de dentro da cidade, onde se encobrirem; mandou Nuno da Cunha a Lionel de Taide com alguma gente, queimar certas cazas pela Ilha, para a despejar o mais possivel dos Mouros, e decepar algum arvoredo onde elles se podião embuscar; não consentindo ao mesmo tempo que a sua gente sahisse fóra da cidade. Vendo os Mouros este receio manifestado pelos Portuguezes, como a cidade era grande, com mais atrevimento saltavão dentro aos magotes e hião furtar alguns mantimentos; continuando assim por uns trez dias, e ficando-lhes sempre muita gente morta pelas ruas da cidade.

Neste meio tempo chegou alli Aleixo de Souza, que Nuno da Cunha deixára com a gente doente em Zanzibar, e que depois mandára chamar para com a gente sã, se achar na tomada d'aquella cidade, o que elle não poude cumprir no devido praso, em consequencia de ter tido sempre tempo contrario; mas veiu ainda em occasião de ganhar muita honra. Com effeito, sahindo Nuno da Cunha a derribar uns laranjáes, onde se costumavão acoitar os mouros, derão-lhe noticia de que pela outra banda da cidade estavão entrando muitos a roubar. Mandou immediatamente lá Aleixo de Souza com alguma gente da sua, D. Rodrigo de Lima que hia ainda ferido da frechada do dia antecedente, e Diogo Botelho; os quaes mataram alguns Mouros e feriram muitos, que depois morreram; por cuja cauza houve grande pranto entre elles, principalmente por um que era dos principaes, e se veiu offerecer á morte de proposito, julgando que se salvaria sua alma se morresse nesta contenda; e a sorte que para este fim fez foi chegar-se tanto a Aleixo de Souza, que lhe deu uma cutilada n'um braço e outra acima da sobrancelha, por paga de cujo atrevimento ficou morto ás mãos do proprio Aleixo de Souza ajudado de Luiz Doria que alli accudio.

D'ahi em diante nunca mais os Mouros voltaram á cidade; não sómente pela tristeza e terror que entre elles produzio a morte acima citada, mas ainda porque Nuno da Cunha lhes mandára queimar quantos barcos havia ao redor da Ilha, pelos quaes elles para esta se passavão da terra firme.

Vendo Nuno da Cunha que a cidade de Mombaça era muito grande, que tinha mui pouca gente, e que os naturaes da terra erão mais destros em acometter e fugir, uzando além d'isso da erva nas frechas, que fazia tanto damno; determinou mandar vir gente da terra, costumada áquelle seu modo de pelejar, para que em harmonia com os nossos podessem expulsar de todo os Mouros d'aquella Ilha. Escreveu sobre isto a El-Rei de Melinde, o qual logo mandou um sobrinho seu, irmão do Principe herdeiro, com uns quinhentos Mouros honrados, o que foi depois uma nova de muito contentamento. Nuno da Cunha os recebeu com muitas festividades e grande estrondo de trombetas e atabales, para entristecer e amedrontar os habitantes de Mombaça. E como a cidade estava quasi despejada aquartelaram-se estes novos hospedes muito á sua vontade.

Da mesma maneira e com a mesma bôa vontade, por recado de Nuno da Cunha, veiu El-Rei de Montangane, que é uma pequena terra visinha de Mombaça e mui vexada por ella, trazendo duzentos homens comsigo. El-Rei da Ilha de Pemba, que fica fronteira a Mombaça, e é mui abastada em carnes e refrescos da terra, mandou grandes presentes a Nuno da Cunha; e outro tanto practicou El-Rei de Zanzibar, bem como todo o contorno de Mombaça, por todos estarem muito offendidos do Rei d'esta terra, como de um tyranno poderoso, que os queria subjugar; mostrando-se todos por esta cauza mui contentes pela sua destruição, e muito nossos amigos.

Com estes visinhos costumados ao modo de pelejar e aos áres da terra, em companhia dos Portuguezes, que lhes davão animo, os Mouros de Mombaça foram forçados a despejarem a Ilha, passando-se á terra firme, defronte de uma passagem, que de maré vazia podião atravessar a váu, e por onde vinhão alguns de noite buscar algumas couzas que lhes tinhão ficado em suas cazas, bem como alguns mantimentos para não morrerem de fome. A este lugar, que tinha forma de arraial, mandou Nuno da Cunha a Lionel de Taide, e D. Fernando de Lima, os quaes posto que fossem logo aprecebidos pelos Mouros que tinhão bôas vegias, todavia de caminho sempre queimaram algumas cazas na Ilha.

Nestas entradas ou especies de sortidas, que os Mouros fazião á Ilha, mais com fome do que com vontade de pelejar, vieram a descarar-se tanto, que querião já entrar na cidade; então sahiu, para se oppôr a isto, Pero Vaz da Cunha; e posto que ficassem estirados no campo alguns vinte e cinco Mouros, tambem Pero Vaz foi ferido d'uma frecha que lhe atravessou a perna a baixo do joelho, por milagre de Deus não foi esta ferida de morte; apenas foi envenenado pela erva um tal Figueiredo, creado de D. Luiz da Silveira Conde da Sortelha. Nuno da Cunha, além da ordem para pelejar e saquear a cidade, que deu aos Mouros de Melinde e a todos os mais, tambem lhes determinou que derribassem as cazas e destruissem tudo, porque a sua tensão era não deixar couza alguma em pé, para se pagar de tantos damnos que tinha recebido dos d'aquella terra.

Quando El-Rei de Mombaça se certificou de que Nuno da Cunha estava na firme determinação de alli invernar; e viu que os Mouros seus visinhos, lhe derribavão as cazas, e cortavão seus palmares, que era o mesmo que destruir-lhe parte da existencia, visto ser quasi aquelle o seu unico sustento; mandou dizer a Nuno da Cunha que lhe pedia,

folgasse antes de o reconhecer como vassallo de El-Rei de Portugal do que destruir-lhe as cazas de sua vivenda e berço de seus filhos: que finalmente lhe desse licença e segurança para lhe poder mandar uma pessoa de qualidade afim de fazer ajustes de paz.

Depois de passados mais alguns recados de parte a parte, veiu primeiro ter com Nuno da Cunha um Mouro honrado, por nome Munho Mototo, que era parente de El-Rei. Este assentou com Nuno da Cunha que El-Rei de Mombaça se avassallava á Corôa de Portugal, com o tributo de mil e quinhentos meticaes d'ouro cada anno, (*) e que logo pagaria trez annos adiantados. E que além d'isto, pelo resgate da cidade, e para a não queimarem e devastarem, daria ainda doze mil meticaes; ficando obrigado a servir El-Rei de Portugal, e a não recolher Turcos nem alguns outros inimigos dos Portuguezes em suas terras. Voltando depois o mesmo Mouro a dar noticia de que o Rei de Mombaça ficava contente com aquellas condições, trouxe logo a Nuno da Cunha mil e quinhentos meticaes em prata e ouro, dizendo-lhe que o restante viria depois, porquanto se estava rateiando por todos os habitantes da cidade, visto que todos elles participavão d'esta mercê e beneficio.

Despachou immediatamente, Nuno da Cunha, a Diogo Botelho Pereira para Portugal, com recados a El-Rei do que havia passado em sua viagem, o estado em que ficava, e como determinava hir invernar a Ormuz. Partiu Diogo Botelho Pereira a vinte e sete de Dezembro de mil quinhentos vinte e oito; e chegou a Lisboa em Junho do seguinte anno.

Estava já Nuno da Cunha em Ormuz quando Belchior

(*) **Valle cada metical d'ouro trezentos e sessenta reaes.**

de Souza Tavares alli chegou tambem, vindo de Baçorá por ter sido mandado a Ormuz com dous bergantins e quarenta homens de peleja, pelo Capitão Christovão de Mendonça, a pedido de Ale Mogemez Rei da d'aquella cidade, para o ajudarem a defender do Rei de Gizaira seu visinho, que lhe fazia continua guerra. Como Belchior de Souza Tavares foi o primeiro Capitão, que com mão armada entrou pelos dois rios Tigres e Eufrates, onde nunca poude entrar o poder dos Gregos e Romanos com seus grandes exercitos, quando contendião com os Reis de Babylonia e da Persia; não será de pouca importancia escrever-mos alguma cousa ácêrca da jornada de Belchior de Souza, que acentou paz entre os dous Reis de Ormuz e de Baçorá; e fez depois guerra a este por não cumprir com as condições ajustadas.

Tão temido era o nome Portuguez naquellas partes, que adiante se verá o que fez um Capitão de dous bergantins apenas com quarenta homens, e não entre os negros barbaros da Costa de Guiné, mas na mais celebrada terra de que as escripturas fazer mensão, que é nas correntes dos dous illustres rios Eufrates e Tigres, onde elles dão de beber aos povos Babylonios e Chaldeus, e onde hoje os Mouros teem a celebre cidade de Bagadad, e as sepulturas de Alli (*), e de alguns filhos seus, que são a cabeça de sua sei-

(*) Ali, foi filho de Abiltaleph, com cuja ajuda e conselho promulgou Mafamede a sua seita, e o cazou com sua filha Fatima, nomeando-o por successor no Reino e Caliphado; a qual dignidade lhe uzurpou depois, como mais poderozo, outro conselheiro e companheiro de Mafamede chamado Abubecher. Ali foi o quinto Calipha, e author d'outra nova seita, que professão os Persas. Teve por seu contrario a Moavia, com o qual pelejou; e ultimamente foi morto, por ordem de Moavia, perto de Cufá, cidade da Arabia, ao entrar n'uma mesquita.

ta. Para mais clareza do que temos a dizer será necessario tratar primeiro da situação de Baçorá.

Dista esta cidade quazi trinta leguas da barra dos rios Tigres e Eufrates. Esta povoação segundo se diz, se fundou ha poucos annos, e agora a teem os Turcos mui forte com temor de nossas armadas. Junto d'ella está uma cidade despovoada, mettida mais pelo sertão, onde existe uma mesquita sumptuosa de Ali, sem haver nella mais do que um Mouro com trez filhos e trez filhas, que tinha a seu cargo duas alampedas que havião na mesquita. As cazas que havia erão todas terreas e construidas de pedra e cal, as pedras erão muito grandes e engastadas com ferro e cobre, que dizião ser por cauza dos tremores de terra que são alli mui frequentes; os telhados erão ladrilhados e planos por chover raramente. Dizia o Mouro que aqui vivia que esta cidade se chamava Baçorá a velha. Um Geographo Perseu escreve, que esta cidade foi fundada em tempo de Ali, tio e genro de Mafamede, por um Mouro chamado Atabad, filho de Garvan; e que no tempo de Bibal filho de Abibardá, havião nella cento e vinte mil esteiros, que se derivavão dos rios Eufrates e Tigres por virem ambos alli concorrer. Sendo tão grande esta cidade que dizião ter o dobro da do Cairo, era comtudo despovoada por não ter agua de beber, que vinha para alli de mui longe, e tambem por ser a terra muito calmosa no verão, e no inverno excessivamente fria, não havendo lenha para se aquentarem.

A Ilha de Gizaira é feita pelos dous rios Tigres e Eufrates. Este nasce na Turcomania e o primeiro em Adilbegiam (*), e fazendo ambos aquelle grande cêrco a que os

(*) O Eufrates nasce na parte da Armenia maior chamada Turcomania, do monte Pariades, d'onde tambem nasce o rio Araxes. Este corre a Levante e entra no mar Caspio, e o Eufrates se-

Geografos chamão Mesopotamia, que quer dizer, terra entre dous rios; quando o Eufrates vem dar na provincia a que Ptolomeu chama Babylonia, lança-se do Sul para o Norte, e faz um agudo cotovêlo defronte da cidade de Bagadad, por onde passa o Tigres, e entre um e outro rio fica apenas um espaço de sete leguas, que nas grandes enchentes se cobre d agua. D'este cotovêlo volta o Eufrates ao Sul, com grande impeto, se parte em dous braços, um entra no Tigres, e o outro vai passar por Baçorá, e se junta ao Tigres em Corna, fortaleza alli feita pelos Turcos. D'aqui vão ambos os rios em um corpo entrar no mar Perseu, por duas boccas que formão a Ilha chamada Murzique, em cujo lugar Ptolomeu e Plinio situão Teredon (*); ha

gue ao Poente, e depois volta ao meio dia, atravessa o monte Tauro e se ajunta com o Tigres. Antes de passar aquelle celebre monte se chamava antigamente Pyxirato, e depois de passado Omira. como escreve Plinio no Cap. 24 do Liv. 5. E no Cap. 26 do Liv. 6, diz que os Assyrios lhe chamavão Armalchar, ou antes Naarmalcha, que significa rio real, que é o mesmo que Basilio, nome que pela mesma cauza lhe dá Ptolomeu na 4 Tab. da Asia; e por ella consta ser um braço do mesmo Eufrates, que rega Babylonia. O nome Hebreu que tem na Sagrada Escriptura é Pharath, que quer dizer Fortificativo: e Josepho no Cap. 2. das Antiguidades lhe chama Phora; e hoje os Armenios Frat, e os Turcos Murat. — O Tigres nasce n'uma provincia da Armenia maior, que Ptolomeu chama Gordeue ou Gurdi. No seu nascimento onde corre vagarosamente, se chamou Diglito, como escreve Plinio no Cap. 27 do Liv. 6; e onde correm com impeto suas aguas lhe pozeram os Medos o nome de Tigres, que significa entre elles setta; pela mesma cauza tem na Sagrada Escriptura o nome de Hide Hel, que é Siriaco. Josepho lhe chama Diglath; e os nomes modernos são muitos segundo as provincias por onde passa; assim lhe chamão Hidecel, Derghele, Sir, Set, &c.

(*) Mercator e Ortelio querem que este lugar seja Baçorá;

aqui muitos canaveaes, e vivem alguns pescadores. O Eufrates depois que a primeira vez se junta com o Tigres, ambos retalhão toda aquella terra. A' que é assim cercada e cortada pelos rios, chamão os Persas Gizera, e os Arabes Lezirias, vocabulo que d'elles nos ficou do tempo que senhorearam a Espanha. E a principal e maior d'ellas, a que os naturaes chamão Vacet, e nós Ilha de Gizaira, que é visinha de Baçorá, e a ultima que estes rios fazem, onde está a fortaleza de Corna, terá de circuito mais de quarenta leguas, e é toda cheia de castellos pela maior parte de madeira. Nestas povoações o Rei é pouco obedecido, e a justiça alli é a da força. E' gente bem disposta e ligeira; sómente o Rei anda a cavallo; suas armas principaes são as frechas, havendo em Gizaira uns quarenta mil frecheiros. Antigamente obedecião todos ao senhor de Bagadad; mas depois que o Turco começou a contender com Xiah Ismael, um Mouro poderozo alli assistente se intitulou por Rei náquellas differenças, e poz naquelle lugar por seu feitor a Ale Mogemez para lhe cobrar os direitos; este, em quanto que o senhor de Gizaira contendia com o de Bagadad, se fortificou, e como era Arabe da seita de Mahamed e inimigo dos de Ali, que são aquelles de Gizaira, levantando-lhe de todo a obediencia, se intitulou Rei, como este de Gizaira fez ao senhor de Bagadad. Todavia por obediencia e signal de subjeição pagava Ale Mogemez certas páreas ao Rei de Gizaira passado. E a unica causa porque agora o de Gizaira lhe fazia guerra, era que, além de já ha annos Ale Mogemez lhe não querer pagar este tributo, ainda lhe mandou matar um filho seu, que andava á caça na terra firme da parte da Arabia, onde elle tinha tomado dous lu-

no que se enganão; porque Teredon situa Ptolomeu no meio da Ilha, e Baçorá fica a umas trinta leguas das bocas do rio, á mão direita da sua corrente, e não á esquerda, como estes authores a põem em suas Taboas Geographicas.

gares a Ale Mogemez: e foi pois por mêdo do Rei de Gizaira que Ale Mogemez mandou pedir auxilio a Christovão de Mendonça.

Quando Belchior de Sousa Tavares chegou a Baçorá, andava o Rei á caça, e os dois dias que por lá tardou esteve Belchior de Sousa no Bergantim distante meia legua da cidade, cujo Governador o foi visitar, levando-lhe muitos refrescos e fructas da Europa. Vindo El-Rei, mandou ao Governador, e aos principaes da sua caza que fossem acompanhar a Belchior de Sousa, e o Rei o ficou esperando em um terreiro grande em frente de suas cazas, assentado n'um cochim de seda, sobre uma alcatifa de ouro, e junto d'elle mandára colocar outra de lã para Belchior de Sousa. Ao longo das paredes do páteo estava tudo esteirado, onde estavão assentados de cócaras mais de dous mil homens. No meio do terreiro andava um estribeiro d'El-Rei passeando em cima de um formoso cavallo; dez ou doze homens a pé trazião outros tantos cavallos pela rédea, para mostrar ao Embaixador os cavallos pertencentes ao Rei, o que era uma grande honra; e para um lado do terreiro andavão outros homens esgremindo com lanças de canna: tudo isto ao som de umas doçainas ao seu modo. Junto do Rei estavão uns oito musicos cantando por solfa, o que foi para os Portuguezes novidade, porque os Arabes da nossa Barberia não uzão d'ella; d'onde parece que estes habitantes de Baçorá o aprenderam dos Persas.

El-Rei assentado sobre a almofada, com as pernas cruzadas, tinha vestida uma camiza de linho azul, uma algerevia de lã, e uma toca mui grande na cabeça. Chegando Belchior de Sousa Tavares, acompanhado do aguazil, foi até onde se achava El-Rei, que sahindo fóra da sua alcatifa o tomou pela mão e o conduziu ao lugar que lhe estava destinado. Depois da primeira practica dos cumprimen-

tos, mandou El-Rei aproximar dois homens, unicos que hião armados com Belchior de Souza, e apalpando todas as armas, chamou um de seus armeiros e lhe perguntou se seria capaz de fazer outras semelhantes, porque lhe parecião muito boas; e pediu ao mesmo tempo a Belchior de Souza que os mandasse jogar com as espadas, o que elles lindamente desempenharam, ficando El-Rei muito satisfeito de os ver.

Despedíu-se Belchior de Souza de El-Rei, para hir tomar repouzo; ao outro dia foi chamado á presença de El-Rei pelo mesmo aguazil, e então o Rei lhe deu conta completa dos seus trabalhos, e da guerra que El-Rei de Gizaira havia dez annos lhe fazia; que quanto á morte de seu filho, de que elle tanto se queixava, jurava na verdade que lh'o tinha mandado matar, que aquella morte fôra occasionada por um desastre, pois a unica cousa que elle tinha feito fôra mandar áquelle seu Capitão que trabalhasse por aprisional-o, afim de que depois sobre seu resgate podesse fazer algumas negociações de paz.

Belchior de Souza, que trazia instrucções ácêrca do que havia de requerer a El-Rei de Baçorá, depois de o consolar e dizer-lhe que para lhe valer em seus trabalhos é que o Capitão de Ormuz alli o mandára; começou a culpal-o por ter comsigo Turcos inimigos dos Portuguezes, que os recolhia sabendo que nisso offendia a Portugal, e que tinha fustas que hião ao mar da Persia fazer algumas prezas nos navios que levavão mantimentos e mercadorias para Ormuz.

Depois d'esta practica, e d'outras couzas que Belchior de Souza propoz ao Rei, sobre amizades, e bôa visinhança que com os Portuguezes em Ormuz lhe cumpria ter, visto que tanto bem recebia d'elles: Ale Mogemez lhe prometeu,

que em reconhecimento do soccorro que lhe vinha prestar, lhe entregaria as fustas que lá tinha, as quaes serião umas sete, visto que dizia estar o Capitão d'Ormuz descontente d'elle as alli ter. E que nunca mais consentiria em sua terra Rumes, senão os que ao presente alli existião, que passada aquella época de necessidade tambem os despediria. Mas que, o que d'elle Belchior de Souza sómente exigia, era que fizesse com que El-Rei de Gizaira assentasse pazes com elle; ou então o ajudasse a recobrar duas fortalezas, que lhe tinha tomado na terra da Arabia ao longo do rio Eufrates.

Concordaram de hir contra El-Rei de Gizaira; o de Baçorá se poz prestes no espaço de quinze dias, e partiu com duzentas dalaças (*), onde levou cinco mil homens de pé, sendo seiscentos espingardeiros; e as sete fustas mui bem artilhadas, das quaes a menor levava sete bombardas, e hião nellas cincoenta Rumes vestidos todos de vermelho, e outros tantos dos mais principaes homens da terra, entre os quaes hia tambem o Rei. Por terra, ao longo do rio, mandou um sobrinho seu com trez mil homens montados em eguas (porque os cavallos vendiam-nos para Ormuz), dos quaes uns quatrocentos hião vestidos á persiana e mui bem armados ao seu uzo. E assentando El-Rei, a final, o seu arraial na terra firme da banda da Arabia, defronte de onde o Rei de Gizaira tinha o seu, que dizião montava a doze mil homens, a maior parte frecheiros, estiveram alli por espaço de nove dias, sem que de parte a parte houvesse a mais pequena escaramuça.

Vendo Belchior de Sousa esta dilação, e que nestes dias nada mais tinhão feito do que mostrarem-se ao Rei de Gizaira, apertou com El-Rei Ale Mogemez para que não

(*) Barcas mui grandes, largas e razas.

deixasse passar mais tempo, porém elle lhe respondeu que se não enfadasse, e o deixasse obrar assim, pois que sabia mui bem como as couzas d'aquella terra devião tratar-se.

El-Rei de Baçorá veiu um dia ter á fusta de Belchior de Souza, e lhe disse, que seria necessario que elle escrevesse uma carta ao Rei de Gizaira, cuja norma lhe daria, afim de que o negocio tivesse bom exito. Foi com effeito escripta esta carta em linguagem Arabe, cuja substancia era: que Belchior de Souza Tavares tinha vindo alli por mandado do Capitão de Ormuz, por saber que elle e o Rei de Baçorá andavão em desavenças; e que sendo ambos visinhos de Ormuz, se lembrára de uzar do officio de bom visinho, intervindo para que se consolidasse a paz e amizade entre os dous Reis; que trazia elle Belchior de Souza, além d'isto, ordem para que considerasse como inimigo declarado aquelle que se negasse áquella conciliação, e lhe fizesse então todo o mal possivel, bem como a todos os seus naturaes. Que para effeituar esta paz trouxera logo comsigo El-Rei de Baçorá, o qual já se tinha submettido ao que elle Belchior de Souza fizesse como medianeiro.

Mandada esta carta a El-Rei de Gizaira, por um Mouro mercador, trouxe este mesmo promptamente a resposta, em que El-Rei de Gizaira dizia: que, visto ter sido elle o offendido, lhe parecia mais razoavel ter hido primeiramente fallar-lhe, do que dirigir-se logo a Ale Mogemez, que o teria talvez informado a seu modo a respeito de suas desavenças. Porém mesmo assim, que attendendo á pessoa de Belchior de Souza, a ser elle o primeiro Portuguez que tinha hido a seu Reino, e por ser aquelle o primeiro requerimento que recebia do Capitão de Ormuz, com quem muito dezejava ter amizade, elle faria pazes com o Rei Ale Mogemez; que para esse fim mandaria dous subditos seus competentemente authorisados para tratarem a tal respeito,

e que depois se compromettia a assignar tudo aquillo que lá concordassem.

No fim de quatro ou cinco dias que os enviados de El-Rei de Gizaira estiveram com o Rei de Baçorá, assentaram com este pazes, debaixo das seguintes condições: Que El-Rei de Gizaira entregaria ao de Baçorá as duas fortalezas que lhe havia tomado na terra firme; que por ellas lhe daria logo El-Rei de Baçorá cinco mil cruzados, cincoenta covados de veludo preto, e doze cavallos; e finalmente, que em cada anno lhe pagaria este mesmo tributo.

Quando Belchior de Souza soube dos ajustes de paz em que tinhão concordado, disse a El-Rei de Baçorá que elle viera alli para fazer pazes francamente e com honra sua, e não por tão excessivo preço; mas El-Rei de Baçorá que desejava vêr-se seguro no Reino que uzurpára, pediu a Belchior de Souza, encarecidamente, se contentasse com aquella concordata, que não era máu o partido, e que elle nunca esperára que o Rei de Gizaira viesse a um accordo com elle; que só lhe pedia um Portuguez para hir em companhia dos seus a assignar o tratado que se tinha feito. Belchior de Souza mandou para este fim a um Gaspar do Cazal, que foi em companhia do filho do Rei de Baçorá para acabar de confirmar o negocio.

Fixada que foi a paz e El-Rei Ale Mogemez posto em sua caza socegadamente, resolveu-se a não cumprir a promessa que havia feito a Belchior de Souza, de lhe dar as fustas que tinha, e temendo que este lh'as tomasse á força, mandou-as metter pelos esteiros em parte onde os Portuguezes não podessem hir, nem Belchior de Souza desse com ellas. Requerendo-lhe este que comprisse o promettido, escuzou-se de o fazer, dizendo-lhe ser couza mui afrontosa o dar-lhe elle as suas fustas, que em lugar d'ellas, se quizes-

se lhe daria antes mil xerafins, que é o que podião valer. E vendo por fim Belchior de Souza que por modo algum lh'as podia haver á mão, mandou dissimuladamente recolher um tal Fernão Mendes, que alli estava feitorizando algumas fazendas do Capitão de Ormuz, bem como o fez a outros Portuguezes que lá estavão; e apenas os teve a todos comsigo, sahiu para o rio, onde tomou uma dalaça, e por um dos marinheiros d'esta mandou dizer ao Rei de Baçorá, que visto elle faltar á sua palavra não cumprindo o que promettêra, considerasse d'alli em diante como quebrada a paz que tinha com Ormuz, e mandasse guardar bem sua terra, porque tencionava fazer-lhe todo o mal e damnos que podesse.

Denunciada esta inimizade, e sem o Rei lhe mandar resposta alguma, veiu Belchior de Souza pelo rio abaixo, e foi dar a um lugar, onde vierão recebel-os á praia, mas quando viram trez ou quatro derribados recolheram-se e fugiram, hindo em seguimento d'elles os Portuguezes até despejarem o lugar, ao qual Belchior de Souza mandou lançar fogo. Queimado este lugar que seria de uns trezentos visinhos, foi dar a outro de pouco mais de cem, que tambem queimou. Feito isto, voltou a Baçorá, e andou alli bordejando trez ou quatro dias, para não se persuadirem os Mouros que elle fugia ás suas fustas.

Achando-se porém sem polvora para alli andar mais tempo, caminhou em direitura a Ormuz ao longo da Costa da Persia para dar uma vista á villa de Rexet, que seria de dous mil visinhos, cercada por muros de pedra e cal, e com cazas mui nobres como é costume na Persia. O Senhor d'esta terra, tinha, havia pouco, morto seu pai ás frechadas para poder ficar em seu lugar. Concordou com elle Belchior de Souza, em prejuizo do Rei de Baçorá, de mandar d'alli a Ormuz directamente os cavallos que hião por via de Baçorá; o que elle de boa vontade aceitou pelo muito proveito

que d'ahi lhe resultava; e naquelle anno forão por sua ordem mais de trezentos cavallos para Ormuz.

Chegando finalmente Belchior de Souza a Ormuz deu conta a Nuno da Cunha do que tinha deixado feito, ficando este muito contente por ver quão bem se tinhão cumprido todas as determinações de Christovão de Mendonça; e assim por aquelle serviço como pelas bellas qualidades de Belchior de Souza, o fez Capitão mór do mar de Ormuz. (*)

(*) Barros Dec. 4. Liv. 3. Cap. 13, 14, e 15.

CAPITULO VI.

ANNO DE 1528.

Parte d'Ormuz Antonio Tenreiro por mandado do Governador Christovão de Mendonça com cartas para El-Rei de Portugal, participando-lhe o haver desarmado em Suez a Esquadra Turca, bem como as desordens civis que Rais Xarafo promovia em Ormuz. Sahindo d'aqui, navega pelo Sino persico, entra no rio Eufrates, e desembarca em Baçorá, d'onde começa a atravessar o deserto. Descripção d'alguns lugares e costumes que encontra em sua viagem. Chega finalmente a Italia á cidade de Terrara, d'onde parte pela posta, atravessa a Lombardia, chega a Genova, onde embarca para Hespanha, e chegando a Valença parte por terra para Toledo e d'ahi para Portugal.

Tinhão-se passado uns cinco ou seis annos depois que Antonio Tenreiro estava em Ormuz, quando entrou Christovão de Mendonça por Capitão da fortaleza e Governador do Reino de Ormuz. E sabendo este que Tenreiro tinha vindo d'aquellas partes do Egypto e passára pelos desertos, lhe rogou repetidas vezes, que quizesse vir por terra a Portugal com cartas para El-Rei; dizendo que lhe afiançava com a maior certeza, que El-Rei lhe faria grandes mercês, porque o Governador Lopo Vaz de Sam Payo lhe recommendára muito, que buscasse um homem, que fosse por terra a Portugal, e indagasse no caminho, passando pelas terras do Grão Turco, se havia alguma noticia de passarem os rumes á India, e levasse esta nova ao Rei de Portugal, bem como de muitas outras couzas que cumprião ao serviço d'este, tanto em Ormuz como na India.

Fez Antonio Tenreiro todo o possivel para se escuzar d'esta viagem, lembrando-se dos trabalhos e riscos que tinha passado na antecedente; porém tanto o Governador de Ormuz apertou com elle, fallando mesmo a homens seus amigos para que lhe fallassem, e o aconselhassem neste sentido, e vendo Tenreiro este grande empenho de Christovão de Mendonça, e os immensos promettimentos que lhe fazia por escripturas publicas, que elle nunca quiz acceitar; cedeu finalmente e se promptificou para a dita viagem por terra, com tanto que elle Governador lhe desse aviamento e cartas para o Rei de Baçorá lhe dar guia e tudo o mais que lhe fosse necessario.

Como já tinha passado a maior parte do verão, e as cafilas já havião partido ha muitos dias, a viagem se tornava mui perigosa; e o que fez com que Antonio Tenreiro a emprehendesse foi dizer-lhe Christovão de Mendonça quanto ella seria importante para o serviço d'El-Rei de Portugal. Por tanto depois de Antonio Tenreiro ter feito os seus preparativos, esperou ainda por uma Náo que devia dirigir-se a Baçorá; e dando-lhe Christovão de Mendonça muito limitada ajuda para suas despezas, e algumas cartas de credito para onde lhe fossem necessarias, embarcou por fim na dita Náo, e partiu para Baçorá, aos vinte de Setembro de mil quinhentos e vinte e oito.

Dando á vélla a Náo, começou a navegar por aquelle estreito do mar, a que os Cosmografos chamão o sino persico, que se mette por entre a Persia e a Arabia perto de duzentas leguas; corre ao Noroeste, sahindo da Ilha d'Ormuz, e no fim d'elle entra o rio Eufrates. Pelo meio d'este estreito ha algumas Ilhas habitadas por Mouros Arabios, onde não ha outros mantimentos que não sejão tamaras; de que elles se sustentão; e alli se faz a pescaria do aljofre. A principal d'ellas é uma Ilha chamada Baharem, que é a maior e a mais viçosa que ha no dito mar, e onde se pescão todos os annos perolas, que são as mais finas que se encontrão para as partes do Oriente e na India. Esta Ilha está no fim do sitado mar para a banda da Arabia defronte d'uma cidade denominada Catifa; tudo isto é senhoreado pelo Rei de Ormuz.

Talvez não deixe de ser curioso darmos aqui uma idéa passageira ácêrca da pesca do aljofre neste mar, que se faz em todas as Ilhas que nelle existem, nos mezes de Junho, Julho, e Agosto. Quando ha grandes calmarias, amarram uma barca no mar defronte d'alguma terra, onde vêem certos signaes porque elles conhecem haver alli ostras no fun-

do; e n'uma altura que não exceda de doze braças, attam um Mouro por debaixo dos braços com uma corda comprida, e lhe penduram uma pedra aos pés para o levar ao fundo rapidamente; leva além d'isto uma talla no nariz que lh'o aperta para que não lhe entre por elle alguma agua. Leva um balde na mão, e se acha ostras, o enche mui breve d'ellas, puxando logo pela corda para que o allem com a maior diligencia. Muitas vezes succede virem já mortos debaixo d'agua. As ostras são do tamanho da palma da mão, pretas por fóra e muito luzidias por dentro; abrem-se ao sol sobre lençóes, e deitão de si o aljofre e perolas que teem dentro. Como naquelle anno cursaram os ventos Noroestes mais cêdo do que nos anteriores, e sendo estes ventos contrarios, resultou andar muito tempo a Não fazendo bordos e voltas para uma e outra costa, lançando de vez em quando ancora e esperando por marés que algum tanto a levassem ávante; de modo que se demoraram tanto, a ponto de gastarem mais de quarenta dias n'esta viagem até uma Ilha, que está junto da bôca do rio Eufrates, denominada Cargem.

Esta Ilha é pequena, raza com o mar, e talvez não tendo uma legua de volta; fica para a banda da Persia junto da foz do rio que fica dito; e é habitada por Mouros, que são todos pilotos, os quaes guião os navios pela barra dentro até Baçorá, que serão umas quarenta leguas ou mais. Tomaram aqui um piloto que conduzio a Náo para dentro do rio; o qual é tão largo na sua entrada que se não destingue a terra para nenhuma das bandas, e só depois de se ter navegado dentro d'elle meio dia com vento mui favoravel, é que se vai descobrindo terra das duas margens com grandes arvoredos de palmeiras, que muito as embelezão E mais para diante se não pode navegar com embarcações grandes senão durante a maré cheia, cuja occazião esperam no meio do canal as Náos que teem de navegar com carga até Baçorá. Antonio Tenreiro vendo a demora que tinhão em

esperar pela enchente da maré, saltou alli em terra; e caminhando por entre grandes palmares de tamaras, pelas povoações e aldêas habitadas por Christãos, Mouros, e Judeus Arabios, chegou naquelle mesmo dia a Baçorá, por ter atalhado muito mais caminho por terra do que se fosse pelo rio.

A cidade de Baçorá, de que já demos idéa no capitulo antecedente, é cercada de muro de taypas muito forte e espesso, e as cazas são feitas de barro; concorrem alli muitos Mouros Arabios do deserto, para venderem certas mercadorias; tem bella comarca. Sustentão-se os habitantes de tamaras, em que abunda, creações de gados miudos, e bufalos.

Chegando Antonio Tenreiro a esta cidade, e sabendo que as Cafilas que d'alli partem todos os annos para Alepe e Damasco, já tinhão sahido havia dias, dirigiu-se logo á presença do Rei d'aquella terra, que era um velho Mouro Arabio, muito practico, visto haver poucos annos ainda que deixára de ser mercador e andára com camelos no trato e viagens de Damasco para Baçorá, e lhe entregou as cartas que para elle trazia do Capitão de Ormuz, onde lhe recommendava que o favorecesse em tudo, quanto fosse possivel, e que sem falta lhe desse um Mouro, que soubesse muito bem o deserto, para lhe servir de guia. O Rei lendo as cartas não respondeu de prompto; mas passados alguns dias mandou chamar Antonio Tenreiro, e lhe disse: que nunca vira homem tão affouto como elle, pois se aventurava a passar pelo deserto só com um guia; e que de mais a mais, não achava Mouro algum que se atrevesse a isso, com receio das muitas féras que por alli ha, taes como Leões, Onças, Lobos, etc. que hindo dous homens sós muito facilmente os acometterião, e serião infalivelmente estrangulados por estes animaes ferozes. Que por este motivo se tinha

acordado que ninguem passasse por aquelles caminhos senão em Cafilas de muita gente. Por conseguinte, que devia desistir d'aquella empreza, que se tornava, como lhe acabava de mostrar, de tamanho risco.

Todavia, tendo-lhe fallado Antonio Tenreiro mais algumas vezes, dizendo que queria hir á viagem corresse por onde corresse; passados, finalmente, uns quinze dias tornou o Rei a mandal-o chamar, e lhe disse: que já tinha buscado um Mouro, o qual se promptificava a hir com elle, que visse ainda o que fazia pois lhe não assegurava a vida pelo perigo eminente porque tinha a passar, mas se assim mesmo quizesse podia tratar de ajustar com o Mouro por quanto o havia de levar; e logo mandou chamar o tal Mouro, que andava n'um aduar de Alarves junto d'equella cidade no deserto.

Apenas elle chegou, tratou logo Tenreiro do ajuste, e ficou de lhe dar oitenta cruzados; comprou depois dous Dromedarios para hirem ambos, bem como ôdres para levarem agua, biscoito, tamaras, passas, e farinha para mantimento dos ditos Dromedarios, de que se lhe fazem uns pelouros de massa rija para comerem, e sustentão-se oito e dez dias sem beber agua; caminhando n'um dia e noite vinte e cinco até trinta leguas, sem comerem mais do que aquelles pelouros de massa, que não chegão a ter uma quarta de farinha.

Passados trez dias, que gastou Antonio Tenreiro nos arranjos para a jornada, partiram ás dez horas da noite para um aduar, que estava no deserto, onde o Mouro guia tinha sua mulher, filhos e mais parentes; aqui se demorou outros trez dias em despedidas, durante os quaes houverão muitas lagrimas, dizendo todos ao guia que era aventurar-se demasiado, e que talvez nunca mais o vissem.

Partiram finalmente á meia noite, para não serem presentidos nem se saber que derrota levavão, por cauza dos alarves, que são muito ladrões; foram por fora do caminho que devião seguir, por deserto mui esteril e sem aguas, caminhando trez dias e trez noites, sem repousar mais que duas ou trez horas cada dia, andando seguidamente de noite. Quando se viram livres do maior perigo, tornaram a ladear para o Poente, e caminharam pelo deserto, de noite e dia continuamente, com o unico repouzo de trez ou quatro horas por dia. Em lugares mais descobertos, pelo receio que tinhão tanto de ladrões como das féras, um dos dous vigiava em quanto o outro dormia. Viram differentes vezes Leões, Ursos, e Onças; mas uma vez que se lhe aproximaram mais, e os quizeram acometter, desviaram-se d'elles, e tocaram mui rijo os Dromedarios até que os perderam de vista.

Um dia de madrugada se espantaram de tal sorte os Dromedarios, que correram á redea solta mais de duas leguas, estando Tenreiro por vezes quasi cahindo pelos grandes saltos do Dromedario. Quando poderam parar, olhavão espantados e como insensatos um para o outro, sem poderem dar palavra; mas depois de tomarem alento, perguntou Tenreiro ao alarve, o que tinha sido aquillo, ao que este lhe respondeu que nada víra, porém que talvez fosse algum leão que os Dromedarios vissem embuscado n'umas moitas por onde havião passado. Nesta corrida se meteu um estrepe pela mão do Dromedario em que hia Antonio Tenreiro, de que ficou tão manco que não podia dar passada, de maneira que estiveram seis dias sem nada caminharem, durante os quaes o Mouro curava a ferida do Dromedario.

N'este caminho do deserto não encontraram homem nem mulher alguma; unicamente viram muitas cassas, e vacas bravas, que são de cabêlo prateado e mui luzidiu,

teem rabos como os dos cavallos e tão finos que parecem sêda, a cabeça é semelhante tambem á dos cavallos com uns pequenos xifres direitos e verticaes; viram tambem grandes manadas de burros, que são todos ruivos, e que vinhão beber agua a uns charcos que havião entre umas serras. Tinhão já passado uns vinte e dous dias desde que partiram do aduar onde o Mouro guia deixára sua mulher, que era a uma pequena jornada de Baçorá, durante os quaes não fizeram aguada nem deram de beber aos Dromedarios mais do que quatro vezes, n'uns póços mui fundos e antigos, d'onde tiraram agua com um balde de couro que para esse fim levavão.

Chegaram depois a uma cidade chamada Cocana situada no dezerto vindo de Baçorá para Calepe, ou Damasco, oito jornadas afastada do povoado. E' cercada de muralhas de pedra e gesso, habitada por Mouros Arabios lavradores, que vivem de suas lavouras de trigo, cevada, e legumes, e d'umas poucas de palmeiras de tamaras que ha n'um pedaço de terra regado por um olho d'agua dôce nascida junto d'ella; sendo este o unico bocado de terra que alli se aproveita pois todo o resto é terra totalmente esteril e deserta. E' senhoreada por um Cheque de alarves chamado Metileche, nomeado por grande senhor entre elles, e grande cavalleiro, que tem aqui um Governador seu.

Chegados a esta cidade depois da meia noite, por receio de que mais sêdo fossem atacados por ladrões nos contornos, e lhes roubassem os Dromedarios, que teem alli em muito valor e estima; acharam as portas fechadas, e a muralha guarnecida de Mouros que a guardavão; aos quaes o guia de Tenreiro falou, dizendo-lhes que vinhão de Baçorá, d'onde trazião uma carta do Rei para o Cheque alli residente; e que então lhe viessem abrir a porta para entrar: porém elles, não annuindo ao pedido, os deixaram ficar de

fora da muralha até ao amanhecer, com grande receio de ladrões.

Apenas raiou o dia logo foram abertas as portas, e Tenreiro entrando com o seu guia, foram levar uma carta, que trazião d'El-Rei de Baçorá, ao Cheque d'aquella cidade, pela qual este lhes fez muito bom agasalho; e mandando de prompto fazer boas comidas, se poz com elles ambos á meza, dizendo-lhes que n'aquelle mesmo dia deverião partir d'alli, para poderem hir de companhia com uns poucos de mercadores e parte d'uma Cafila, que sahião então, e se devião hir juntar com outros que estavão noutra cidade distante meia jornada.

Em quanto estiveram comendo, sahiu a tal parte de Cafila da cidade; mas logo que acabaram, Tenreiro se preparou repentinamente, despediu-se do Cheque, e do Mouro que até alli lhe tinha servido de guia, ao qual entregou duas cartas, uma para levar ao Governador de Ormuz, e outra para o Rei de Baçorá; nas quaes dava uma conta exacta de como tinha chegado áquella terra em paz e livre de todo o perigo. O Mouro se despediu d'elle com muita saudade e lagrimas, e lhe disse que agora tinha na volta de passar por muito maiores sustos e perigos, visto que hia só.

Cavalgou logo Tenreiro no seu Dromedario, com mais quatro Mouros, que o Cheque mandou para o acompanharem até á outra cidade, e aos quaes encommendou, que da sua parte dessem recommendação ao principal Mouro da Cafila a respeito de Tenreiro. N'aquelle mesmo dia chegaram á dita cidade, que se denominava Taybe, de que se deu idéa já no Capitulo 1.º d'este volume, e onde se demorou Tenreiro dous dias sem que a Cafila d'alli sahisse, porque esperava mais alguns Mouros que tambem n'ella havião de hir; porém apenas chegaram logo d'alli sahiram com toda a Cafila, que já os esperava com impaciencia.

N'esta Cafila passou Antonio Tenreiro muitos sustos, porque em oito jornadas que andaram pelo deserto até chegarem a Calepe, todos estes oito dias, os Mouros que hião nella, não fallavão n'outro assumpto senão em Tenreiro; perguntando-se uns aos outros quem era aquelle individuo, e de onde vinha; chegando-se muitos junto d'elle, que o analysavão com espanto. Valendo-lhe pois muito nesta occazião um Mouro da Cafila, a quem o Cheque o mandára recommendar, porque sempre o agasalhou e o favoreceu quanto poude.

Dirigindo-se sempre ao Poente, chegaram ao primeiro lugar povoado, e comarca da cidade de Calepe, isto é, a uma aldêa, onde deram gratuitamente de comer a toda a gente da Cafila, em consequencia de ter esta pratica ficado instituida alli desde a morte d'um Mouro senhor d'aquella terra, o qual deixou determinado que as rendas da aldêa fossem todas aplicadas para se dar de comer ás cafilas que por alli passassem, bem como lhe tinha ainda destinado uma caza mui grande para poderem descançar das fadigas de uma jornada. Passaram depois junto d'uma villa, cercada de muro e desabitada, onde havião igrejas com torres e campanarios de sinos.

Caminhando mais ávante sempre por terras povoadas de muitas aldêas e lugares, chegaram a final á cidade de Calepe, em que era já a terceira vez que Antonio Tenreiro entrava, e de que já se deu noticia no capitulo 1.º d'este volume. Perto d'esta cidade se dividiu toda a cafila em pequenas secções, que entraram alli por differentes portas. Entregou Tenreiro o seu Dromedario a um Mouro, que hia na cafila, e com quem tinha tido alguma conversação no caminho, e entrando depois a pé pela cidade, sem perguntar a pessoa alguma, se foi guiando o melhor que poude, até que conseguio chegar ao apozento dos Venezianos que alli habitavão, de

que era consul e principal authoridade um micer Andre, para quem Tenreiro levava uma carta do capitão d'Ormuz, escripta em latim. Não o encontrando porém em caza, foi comtudo muito bem agasalhado por outro Veneziano que o ficára substituindo, o qual lhe disse que micer Andre tinha sido chamado pelo Grão Turco, que estava em Constantinopla.

Esteve Antonio Tenreiro perto de dous mezes hospedado em caza do dito micer Andre sem sofrer o menor encommodo; pois, posto que o Baxá e Governador da cidade soubesse perfeitamente que elle alli tinha chegado depois de ter atravessado o deserto, que era portuguez, e se demorava alli publicamente, nunca tratou de o perseguir por modo algum. Apressou-se logo Tenreiro á queimar a carta que trazia, por a grande suspeita e prova que com ella podia dar-se; e teria, sem mais delonga, partido d'aquella terra, a não ser impedido pelas grandes inverneiras, que o não deixaram caminhar: porém apenas o tempo deu lugar, e achou uma cafila a que se aggregar, onde hião dous mercadores Venezianos, sahiu com elles da cidade.

Tendo ándado duas leguas para a banda do Poente, mostraram a Tenreiro uma cova redonda, muito funda, e com grande largura na bôca, onde dizião que era o chamado poço dos leões, em que fôra mettido o profeta Daniel. Andando todo aquelle dia, foram prencitar a uma aldêa de Christãos Arabios e Jacobitas. No dia seguinte tendo caminhado tambem seguidamente, forão á noite dormir a uma carvançara que encontraram desabitada. Na seguinte madrugada, se metteram de novo a caminho, e tendo passado por terras habitadas de muitas aldêas, chegaram a uma passagem do caminho, onde lhes pediram o gafar, que é um tributo que no tempo do Grão Soldão e Mamelucos, a que aquella terra tinha pertencido, todos geralmente pagavão,

quer fossem Mouros ou Christãos; mas depois que passou ao poder do Grão Turco, só ficaram obrigados ao tal tributo os Christãos e Judeus que por alli passassem; tendo de darem cada um uma moeda chamada cata. (*)

Aquella noite foram passar a uma villa raza denominada Doraceta, que fica a uma legua da cidade de Ama para o Norte. E' habitada por Mouros, e Christãos Maronytas e Jacobitas, que vivem de lavouras e creações. Partiram outra vez no dia seguinte, porém começando-lhes a chover tiveram de atravessar duas grandes ribeiras a váu, onde correram muito perigo, e ahi se perderam alguns Mouros que hião na companhia, por levarem bestas muito pequenas e fracas. Continuando depois a andarem debaixo de violento frio e chuva, chegaram á noite a uma carvançara desabitada que ficava ao pé d'uma serra, onde estiveram até ao outro dia, sem nada poderem descançar, tanto por hirem muito molhados e grande frio que fazia, como pelo receio em que estavão de verem cahir aquella noite sobre elles a carvançara, por cauza do horroroso temporal que fazia.

Quando foi manhã, principiaram a navegar para o poente pela serra acima, onde logo lhes começou a nevar, o que muito agradou aos mercadores Venezianos, pois que quando faz bom tempo está sempre aquelle local innundado de ladrões, que andão continuamente no cimo d'aquella serra, e em cujo sitio mostraram a Tenreiro algumas sepulturas de Mouros recoveiros, que por quererem deffender as bestas que levavão foram alli assassinados pelos ladrões. Esta serra tem muitas mattas de azinháes e bosques, sendo cortada por muitas estradas em diversas direcções. Depois de a terem atravessado, desceram a uma terra povoada de aldêas de Christãos; passaram uma pequena ribeira, que corre do Sul

(*) Moeda de prata, que tem o valor de dous vintens.

para o Norte, e foram dormir aquella noite a uma grande aldêa habitada por Christãos Nastoris, n'uma hermida que alli chamão Cadrilias, que na nossa linguagem quer dizer de Sam Jorge; dentro da qual se via uma sepultura com um retabolo, onde estava pintada a imagem do dito Santo a cavallo.

Partindo depois d'aqui para o Sul-sudoeste, e tendo passado por muitas aldêas, onde não repousaram, chegaram á Horela do mar mediterraneo; e seguindo o caminho ao longo d'este mar, passaram uma ribeira que dizião vir da cidade de Damasco, e chegaram á cidade de Tripoli de Soria, porto de mar em Caramania.

Esta cidade é cercada de muros de cantaria lavrada, sobre os quaes se vêem muitas torres, que pareciam ser obra dos Christãos; tem bellas ruas, mui largas, e com magnificas cazas. Está situada junto do mar mediterraneo, affastada do porto e bahia onde ancoram os navios, quazi um tiro de besta pelo sertão dentro. E' habitada por Mouros Arabios, Christãos Nastoris e Jacobitas, e Gregos. Aqui os mercadores Venezianos levaram Antonio Tenreiro a caza de um Italiano natural de Bolonha, que se chamava micer Domenico Maria, onde recebeu muito bom agasalho e honra; e se demorou ahi trez dias sem sahir para ver a cidade. Esta terra prreceu a Tenreiro ter um clima mais temperado do que a antecedente. Havia alli muitos arvoredos, laranjas, limões, e muito bellas aguas. Tem um Governador e Baxá, que é escravo do Grão Turco, com alguma gente de guarnição.

Disseram a Tenreiro que estava no porto um esquiraco d'um mercador Mouro para partir para a Ilha de Chipre, onde lhe annunciaram que estava uma Náo preparando-se para sahir para Veneza. Sabendo isto Tenreiro, logo dil-

ligenciou embarcar-se no tal esquiraco; o que conseguio com o auxilio do dito Italiano e dos mercadores Venezeanos; pois que ha naquella terra decretada a pena de morte para todo o estrangeiro ou qualquer mercador, que se embarque naquelle porto sem mostrar uma licença do Governador; havendo além d'isto vigias para esta fiscalisação, feitas por muitos Turcos, aos quaes, por conselho dos mercadores Venezeanos, deu Tenreiro dez ou doze cruzados a cada um, para que se calassem e o deixassem embarcar.

Embarcou com effeito uma noite, e pouco depois se fiseram de vella com bom vento; mas quando chegaram a umas cinco leguas distantes do porto de que tinhão sahido, lhes soprou vento contrario, e sobre-veiu uma furiosa tormenta, da qual escapando milagrosamente, chegaram no dia immediato ao porto e cidade de Famagosta, primeiro porto que se encontra na derrota para a Ilha de Chipre; onde logo desembarcou Tenreiro, assaz enjoado e maltratado do temporal que soffrêra no mar; e foi dormir aquella noite a caza de um Grego.

Avisaram alli a Tenreiro que n'um porto, denominado Calamisom, distante trez jornadas d'aquelle lugar, para a parte do poente, se achava uma Náo carregando de vinhos para partir para Veneza. Logo no seguinte dia alugou Tenreiro um bordonel, (*) que o levou aquelle caminho, durante o qual correu bastante risco, porque, havendo então naquella Ilha grandes fomes e carestias, o quizeram os Gregos roubar no caminho, do que tambem Deus o livrou. E chegando á villa de Calamisom, de que já démos suscinta idéa no capitulo 1.º d'este volume, bem como da cidade de Famagosta, foi immediatamente fallar com o Patrão da tal Náo a quem entregou uma carta que trazia de Tripoli de um mercador seu

(*) Na nossa lingua se pode traduzir por almocreve.

amigo, e onde lhe recommendava que fizesse bom agasalho a Antonio Tenreiro, que o admittisse á sua meza, e lhe não levasse nada de fretes; o que tudo foi cumprido pelo dito Patrão pontualmente, tratando a Tenreiro com a maior attensão possivel.

Passado algum tempo, em dia de Nossa Senhora de Fevereiro do anno de mil quinhentos e vinte e oito, partiram do dito porto e villa de Calamisom da Ilha de Chipre; e navegando cinco ou seis dias com muito bom vento, este se lhes tornou contrario e os fez arribar de novo ao citado porto, onde ainda se demoraram mais dez dias, findos os quaes partiram outra vez. Navegaram com muito custo, por ser então inverno rigoroso, mas com bôa fortuna chegaram á Ilha de Candia, a um porto da banda do Sul em que está situada uma villa, que se chama Ruvinho.

E' esta toda murada, e fica no extremo da costa d'Estria, onde as Náos, que vão para a cidade de Veneza tomão pilotos para as levar a este porto, por cauza de certos baixos que se encontrão nas quinze leguas que vão d'alli até Veneza. Tenreiro se demorou aqui alguns dias, esperando por uma barca que devia passar por alli para Italia; na qual effectivamente se embarcou depois, e em um dia e uma noite chegaram á foz do rio chamado Poom; navegaram umas cinco ou seis leguas por este rio acima, e chegaram a uma villa que denominão Riam, a qual pertence ao ducado e senhorio de Ferrara.

Na villa de Riam situada á entrada do rio Poom, do ducado de Ferrara, esteve Tenreiro alguns cinco dias demorado, por se achar mal de saude; mas logo que se achou com bastante vigôr, caminhou de novo pelo rio acima, até que, tendo navegado quazi oito leguas, chegou á cidade de Ferrara na Italia.

Esta cidade é toda murada, e circumdada de fossos mui profundos, permanentemente aquaticos. Terá dous ou trez mil habitantes, tudo gente nobre. Aqui allugou Tenreiro cavallo e guia, e caminhou pela posta; atravessou a Lombardia, passou por Modona, cidade do Ducado de Ferrara, depois por Reso tambem do mesmo senhorio, foi a Parma e a Plazença; e tendo atravessado toda aquella parte da Lombardia, chegou á cidade de Genova, onde esteve quinze dias esperando uma Náo que havia de por alli vir para Hespanha. Embarcou-se nesta Náo, e chegou depois a um porto, a que chamão Donas em o Reino de Valença. Partiu então d'aqui por terra, atravessou a mancha d'Aragão, e chegou á cidade de Taledo, d'onde partiu pela posta e entrou finalmente em Portugal na cidade de Lisboa, já no anno de mil quinhentos vinte e nove. (*)

Dirigindo-se logo á presença de El-Rei com o mesmo vestido da jornada, se demorou com elle largo tempo, por ser homem muito instruido nas couzas do Oriente; e sahindo do Paço já de noite, o atacaram no Rocio alguns homens desconhecidos, que o deixaram por morto com dezesete cutiladas e estocadas. Sentiu muito El-Rei, como é de presumir, um tão atroz attentado, e ordenou ao Cirurgião Mór que o tratasse como a sua propria Pessoa. As maiores diligencias da justiça nunca poderam descobrir os agressores. Antonio Tenreiro escapou das feridas que recebêra, posto que ficou sempre enfermo os annos que viveu, gozando das mercês, que El-Rei lhe fez.

Logo depois da sua chegada, entraram em Lisboa as Náos de torna-viagem da India, onde vinha Manuel de Macêdo, que El-Rei tinha por homem valorozo, e determina-

(*) Peregrinação de Fernão Mendes Pinto Tomo. 4.°, Itinerario de Antonio Tenreiro, capitulos 58 até 69.

do, e mandando armar um Galeão, lhe deu o commando, com ordem de se dirigir ao Estreito Persico, e logo que o embocasse, abrir uma Instrucção sellada, para executar o que nella se continha. Esta Instrucção era para prender Rais Xarafo, e conduzil-o a Lisboa. Tristão da Cunha, pai de Nuno da Cunha, assustado do objecto da commissão de Manuel de Macêdo, empregou todos os meios possiveis para penetrar o segredo; porém vendo-os baldados, escreveu ao filho a notavel carta que traz Diogo de Couto. (*)

Manuel de Macêdo sahiu de Lisboa em Outubro e sem lhe acontecer na viagem novidade alguma, entrou no Estreito da Persia, fez aguada dentro do Cabo Rosalgate, onde abriu a sua Instrucção, e alli soube estar Nuno da Cunha em Ormuz, para onde partiu logo. (**)

(*) Filho Nuno, lá vai um mancebo n'uma Náo mui apressado por mandado d'El-Rei: nunca pude saber ao que vai, deixa-lhe fazer tudo o que El-Rei manda, sem lhe hires á mão a couza alguma: manda pimenta, e deita-te a dormir. — Couto, Decada 4. Liv. 5. Cap.º 8.

(**) Annaes da Marinha Portugueza por A. da C. Quintella Anno de 1528.

CAPITULO VII.

ANNO DE 1528.

Sabendo El-Rei D. João III. dos grandes preparativos que os Turcos fazião em Suez, para invadirem as terras Orientaes, nomea Governador dos Estados da India a Nuno da Cunha; o qual, tendo recebido em Belém das mãos do Rei um regimento, sai de Lisboa com uma poderosa armada. Perde-se uma das Náos, onde morre muita gente. Correm varios perigos na viagem, tanto pelas tormentas como por falta de agua e de mantimentos. Chegados a Mombaça, pede Nuno da Cunha licença ao Rei para lá invernar, mas não lhe sendo esta concedida, reune conselho, onde se determina entrar alli á força; o que de prompto se effeituou. Vai Nuno

da Cunha para Ormuz com duas Náos da esquadra, deixando o resto no porto de Mascate; e manda depois sahir a Simão da Cunha com alguns navios, para reduzir a Ilha de Baharem á obediencia do Rei d'Ormuz, em cuja expedição houve immensa mortandade.

Constando a El-Rei D. João 3.º, por via de Veneza, que os Turcos preparavão uma grande armada em Suez para invadirem o Oriente, elegêu por Governador Geral da India a Nuno da Cunha, Vedor da Fazenda, de quem fazia a maior confiança; e fez aprestar uma forte esquadra, capaz de arrostar os perigosos inimigos que se esperavão na Asia.

Constava esta esquadra de nove Náos, um Galeão, um navio ligeiro para expedição de ordens, e duas Caravellas carregadas de viveres e munições de sobrecellente. Embarcaram-se duzentos mil cruzados em moeda de ouro para despezás da India. As tropas de transporte, que devião ficar alli servindõ, excedião a trez mil homens, em que entravão muitos Fidalgos, e moradores da Caza Real, que concorrêram a alistar-se, logo que souberam da guerra que se esperava com os Turcos. Hia tambem um certo numero de marinheiros para guarnecerem os navios da India. (*)

Em Março estava ancorada a esqnadra em Belem, es-

(*) Pedro Barrêto, que teve bôas informações das cousas do Oriente, diz que foram quatro mil homens; o mesmo diz Couto; Castanheda falla sómente em trez mil, e outros Escriptores ainda em menos.

perando tempo conveniente para partir. Nuno da Cunha embarcou em a Náo Flôr da Roza; os demais Commandantes erão Simão da Cunha, seu irmão, na Náo Castello, que devia exercer na India o posto de General do Mar; Pedro Vaz da Cunha, outro seu irmão, na Santa Catharina; Garcia de Sá, na Victoria; D. Fernando de Lima, na Espinheiro; D. Francisco d'Eça, na S. Thiago; Francisco de Mendonça, na Monserrate; João de Freitas, na Biscainha; Antonio de Saldanha, na Ajuda; (*) Bernardim da Silveira, no Galeão; e Affonso Vaz Zambujo, no navio Ligeiro, de que era tambem Piloto. Commandavão as duas caravellas Gaspar Moreira, e Luiz de Araujo.

Determinou-se El-Rei a hir assistir alguns dias em Belem, afim de alli concluir os ultimos despachos, e deu um longo regimento a Nuno da Cunha, no qual lhe mandava, além de muitas outras cousas, que fizesse uma fortaleza em Diu, visto que era da maior importancia occupar aquelle posto, antes que os Turcos se apoderassem d'elle, por ficar a barlavento da India; e construisse tambem outra fortaleza nos Estados do Çamorim, onde lhe parecesse mais conveniente. Que no caso dos Turcos entrarem na India, reunisse em Gôa todas as forças maritimas do Estado, e os fosse buscar aonde estivessem, para lhes dar batalha. Igualmente lhe determinava, que remettesse prezo para Portugal, a Lopo Vaz de Sam Payo, pondo todos os seus bens em deposito.

Sahiu Nuno da Cunha de Lisboa no dia desoito de

(*) Hia embarcado nesta Náo, Diogo Fernandes de Castanheda, primeiro Ouvidor da Cidade de Gôa, que levava comsigo a Fernão Lopes de Castanheda, seu filho, ao qual El-Rei mandava viajar na India, para depois escrever a Historia; e se demorou no Oriente perto de dez annos, correndo quasi todos aquelles Paizes até ás Molucas, como escreve Diogo de Couto.

Abril, e navegou a esquadra toda reunida, á excepção do Galeão, que se apartou, sahida a barra, um dia pelas dez horas da manhã, antes de chegar ás Canarias. Estando a Náo de Simão da Cunha na esteira da Biscainha, seguio tanto ávante, que lhe deu duas fortes pancadas na pôpa, com que a abriu logo, porque era muito velha; e em menos de uma hora foi a pique, sem dar mais tempo que a deitar fóra o escaler, onde se metteu o Commandante João de Freitas com mais onze homens, abandonando fracamente a sua guarnição, que no espanto e consternação de tão subito desastre, se poz em desordem, tentando uns desempachar a lancha para a poderem deitar fóra, outros lançando ao mar todos os páus, caixas, e capoeiras de que podião lançar mão; e houveram immensos mortos e feridos, por todos quererem para si estas poucas boias de salvação, que havião. Simão da Cunha logo atravessou, e acudio com a sua lancha e escaler. Semelhantemente praticaram os outros Commandantes quando viram submergir-se a Náo, e ainda conseguiram salvar muita gente, affogando-se comtudo cento e cincoenta pessoas.

O Piloto da Náo Biscainha, que foi um dos que escaparam, não foi castigado, posto que se lhe attribuia toda a culpa d'aquelle naufragio, por não ceder o passo a Simão da Cunha, que era Official de mais representação do que João de Freitas. (*)

Seguindo Nuno da Cunha a sua viagem, ancorou na Ilha de S. Thiago, onde fez aguada, e descarregou as Ca-

(*) Ambos os pilotos merecião severo castigo, por quanto, ainda que o da Biscainha, pela sua ignorancia e insobordinação, fosse a cauza primaria de tão funesto acontecimento, o seu erro de modo algum authorisava o piloto da Náo de Simão da Cunha para abordar a outra Náo, fazendo-se assim responsavel por todas as mortes e perigos, que d'alli se seguiram.

ravellas, que remetteu para Lisboa, escrevendo a El-Rei os successos occorridos até alli. Esperava elle achar nesta Ilha o Galeão, que sem motivo apparente se tinha separado da esquadra; mas não aconteceu assim, porque o seu Commandante Bernardim da Silveira, seguindo o pernicioso exemplo de outros muitos, queria chegar primeiro á India; e continuando a sua derrota, dobrou o Cabo da Bôa Esperança, e hindo buscar Moçambique, o seu piloto ignorante varou no parcel de Sofala, em que se affogou muita gente, e os Caffres assassinaram o resto.

Sahindo Nuno da Cunha da Ilha de S. Thiago, achou grandes calmarias na Costa de Guiné; e como a Náo de Antonio de Saldanha caminhava pouco, requereram-lhe os pilotos que a deixasse, o que elle fez. Os Officiaes de Antonio de Saldanha, vendo-se assim abandonados, tanto trabalharam com a Náo, que conseguiram fazel-a andar bem, ajudada por continuada força de vella; e encontrando-se depois com D. Francisco d'Eça, foram de conserva.

Nesta derrota acharam o Governador acompanhado das Náos de seu irmão Pedro Vaz da Cunha, e D. Fernando de Lima, e do navio de Affonso Vaz Zambujo. O Governador folgou muito com o encontro d'estas duas Náos, e hindo na volta do Cabo da Bôa Esperança lhe deu um temporal do Sul, que durou uma noite e um dia, fazendo espalhar a esquadra. Mas acalmando o vento tornou a reunir-se; e a seis de Julho, achando-se na altura do Cabo, sobreveiu outro tempo do Sul, que durou umas vinte e quatro horas; durante as quaes ficaram as Náos á capa. No quarto d'alva, crescendo cada vez mais o mar e o vento, arribaram todos, excepto Antonio de Saldanha, por ser novo o seu navio; e passada a furia da tormenta continuou a sua navegação. Tendo dobrado o cabo da Bôa Esperança, achou tempos mui ruins, e foi avistar a Ilha de S. Louren-

ço na paragem do Rio de S. Thiago. D'este rio continuou a derrota com tantos trabalhos, fomes, e sêdes, que lhe adoeceu quazi toda a gente, morrendo perto de sessenta pessoas: e chegou por ultimo a Cochim nos fins d'Outubro.

O mesmo aconteceu a Garcia de Sá, que se apartou do seu Chefe ao sahir de S. Thiago; e navegando então só, esteve quazi perdido, com um furioso temporal, no Cabo da Bôa Esperança. Fazendo o seu caminho por fóra da Ilha de S. Lourenço, padeceu crueis fomes, e sêdes, de que lhe morreu muita gente; e chegou á Costa de Malabar a dezessete de Outubro, tendo a bordo uma unica pipa d'agua.

D. Francisco d'Eça, Francisco de Mendonça, e Affonso Vaz Zambujo, chegaram juntos a Moçambique, e á entrada, no Ilheo de S. Jorge, se perdeu o navio de Zambujo, salvando-se a gente toda. Estava tambem neste porto Simão da Cunha, e alli invernaram todos.

O Governador, quando amainou o temporal, achou-se com as Náos de Pedro Vaz da Cunha, e D. Fernando de Lima; e navegando com máus tempos, e calmarias, nos fins de Outubro descobriu a Ilha de S. Lourenço, e para fazer aguada, de que tinha necessidade, surgio na bôca do rio de S. Thiago.

Passados quatro dias, estando as lanchas em terra sobre-veiu um vento de travessia, com o qual, a Náo do Governador, que estava ancorada, começou a garrar, e ainda que largou seis ferros que tinha, de nada lhe aproveitaram, por ser o fundo mais para a terra cheio de ratos de pedra, que cortavão as amarras; e assim foi encalhar em uma restinga, e abriu pelo fundo, enchendo-se logo d'agua até á coberta. As outras duas Náos aguentaram-se melhor, por estarem sobre fundo limpo, e terem bôas amarras de

cairo, que por serem muito elasticas teem vantagem sobre as de linho em certas occasiões.

Por haver muito mar, não poderam as lanchas sahir do rio senão no dia seguinte, em que o vento abonançou: e o Governador passou a noite sobre a tolda e castellos da Náo, com toda a guarnição, onde fez depositar tambem o cofre do dinheiro, e tudo quanto se poude tirar da coberta; e quando chegaram as lanchas, e escaléres, passou para bordo do navio de seu irmão com parte da gente, e o resto mandou para a Náo de D. Fernando de Lima. Salvaram-se igualmente as antenas, aparelho, e artilheria da tolda e convéz, e queimou-se toda a parte do casco aonde o fogo poude chegar.

Completada que foi a aguada, partiu d'este funesto rio a dez de Novembro, resoluto a seguir o Canal de Moçambique, contra a sua primeira idéa de rodear por fóra de S. Lourenço; uma noite, sentindo-se perto de terra surgiram logo; e ao amanhecer se viram metidos entre a Ilha de Zanzibar e muitos baixos, de maneira que não podião destinguir por onde tinhão entrado, nem por onde poderião sahir, arrebentando em torno das Náos por toda a parte, o mar com grande força. Os pilotos emmudeceram; e nesta extremidade mandou o Governador, em um escaler, á Ilha, o Capitão da sua Guarda Manuel Machado, a fim de alli diligenciar um practico; porém os negros os receberam ás pedradas e frechadas, com que mataram um grumete, e feriram mais dous individuos.

O Governador enviou então na lancha a Pedro Vaz da Cunha com vinte e cinco homens, todos Fidalgos e Cavalleiros, os quaes entraram na aldêa, sem que nella encontrassem pessoa alguma, porque os negros apenas os viram trataram logo de fugir para os matos. Pedro Vaz da Cu-

nha determinou armar-lhes uma cilada, para a qual se offereceram os dous irmãos Diogo de Mello, e Tristão de Mello, que, com um creado seu chamado João Rodrigues, se deixaram ficar emboscados proximos da aldêa; e Pedro Vaz da Cunha se retirou na lancha para bordo, tendo ajustado com elles de vir á noite buscal-os.

Com effeito os negros ao anoitecer, vendo que a lancha já se tinha retirado, vieram metter-se na aldêa, julgando já não encontrarem alli Portuguez algum; e quiz a Providencia, que viesse esbarrar com os trez da embuscada, um Mouro velho, que era o melhor piloto d'aquella Costa, ao qual Diogo de Mello tomou nos braços, e tapando-lhe os outros dous a bôca, o levaram assim até á praia, onde se embarcaram na lancha que já os esperava. O Governador, louvando muito a intrepidez de Diogo de Mello, e seus companheiros, e o relevante serviço que acabavão de fazer, animou o Mouro, que no dia seguinte conduziu as Náos seguramente por um estreito e tortuoso canal, e as foi ancorar no porto de Zanzibar; recebendo por isso tantas dadivas do Governador, que se lhe offereceu para levar a esquadra a Mombaça, onde querião invernar, por ser já tarde para passarem á India, e a invernada em Melinde ser muito arriscada, por falta de porto.

Em Zanzibar, por ser terra muito sadia e abundante, deixou o Governador duzentos doentes entregues a Aleixo de Souza Chichorro, com todos os aprovisionamentos necessarios; e fazendo-se de vella com duas Náos, foi dar fundo em Melinde, cujo monarcha o recebeu com o bom agasalho que costumava fazer a todos os Portuguezes.

Mandou o Governador pedir licença ao Rei de Mombaça para invernar no seu porto, por não haver outro tão seguro em toda aquella Costa; porém elle se escusou d'isto,

por mêdo que fosse algum artificio de que se querião servir para se apoderarem da cidade. Então o Governador enxofrado por semelhante desconfiança, determinou por conselho de todos, entrar á força em Mombaça. Participando a sua resolução ao Rei de Melinde, este lhe deu oitocentos Mouros para servirem naquella empreza, e uma Naveta para levar parte d'elles; embarcando os outros no navio de Diogo Botelho Pereira que alli tinha encontrado. Montavão os soldados d'este Official e os das Náos a oitocentos homens, tudo gente limpa e bem disposta. Com esta esquadra sahiu Nuno da Cunha de Melinde, e no dia seguinte pela manhã surgiu fora da barra de Mombaça, a qual mandou logo sondar por seu irmão, em uma lancha armada. Este, entrando pelo canal, achou bom fundo, e na parte mais estreita d'elle estava um baluarte com uns oito canhões, d'onde lhe fizeram activo fogo, que felizmente lhe não causou damno algum; e seguindo para avante foi ancorar em frente da cidade, e d'alli fez signal á esquadra de que tinha bom ancoradouro.

Quando Nuno da Cunha viu que começava a viração, levantou ancora, e foi surgir onde estava a lancha, recebendo tambem de passagem um vivo fogo do baluarte, ao qual elle não respondeu para dar mostras de que vinha com intensões de paz. Demorou-se assim o resto do dia e a noite toda, na esperança de que lhe viesse alguma mensagem do Rei, com que ajustasse amigavelmente a sua invernada naquelle porto. Mas o Rei, mui longe de semelhante pensamento, aproveitou-se d'aquella demora para despejar a cidade, ficando nella apenas com a gente de guerra, e recolhendo-se o resto dos habitantes com o mais que poderam levar, para um sitio distante d'alli uma legua.

Desenganado o Governador Nuno da Cunha de que lhe cumpria uzar das armas para obter quarteis de inverno seguros, tornou a mandar, de noite, seu irmão, a fim de re-

conhecer os lugares opportunos para o desembarque; o que este fez com a maior diligencia e bôa vontade; e posto que fosse pressentido pelos Mouros, que lhe feríram alguns homens com frechadas, correu comtudo toda a frontaria da cidade, e encontrou uma praia, que lhe pareceu bella para o intento, posto que seria necessario desembarcar com agua pela cintura. Porém Nuna da Cunha teve logo outra melhor informação por um Mouro, que veiu de terra a nado, e que lhe indicou um local abaixo da cidade, onde as lanchas poderião chegar muito bem á terra: além d'isso, noticiou-lhe, que estavão alli mais de trez mil homens, com uma unica bateria de seis peças, diante d'uma das portas, commandada por um Portuguez renegado; e que mesmo assim éra tal o terror de que os Mouros estavão possuidos, que lhe afiançava, que apenas elles vissem os Portuguezes em terra, fugirião immediatamente todos.

Sobre estas noticias resolveu o Governador desembarcar no dia seguinte, no ponto que o Mouro lhe indicára, e servindo-lhes elle mesmo de guia. Formando toda a tropa em dous corpos, o primeiro de seiscentos Portuguezes, em que entravão duzentos espingardeiros commandados por Fernão Coutinho, a que se aggregaram trezentos Mouros de Melinde; e o segundo do resto da gente. Deu o commando d'aquelle a Pedro Vaz da Cunha, acompanhado de Manuel d'Albuquerque, e dos dous irmãos apelidados Mellos; e tomou para si a direcção do outro corpo, em que hião, D. Fernando de Lima, e Diogo Botelho Pereira.

Logo ao amanhecer desembarcaram as tropas, sem o menor perigo nem resistencia, no ponto que o Mouro indicou, e ao som de pifanos e tambores, com as bandeiras desenroladas, marcharam para a cidade, dirigindo-se á bateria avançada, onde estava o renegado, que disparando alguns tiros sem pontaria determinada, tratou de fugir o mais breve

que poude, e seguindo o Rei o seu exemplo ficou a cidade deserta.

O Governador foi aposentar-se nos Paços, cercando de entrincheiramentos com fosso, aquella parte da cidade, em que podião alojar-se commodamente as tropas, estabelecendo os necessarios postos avançados: e dando-se depois busca ás cazas, se achou muito ouro e dinheiro enterrado, com que alguns se fizeram ricos. O Baluarte do mar foi tomado por assalto, e todos os seus deffensores mortos, ou cativos; em cuja acção ficou mortalmente ferido de uma setta ervada, D. Rodrigo de Lima, irmão de D. Fernando de Lima.

Quando isto se concluio era já nos fins de Dezembro, e então escreveu o Governador a El-Rei, por Diogo Botelho Pereira, que expediu para Portugal, onde chegou em Junho do anno seguinte.

O Rei de Mombaça tinha tomado posição a meia legua da cidade, e d'alli fazia correrias para incommodar os quarteis dos Portuguezes, os quaes não deixaram de lhe sahir ao encontro; ficando ferido n'uma d'estas escaramuças D. Fernando de Lima. Havia o Governador determinado atacar o campo dos Mouros, e para saber qnaes erão as forças de que elles dispunhão, encommendou a Diogo de Mello de apanhar algum prisioneiro. Para este fim, sahiram á noite da cidade Diogo de Mello, Christovão de Mello, e mais dous soldados, e se foram embuscar muito perto do alojamento dos inimigos, onde, tendo encontrado alguns, quizeram trazer vivo um que tinhão agarrado, porém não lhes foi possivel, por causa dos grandes brados que elle dava, com o que todo o campo inimigo se alvoroçou; e então Diogo de Mello, matando o Mouro, lhe cortou um braço, que trouxe ao Governador para testemunho do que fizéra. Este rebate atemorizou os Mouros por maneira tal, que nunca mais tornaram a inquietar os

Portuguezes em quanto alli se demoraram, que foi só até ao fim de Março de mil quinhentos e vinte e nove; em cujo espaço de tempo, morrêram de febres, trezentos e setenta Portuguezes, entrando neste numero Pedro Vaz da Cunha, que deixou seu irmão inconsolavel.

As trez Nâos da esquadra, que tinhão invernado em Moçambique, de que erão Commandantes, Simão da Cunha, D. Francisco d'Eça, e Francisco de Mendonça, fizeram-se de vella, com intensão de correrem a Costa até Mombaça, para saberem novas do Governador, deixando enterrados em Moçambique mais de quatrocentos homens, que falleceram de enfermidades; e nos fins d'este mez de Março surgiram fóra da barra de Mombaça, trazendo a seu bordo Aleixo de Sousa Chichorro, e a gente toda que com elle ficára em Zanzibar. Folgou muito o Governador com a sua vinda, mas sentiu ao mesmo tempo a noticia que lhe deram da perda dos navios de Bernardim da Silveira, e de Affonso Vaz Zambujo; e chamando a conselho todos os Commandantes e pilotos da esquadra, assentou em que não era conveniente arriscarem-se, com tamanhas embarcações, a atravessar o golfo da India no inverno d'aquelle clima; e que seria mais seguro que passassem os mezes de máu tempo em Ormuz, e no mez de Setembro, que é quando alli começa o verão, sahirem então para Gôa.

Estando o Governador para partir, recebeu cartas de Lopo Vaz de Sam Payo, que lhe trouxe Sebastião Freire, Commandante d'uma pequena embarcação; ao qual expediu logo com a resposta; e sahindo de Mombaça com a esquadra, chegou a Mascate, onde desembarcou os muitos enfermos que levava, e foi a Ormuz só com as Nâos de Simão da Cunha (para a qual se havia mudado,) e de D. Fernando de Lima, deixando as outras n'aquelle porto.

Para finalisar os acontecimentos d'esta infeliz viagem, diremos em summa, que de Ormuz mandou depois o Governador a Simão da Cunha com alguns navios, em que levava uns trezentos homens, para reduzir a Ilha de Baharem á obediencia do Rei de Ormuz; em cuja expedição morreu grande numero de Portuguezes das enfermidades d'aquelles climas; e Simão da Cunha, ainda que escapou, faleceu comtudo em breves dias, da forte paixão que este máu successo lhe cauzou.

De maneira que esta esquadra de Nuno da Cunha, antes de chegar a Gôa, perdeu quatro navios, e alguns mil e seiscentos homens.

CAPITULO VIII.

ANNO DE 1530.

El-Rei D. João III. ordena que Martim Affonso de Souza sáia com uma esquadra a investigar as Costas e terras do Brazil, authorisando-o desde logo para repartir terrenos pelas pessoas, que alli se quizessem estabelecer; e dando-se por este modo principio á Colonisação d'esta importante e vasta região.

El-Rei D. João III. deve ser considerado como o povoador do Brazil, que, até á época em que este Monarcha

subio ao throno, estava sómente reconhecido em partes, e em nenhuma d'ellas era ainda povoado, porque naquelle tempo as guerras da India e as altas esperanças que dava o seu commercio, attrahião toda a attensão dos Portuguezes para o Oriente. As especulações mercantís formavão então o espirito dominante do seculo; visto que cada seculo tem seu espirito particular, e que o distingue dos outros. El-Rei pensou pois mui sabiamente, que um paiz tão fertil, extenso, e cheio de bons portos, como era o Brazil, cuja navegação além d'isso se tornava muito menos longa, e difficil que a da India, merecia toda a sua consideração, e o emprego das providencias mais promptas e convenientes para estabelecer nelle Colonias, que, pouco a pouco, fossem domesticando os seus selvagens habitantes, e pondo alli em practica a agricultura, se utilisassem dos productos de uma terra virgem, e das preciosissimas madeiras de toda a especie, que fornecião os seus antiquissimos bosques, em muitas partes á beira d'agua.

Como era impossivel que o Erario podesse fazer face a um projecto gigantesco, que exigia enormes despezas, formou-se pelos annos de 1531, pouco mais ou menos, um plano geral de Colonisação, que abrangia desde Pernambuco até ao Rio da Prata, demarcando e dividindo toda aquella immensa Costa em Capitanias de cincoenta leguas de frente cada uma (houve nisto algumas alterações), com um fundo illimitado, por não ser ainda conhecido o Continente. Estas Capitanias foram depois dadas por El-Rei em differentes épocas, desde o anno de 1532 em diante, debaixo de certas condições, e de juro, e herdade, ás pessoas que tinhão meios para alli estabelecerem Colonias a sua propria custa. (*)

(*) Assim nos consta da Carta de El-Rei a Martim Affonso de Sousa, datada de Lisboa a 28 de Setembro de 1532. Provas á Historia Genealogica, Tomo 6.° pag. 318.

Para dar principio a este systema mandou El-Rei, neste anno de mil quinhentos e trinta, a Martim Affonso de Sousa, do seu Conselho, de cuja capacidade fazia grande estimação, por Commandante d'uma esquadra, com a qual parece que elle incorporou alguns navios afretados á sua propria custa, em que se embarcaram algumas pessoas, que se offereceram para povoarem o primeiro estabelecimento Colonial, que se hia crear no Brazil; attendendo a que Martim Affonso de Sousa levava Instrucções para examinar a Costa, que corre do Cabo Frio ao Rio da Prata, e erigir uma Colonia onde melhor lhe parecesse, com ampla authoridade de conceder terras de Sesmaria áquelles que as quizessem cultivar. (*)

A esquadra sahiu de Lisboa depois de vinte de Novembro, e na sua viagem encontrou alguns navios de Corsarios Francezes, dos quaes tomou um. No primeiro de Janeiro de mil quinhentos e trinta e um chegou á bôca de uma vasta Bahia, a que deu o nome de Rio de Janeiro; e Martim Affonso de Sousa, não ousando aventurar a esquadra em um porto desconhecido, surgio fóra, e desembarcando em uma praia adjacente a um notavel penhasco (o Pão d'Assucar), explorou o paiz, e fez por mar outro reconhecimento com lanchas armadas, em que veiu a conhecer, que lhe não convinha arriscar uma pequena Colonia em terra tão povoada de Indios mui ferozes e guerreiros.

Deixando pois o ancoradouro, proseguio costeando para Oeste; viu as barras de Tijuca e Guaratiba, descobriu a Ilha da Marambaia, e logo outra, a que chamou Ilha Grande; e adiante d'esta entrou n'uma grande Enseada, a que

(*) Vejam-se as Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, pelo Correspondente da Academia Real das Sciencias, Fr. Gaspar da Madre de Deus.

deu o nome de *Angra dos Reis*, por alli entrar no dia seis de Janeiro. Sahindo d'esta Enseada, continuou a examinar a Costa, até que no dia vinte do supradito mez, chegou á uma Ilha, a que chamou, referindo-se tambem ao dia, de *S. Sebastião*; a vinte e dous, descobriu um Porto, onde entrou, e o appelidou *Rio de S. Vicente*, por cuidar que o era; e desembarcando em uma Ilha, construio ahi um forte para sua deffensa. Este porto é o que hoje se designa pelo nome de *Porto de Santos*; e a Capitania, que por muitos annos conservou a denominação de S. Vicente, tomou em 1710 o nome de S. Paulo.

Como nos não pertence tratar aqui da Historia formal das Colonias do Brazil, diremos unicamente, que Martim Affonso de Sousa teve a fortuna de achar estabelecido neste paiz um Portuguez chamado João Ramalho, o qual havia muitos annos que habitava entre os Indios Guaianazes, e tinha cazado com a filha de Tebyreça, poderoso Cacique dos Campos de Paratininga, com o favor do qual alcançou Martim Affonso de Sousa, fazer paz, e alliança com este Cacique, a qual foi depois extensiva aos Indios de outras Aldêas.

Ficando a Colonia em segurança por este tratado; expediu Martim Affonso de Sousa para Portugal o navio francez que aprezára, escrevendo a El-Rei para lhe narrar quanto lhe havia succedido até alli; e sahiu depois com a esquadra, a reconhecer a Costa do Sul, segundo lhe ordenavão as suas Instrucções; em cuja derrota, descobriu todas as Ilhas, Cabos, e Bahias, pondo padrões onde melhor lhe pareceu, como signal da posse que tomara d'aquelles paizes para a Corôa de Portugal.

O primeiro padrão foi collocado na pequena Ilha do *Cardozo*, defronte de Cananéa; e tendo-se perdido a lembrança d'elle, se descobriu em Janeiro de 1767. Em 30°

de latitude Sul, achou um Rio, que se ficou chamando do seu nome; na Ilha de Maldonado, situada na bôca do Rio da Prata, assentou o ultimo padrão; e entrando por este Rio, perdeu uma das embarcações, que foi dar em um baixo.

Concluio Martim Affonso de Sousa este reconhecimento, que se não sabe com certeza até onde se extendeu; voltou depois para S. Vicente, onde, por duas caravellas chegadas de Lisboa, soube que El-Rei lhe havia dado uma Capitania de cem leguas de Costa, bem como outra d'umas cincoenta leguas a seu irmão Pedro Lopes de Sousa. Partiu, logo depois, elle mesmo em pessoa, para reconhecer o paiz onde se achava, e subiu a grande serra de Paranapiacaba, em cujos campos, mais de vinte annos depois, se construio a Cidade de S. Paulo. E por ultimo, deixando a Colonia bem guarnecida, regressou a Portugal no anno de 1533.

CAPITULO IX.

ANNO DE 1533.

O Imperador Carlos V. intenta a conquista de Tunes, e fazendo extraordinarios preparativos para o fim de levar a effeito esta empreza, sollicita o auxilio de seus Alliados. El-Rei D. João III., como o mais poderoso e interessado d'estes, envia uma forte esquadra, commandada em Chefe por Antonio de Saldanha, para cuadjuvar o Imperador. Entrada da esquadra no porto de Barcelona, que era o centro das forças maritimas. O Infante D. Luiz, irmão d'El-Rei de Portugal, desejozo de se achar n'uma empreza de tal ordem, parte occultamente da cidade d'Evora acompanhado de alguns creados; El-Rei, sabendo isto, lhe envia pela posta a sua licença; e chega, finalmente, o Infante a Barcelona, onde lhe

faz o Imperador as honras devidas. Promenores mais importantes d'esta memoravel conquista em que os Portuguezes se cobriram de gloria.

Constituido Rei de Tunes o temido Barba Rôxa, depois de ter expulsado do throno a Moley Hassan, resolveu o Imperador Carlos V., hir em pessoa restabelecer este Principe nos seus Estados, afim de desassombrar a Italia da visinhança d'um inimigo terrivel pela sua natural audacia, e pelos soccorros que a Porta lhe fornecia. Começou pois a prevenir o necessario para a formidavel invasão, que meditava, fazendo armar quantos navios se acharam pelos portos de Hespanha e de Italia, abastecendo-os ao mesmo tempo de todos os aprovisionamentos de viveres, munições de guerra, e navaes; para o que se organisaram immensos depozitos em Barcelona, porto escolhido, pelas vantagens da sua localidade, para servir de centro de reunião de todas as forças de mar e terra, da vasta Monarchia Hespanhola, e dos seus Alliados.

Era El-Rei D. João III. o mais poderoso d'estes, pelas suas riquezas e forças maritimas, bem como o mais interessado no feliz resultado d'aquella empreza, em razão da posição topografica de Portugal, e extensão do seu commercio. Já desde o anno antecedente que o Imperador lhe pedira o auxilio de uma esquadra de vinte caravellas, e alguns navios grandes, indicando-lhe expressamente o Galeão S. João (*),

(*) Fr. Manuel Homem, diz, que este Galeão continha 366 peças d'artilheria de bronze, contando com as que guarnecião dous altos castellos na pôpa e prôa. O Folheto attribuido ao Doutor Jorge Coelho, que parece ter sido escripto no reinado de D. João III.

ou Bota-fogo, que era a maior embarcação que então se conhecia na Europa.

Annuindo finalmente El-Rei aos rogos do Imperador, mandou armar uma esquadra composta do Galeão S. João, duas Náos, e vinte das melhores caravellas, com alguns transportes de munições, tudo guarnecido com dous mil e quatrocentos soldados, além de muitos Fidalgos dos principaes, que foram como voluntarios, movidos pela nobre ambição de ganhar honra em uma empreza, onde o maior Potentado do seculo arriscava a sua gloria.

Nomeou El-Rei por General da expedição a Antonio de Saldanha, o velho, Official muito experiente e de relevantes serviços; o qual embarcou no Galeão com uns seiscentos mosqueteiros, quatrocentos homens de espada e rodella, e trezentos artilheiros. Foram Commandantes das embarcações de guerra, Pedro Lopes de Sousa, D. João de Castro, Simão de Mello, Jorge Velho, Henrique de Macêdo, Simão da Veiga, Francisco Rodrigues Barba, Ignacio de Bulhões, Antonio de Mansellos, Henrique de Sousa Chichorro, Francisco Mendes de Vasconcellos, Gaspar Tibáo, Manuel

diz, que o tal Galeão fôra construido nas Portas do Mar, em Lisboa, pelo Mestre João Gallego, que empregou na sua construcção 230 operarios, e só poude deitar-se ao mar d'ahi a dez mezes; que a sua quilha tinha comprimento e meio da maior Náo da India; e tambem que tinha cinco baterias com 366 boccas de fogo. Finalmente, diz J. da C. Quintella nos seus Annaes da Marinha Portugueza, que o celebre Galeão não seria provavelmente maior do que a Náo Hespanhola Santissima Trindade, de 140 peças, tomada pelos Inglezes na batalha de Trafalgar. De resto o dito Galeão existia ainda no anno de 1580, e esteve ancorado em Belem, com outros navios, para embaraçar que a Armada de D. Fillipe II. chegasse a Lisboa.

de Brito, Balthasar Lobo Teixeira, Manuel Brandão, Nuno Vaz de Castello Branco, Thomaz de Barros, Francisco Homem, Antonio de Azambuja, Francisco Chamorro Garcez, D. Henrique de Sá, e Balthasar Banha.

El-Rei deu a Antonio de Saldanha grandes poderes, tanto no criminal como no civil, sobre todos os individuos, que servissem naquella esquadra; e ordenou, que no caso de seu fallecimento lhe succedesse no Commando geral da frota, Simão de Mello, de quem El-Rei fazia bello conceito e que tinha na maior estima.

Sahiu a esquadra de Lisboa em fins de Março, e chegou a Barcelona n'uma noite dos fins de Abril. Na seguinte manhã entrou no Porto, em linha de marcha, muito embandeirada, dando longas salvas d'artilheria e mosquetaria; e navegou ao som de todos os instrumentos bellicos uzados naquelle tempo, até que deu fundo. O Imperador, que tinha hido vêr a entrada d'Armada para caza do Embaixador de Portugal, Alvaro Mendes de Vasconcellos, cujas janellas cahião sobre o mar, ficou por extremo satisfeito com tão estrondoso apparato.

Antonio de Saldanha desembarcou logo, acompanhado de todos os Commandantes das embarcações, e das pessoas mais distinctas, com ricos trajos e adornos, levando uma guarda de trinta arcabuseiros fardados de verde e branco. Apenas saltou em terra, logo encontrou os Duques de Alva e Cardona, com mais alguns Grandes de Hespanha, que tendo-o cumprimentado, o conduziram até ao palacio do Bispo, para onde o Imperador tinha hido esperal-os. Este Monarcha recebeu a Antonio de Saldanha e a toda a sua comitiva com as maiores honras e obsequios.

Poucos dias depois entrou em Barcelona o Principe An-

dré Doria, com vinte e duas Galés mui bem preparadas, e ao passar pela esquadra Portugueza, salvou com toda a sua artilheria e mosquetaria, sendo tambem correspondido com outra salva semelhante. Occorreu aqui uma etiqueta militar: o Principe Doria, como General em Chefe de todas as forças navaes empregadas na expedição que se preparava, tinha o exclusivo privilegio de uzar do Estandarte Real; mas a mesma insignia levava tambem Antonio de Saldanha, o qual não era homem de ceder o campo a pessoa alguma. O Imperador decidiu então que o Estandarte de El-Rei de Portugal, seu irmão, se conservasse tambem arvorado. (*)

O Imperador embarcou-se na Galé do Principe Doria, e seguido de todas as outras Galés, foi passar revista a toda a Armada; em cuja occasião a esquadra Portugueza lhe deu uma salva geral, á qual responderam todos os mais navios surtos naquelle porto.

O celebre Infante D. Luiz, um dos Principes mais completos do seu seculo, sempre desejos de achar-se em grandes emprezas, para o que nunca tinha obtido licença de El-Rei, seu Irmão, resolveu não perder uma tão bella occasião de satisfazer os seus desejos, e logo depois que a esquadra sahiu de Lisboa, partiu elle secretamente da cidade de Evora, onde estava então a Côrte, accompanhado de André Telles de Menezes, Manuel de Sousa Chichorro, D. Fernando, Francisco Pereira, e Pedro Botelho, todos seus creados.

Como fosse brevemente divulgada a partida subita do

(*) O General em Chefe da Armada trazia então Bandeira no tope grande, e o Estandarte Real içado na pôpa. Hoje largão-se nos topes todas as insignias. Couto, Memorias Militares, Tomo 2 pag. 154.

Infante, expediu El-Rei de prompto pela posta o Conde da Castanheira D. Antonio de Atayde, que ainda o poude alcançar, e lhe entregou uma licença do Rei para continuar sua jornada, bem como um credito de cem mil cruzados. Deu igualmente El-Rei faculdade, e fez muitas mercês para o acompanharem, a D. Pedro de Mascarenhas, Lourenço Pires de Tavora, Ruy Lourenço de Tavora, Luiz Gonsalves de Atayde, D. João D'Eça, Tristão Vaz da Veiga, D. Garcia de Castro, Antonio de Albuquerque, Fernando da Silveira, D. Diogo de Castro, D. Francisco Coutinho, Belchior de Brito, Pedro da Fonseca, D. Affonso de Portugal, filho do Conde de Vimioso, D. Affonso de Castello-Branco, D. Antonio de Almeida, Ruy Mendes de Mesquita, e João de Sepulveda. Mais alguns Fidalgos se ausentaram sem licença para o mesmo fim, como foram, um outro filho do Conde de Vimioso, Luiz Alvares de Tavora, D. João Pereira, filho do Conde da Feira, Tristão de Mendonça, e João Freire de Andrade.

O Duque de Bragança D. Theodosio tinha tambem partido em seguida do Infante, e o foi encontrar em Arronches, porém El-Rei o chamou logo á Côrte por uma carta de seu proprio punho, á qual o Duque se viu obrigado a ceder, ainda que com grande repugnancia; e começou a sua retirada com uma acção propria de seu nobre coração, destribuindo por pessoas necessitadas toda a sua bagagem, armas e cavallos (*), e quinze mil cruzados em dinheiro, que lhe restavão na mão do seu thesoureiro. Escreveu pelo mesmo tempo El-Rei a Antonio de Saldanha, recommendando-lhe que obedecesse em tudo ao Infante como se fosse á sua propria pessoa.

Chegando a Barcelona o Infante D. Luiz, o Imperador

(*) Historia Genealogica, Tomo 6. pag. 9.

o esperou nas escadas do Paço, e o hospedou com todas as demonstrações e festas devidas a tão alta personagem.

Uns seis ou sete dias depois da chegada do Infante, embarcou o Imperador na Galé Bastarda, de trez mastros e vinte e seis bancos de quatro remos, toda dourada, e soberbamente mobilada e adornada, a qual mandára fazer o Principe André Doria, em Genova, para este mesmo fim. O Infante D. Luiz tambem aqui se embarcou com o Impeperador, levando comsigo D. Pedro Mascarenhas e André Telles de Menezes.

Logo depois sahiu de Barcelona toda a Armada, e apezar das ordens mais apertadas para se não receberem a bordo pessoas inuteis, nem mulheres, ao desembarcar em Tunes, se acharam d'estas ultimas mais de quatro mil. Sobrevindo um forte vento, fez espalhar os navios. As Galés tomaram guarida em Malhorca, e as embarcações grandes em Porto Mahom. Abonançando o tempo, seguio o Imperador sua viagem, e proximo do meado de Junho, ancorou na Bahia de Calhari, onde chegou da Italia o Marquez del Vasto, General da Infanteria, com um reforço de navios, e tropas d'aquelle paiz. Finalmente, por alguns captivos, fugidos de Tunes, soube o Imperador o estado das fortificações da Goleta, bem como os preparativos de deffensa de Barba Roxa.

Depois d'este ultimo acrescimo, ficou constando a Armada total, de quarenta Galeões, cem navios redondos, sessenta Urcas, vinte e cinco Caravellas, e oitenta e duas Galés; não contando ainda com muitas embarcações ligeiras, que farião chegar então a totalidade a mais de quatrocentas vellas. Era General das Galés Hespanholas D. Alvaro Baçan. O Exercito, que recebia soldo, subia a vinte e seis mil infantes, e dous mil de cavallo, em que entravão uns oito mil Alemães, e cinco mil Italianos. Na Cavallaria havião apenas

uns oitocentos homens cobertos de completa armadura; o resto era armado á ligeira de couraças, capacetes, lanças e adagas. Os Voluntarios, ou Aventureiros (nome que se dava aos que não recebião soldo) chegavão a dezeseis mil homens, dos quaes, uns servião a pé, outros a cavallo.

Dois dias depois d'aquelle em que a Armada ancorou em Calhari, sahiu d'esta Bahia em duas Divisões, a primeira composta da esquadra Portugueza e das Galés de D. Alvaro Baçan; e na segunda se comprehendia o resto dos navios de guerra; sendo nesta que hião o Imperador e o General em Chefe Principe André Doria.

Tendo navegado dous dias, entrou na Bahia de Tunes, e no mesmo dia surgiu toda em Cabo Carthago, a cinco milhas da Goleta. (*)

Não tinha escapado, á perspicaz vigilancia de Barba Roxa, o armamento do Imperador, nem o seu verdadeiro destino; e pedindo auxilio ao Sultão, o qual embaraçado com as guerras da Asia, não poude conceder-lh'o obteve muita gente dos Governos da Barberia: e como a sua Armada não podia medir-se com a do Imperador, tomou a resolução de

(*) O Castello da Goleta tomou o nome do estreito Canal (em Hespanhol Goleta) em cuja entrada está situado; o qual se fechava todos os dias ao pôr do Sol, com uma grande viga atravessada da ponta, em que elle está fundado, para outra ponta fronteira, onde se acha o Banho ou prisão dos Escravos, a fim de evitar de noite a passagem de embarcações pequenas. O Canal tem bom fundo na entrada, mas expraia-se logo em um lagamar de doze milhas de comprido e nove de largo, que vai acabar na cidade de Tunes, com tão pouca altura de agua, que só podem transitar por elle embarcações de remos, e ainda para isso é necessario ter alguma practica das localidades, porque é cheio de alfaques.

defender a todo o risco o Castello da Goleta, que fez fortificar o melhor que as circumstancias permittião. O seu Exercito compunha-se de oitenta mil Turcos, oitocentos Janisaros, oito mil Arabes de cavallo, e quatorze mil Mouros, uns lanceiros, outros frecheiros, sem desciplina: e querendo assegurar antes de tudo os seus thesouros, carregou vinte e seis Galés, em que os remetteu para Bona, e Argel. Entregou o Governo da Goleta, ao famoso Sinan, Renegado Judeu, com a flôr dos Janisaros e Turcos, e grande quantidade de munições; e elle se estabeleceu em Tunes, para d'alli inquietar o Exercito Imperial, e enviar soccorros ao Castello cuja communicação tinha franca, porque a sua Marinha occupava o Lago.

Depois do meado de Junho, tendo o Imperador mandado reconhecer o Castello pelo Marquez del Vasto, com vinte e duas Galés, fez desembarcar parte da Infanteria, e elle saltou tambem em terra no seguinte dia com o resto do Exercito. Ganhou-se facilmente uma Torre distante uma milha da Goleta; e o Exercito se alojou junto ás ruinas de Carthago.

Não sendo do objecto da nossa competencia a narração circumstanciada do cêrco, relataremos em summa os principaes acontecimentos. Barba Rôxa inquietava continuamente o campo do Imperador, aproveitando-se das vantagens que lhe davão as localidades, por ser todo o paiz coberto de ruinas dos antigos edificios de Carthago, e de muitas vinhas, olivaes, e valados, que offerecião milhares de posições favoraveis á pequena guerra, que elle mui bem sabia fazer; e Sinan não estava ocioso no Castello, d'onde fazia frequentes sortidas, o que dava occazião a uma multidão de combates, que cauzavão consideraveis perdas ao Exercito, sobre as que alem d'isso recebia das doenças procedidas do calor do clima, da ruindade e mesmo falta de agua, da má qualidade dos

viveres, e das continuas fadigas. O Imperador accudia frequentes vezes aos rebates, sempre acompanhado do Infante D. Luiz, que era inseparavel do seu lado, e dirigia o trabalho das trincheiras, que avançavão com difficuldade, por ser necessario acarretar de fora, nas Galés, todos os materiaes que alli tinhão de ser empregados.

Pelos fins do mez de Junho chegou D. Francisco de Alarcão, General Veterano de grande reputação, a quem o Imperador chamava *Pai*, e que logo começou a fazer mudanças na destribuição e desciplina do Exercito, e a adiantar muito os aproxes; prohibindo ao mesmo tempo as sortidas, que fazião com frequencia alguns destacamentos, para atacar os Mouros, que vinhão escaramuçar, as quaes custavão sangue, sem que produzissem fructo algum.

Finalmente, apenas estiveram promptas trez baterias, nos lugares mais vantajosos para bater em brecha o Castello, com dezesete canhões de mui grosso calibre, romperam o fogo no dia vinte e cinco de Julho (*) ao amanhecer; e ao mesmo tempo os melhores navios da Armada, em que entravão as Caravellas Portuguezas, atacaram da banda do mar, onde attrahiu a attensão de todos o Galeão S. João, pela actividade do seu fogo, mui superior, e a cavalleiro de todos os outros navios. Os sitiados responderam com bastante valor a esta espantosa bateria de fogos cruzados, em que, da parte dos atacantes, se dispararam mais de quatro mil ballas d'artilheria.

(*) Francisco de Andrade traz o assalto a 25 de Julho, a quem segue o Conde de Vimioso; Acenheiro diz, que foi a 21; o Anno Historico a 12; e Ignacio da Costa Quintella, nos seus Annaes da Marinha Portugueza, diz, (seguindo a Sandoval que lhe pareceu bem informado dos particulares do cerco) ter sido no dia 14.

No fim de seis horas já se viram largas brechas em todos os lados batidos; e o Imperador que esperava este momento, á testa do seu Exercito debaixo d'armas, mandou fazer o signal para o assalto, ao qual logo marcharam na vanguarda as tropas Hespanholas, a quem sempre dava a preferencia nas occaziões criticas, e que eram sem contradição n'aquelle seculo as melhores da Europa.

Assim a Praça foi neste mesmo dia entrada sem grande perda; e desembarcando ao mesmo tempo D. Alvaro Baçan com os soldados da guarnição dos navios, penetraram nella por outras brechas.

Sinan, depois de fazer os maiores esforços para rechaçar os Christãos, vendo mortos mais de duzentos Janisaros, cada um no posto que occupára vivo, se recolheu por mar a Tunes, tendo perdido ao total uns mil e quatrocentos homens.

Acharam-se no Castello quarenta canhões; e foram tomadas no lago todas as embarcações de Barba Rôxa, cujas equipagens tinhão fugido com tal precipitação, que se esqueceram de lhes pôr o fogo. Constava esta Armada de quarenta e duas Galés Reaes, muitas d'ellas de 26 a 28 bancos; entre estas a sua soberba Capitania; quarenta e quatro Galeotas, Fustas, e Bergantins; e vinte e sete navios redondos, além d'outros vazos mais pequenos ;com setecentas peças d'artilheria, entre as quaes se contavão trezentas de bronze.

Trez dias depois da tomada do Castello, apresentou o Imperador á opinião do seu Conselho, se devia marchar sobre Tunes, para expulsar completamente a Barba Rôxa d'aquelle Estado, ou voltar para Hespanha, deixando a competente guarnição no Castello da Goleta? O Infante D. Luiz, e o Duque de Alva foram do voto que se marchasse á Con-

quista de Tunes, que era igualmente a opinião do Imperador; sendo esta a que se poz em practica, apezar de soffrer a opposição do maior numero dos votantes.

Em consequencia d'esta deliberação do Conselho, marchou o Exercito, no dia immediato, para Tunes, e ainda que a distancia era de poucas milhas, o caminho offerecia terriveis obstaculos, tanto pela natureza dos terrenos, como tambem pelo insupportavel calor da estação naquelles climas, e pela falta de agua. Além d'isto, Barba Rôxa tinha reunido a uns seis mil Turcos, Janisaros, e Renegados, que lhe restavão, um Exercito de Arabes, e Mouros, de mais de sessenta mil homens, onde se contavão vinte mil de cavallaria, e treze mil arcabuzeiros, com alguma artilheria ligeira; e estava maravilhosamente postado, ficando-lhe na sua retaguarda os unicos poços, que por aquelles sitios se encontravão: era por tanto forçoso, que o Exercito Imperial os ganhasse do primeiro impulso, ou morresse á sêde, por se lhe haver já acabado totalmente a agua.

No terceiro dia depois que o Exercito tinha rompido a marcha sobre Tunes, parece que o Imperador, tendo reconhecido bem a posição vantajosa de Barba Rôxa, ficou perplexo, e perguntou a D. Fernando de Alarcão *o que faria em tão criticas circumstancias? Accometter já sem a menor delonga*, lhe respondeu este sabio General. O Imperador assim o fez, e logo á primeira carga das suas tropas se debandou toda a multidão dos inimigos, quazi sem combaterem, e com muito pouca perda, porque os vencedores estavão tão acabrunhados pela sêde e pelo calôr, que mal podião mover-se, quanto mais hirem-lhes no alcance. Barba Rôxa, desesperado pela infame cobardia dos Africanos, sahiu aquella noite de Tunes, com os seus Turcos, e Renegados, e tratou de buscar salvação em Bona.

No dia seguinte, entrou o Imperador em Tunes sem o menor indicio de resistencia, tratando logo de pôr em liberdade perto de vinte mil captivos de differentes Nações, que alli existião então; mas os seus soldados commetteram ao mesmo passo alguns attentados, que naquelle primeiro impeto se não poderam evitar.

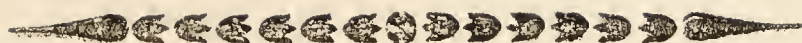
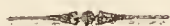
Logo no principio do mez de Agosto, assignou-se um Tratado entre o Imperador e Moley Hassan (que o havia acompanhado), pelo qual foi este Principe restabelecido no seu throno, cedendo á Hespanha o Castello da Goleta, e mais outras Praças maritimas, com varias clausulas que não vem aqui a proposito notarem-se.

Convocou o Imperador outra vez o seu Conselho para saber se devia passar á conquista de Argel, empreza que parecia então da maior facilidade; mas infelizmente foi reprovada esta sua proposta.

Assim se concluio pois esta brilhante campanha; e deixando o Imperador na Goleta, por Governador, a D. Bernardino de Mendonça, com mil soldados Hespanhoes, despediu mui dignamente a Esquadra de Portugal; mandando nesta occazião entregar dous mil cruzados a cada um dos Commandantes Portuguezes; dos quaes foi D. João de Castro o unico que não quiz acceitar esta offerta.

Partiu então Antonio de Saldanha para Lisboa a dez de Agosto do citado anno de mil quinhentos trinta e trez, levando em sua companhia o Infante D. Luiz. Ancorou na Bahia de Calhari, onde se deteve cinco dias, e querendo sahir d'alli, soffreu uma tão perigosa tempestade no Golfo de Leão, que o obrigou a arribar outra vez a Calhari. Quando veiu a bonança seguio de novo sua viagem, até que no dia trinta teve outro máu tempo, com que foi forçado a entrar em

Palamos com seis caravellas. Aqui desembarcou o Infante D. Luiz, e proseguio depois por terra a sua jornada.

Antonio de Saldanha, depois de ter reunido toda a sua esquadra, seguio viagem para Portugal, e veiu entrar no porto de Lisboa em o mez de Outubro.

CAPITULO X.

ANNOS DE 1534 A 1537.

Lanção os Portuguezes os principaes fundamentos á fortaleza de Diu, que foi logo depois governada por Nuno da Cunha. O ousado Diogo Botelho emprehende a sua viagem da India a Portugal n'uma pequena fusta; trama-se a bordo uma conjuração contra elle, em que ficou gravemente ferido; soffre ainda no mar alguns contratempos, que o obrigaram a vir ancorar na Ilha do Faial, d'onde parte afinal para Lisboa. Começa o celebre Fernão Mendes Pinto as suas extensas peregrinações, que duraram até ao anno de 1559, em que recolheu a Portugal.

A vinte de Novembro do anno de mil quinhentos e trinta e quatro, foram lançados os primeiros fundamentos para a fortaleza de Diu, megnifico theatro das victorias Portuguezas, com licença do Rei de Cambaya Soltão Badar, cuja obra foi concluida totalmente no curto espaço de trez mezes, e se lhe poz o nome de S. Thomé, sendo nomeado Nuno da Cunha para seu Governador. Estabelecida pois a fortaleza de Diu, ficou sendo da mais alta importancia, por isso que ella era a chave da India, e com a qual Nuno da Cunha segurou aquelle Estado, coarctando ao Turco a navegação por aquelles mares.

Logo que El-Rei D. João III. recebeu a noticia de tão vantajosa fundação, rendeu graças a Deus com solemnes Procissões, e o participou ao Papa Paulo III., que igualmente o festejou com o Sacro Collegio dos Cardeaes, na Basilica do Principe dos Apostolos, com uma solemne e apparatosa Procissão; e prégando nesta occasião o Mestre Theofilo, Eremita de Santo Agostinho, e Napolitano de nascimento, engrandeceu o zêlo da Religião d'El-Rei, e o que a Santa Sé Apostolica devia ao valor dos Portuguezes, os quaes com seus incansaveis esforços e penosissimos trabalhos tinhão aberto tão largas portas para entrar a Christandade na Asia.

Foi Diu célebre theatro das incriveis proezas dos Portuguezes, tanto no primeiro sitio, que defendeu Antonio da Silveira, como no segundo de D. João de Mascarenhas, que D. João de Castro fez depois acabar; os quaes cêrcos serão

sempre admirados pelo valor, e constancia dos sitiados. Estes, e outros insignes Capitães, fizerão nos Estados da India gloriozas as Armas d'El-Rei D. João III., e feliz o seu reinado; e ainda se fez muito mais com as Missões da Ethiopia, China, e Japão; e em outras remotas partes, onde mandou Ministros do Evangelho, entre elles a S. Francisco Xavier, que pelo seu zêlo, e virtudes mereceu o titulo de Apostolo do Oriente.

Foi no anno de mil quinhentos e trinta e cinco que Diogo Botelho (*) emprehendeu a sua tão arriscada viagem da India a Portugal; viagem que deve entrar em linha com as mais atrevidas acções do espirito humano.

Este Official, nascido na India (**) era filho natural de Antonio Real, Governador de Cochim, no tempo do Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e de Iria Pereira, que elle levára comsigo de Portugal; a qual tendo ficado rica, o educou com grande mimo. A inclinação natural o levou ao estudo da Geografia e das Artes Nauticas, em que fez admiraveis progressos pelo seu raro talento, constituindo-se um habil Piloto, e bello Artifice de Cartas Maritimas, emendando mesmo muitos êrros dos antigos Mappas; sem que todavia estes astudos o arredassem do uzo das armas, a que o arrastava o seu genio audaz e emprehendedor.

(*) Esta viagem de Diogo Botelho é contada diversamente pelos nossos melhores Escriptores, acrescentando uns certas circumstancias, que outros omitem, e variando todos nas datas. Seguímos pois o que nos pareceu mais provavel.

(**) Vede a Chronica de D. João III., por Francisco de Andrade, Parte 3. Capitulos 13 e 14. — Castanheda, Liv. 8, Capitulo 52. — Conto, Decada 5. Liv. 1, Capitulo 20. — João de Barros, Decada 4, Liv. 6, Capitulo 14.

Tendo assim adquirido uma bôa reputação, vem a Portugal, onde El-Rei lhe concedeu o Foro de Fidalgo, e o tratou com a maior desticção. Mas não lhe deferindo a um requerimento em que elle pedia o governo de Chaul, teve a grande imprudencia, Diogo Botelho, de soltar algumas palavras equivocas, em presença de D. Antonio de Noronha, Escrivão da Puridade, dando nellas a entender que tinha dezejos de mudar de Reino; o que sendo sabido por El-Rei, lembrando-se do acontecido com Fernão de Magalhães, a quem Diogo Botelho nada cedia em valor, e ainda sobrepujava em conhecimentos, o mandou immediatamente prender no Castello de Lisboa, onde o conservou em bom recado até á época em que o Conde Almirante D. Vasco da Gama foi nomeado Vice-Rei da India; o qual então sendo importunado por alguns Fidalgos, a que desejava servir, pediu licença a El-Rei para levar comsigo a Diogo Botelho, o que lhe foi concedido, debaixo da condição unica que este não tornaria mais a Portugal sem uma ordem expressa do mesmo Rei.

Chegando pois Diogo Botelho a Gôa, continuou a servir alli, hindo passar os invernos para Cochim, onde tinha bons amigos; os quaes lhe fazião pagar com a maior pontualidade os seus soldos.

Andava elle espreitando sempre alguma occazião opportuna de poder vir a Portugal, porém d'um modo tão extraordinario, que claramente demonstrasse a El-Rei a sua pura fidelidade, e desmentisse ao mesmo tempo a quem lhe tinha hido dizer que elle queria deixar o Real Serviço do seu paiz. Com semelhante intento poude obter faculdade do Governador Nuno da Cunha, para armar uma Fusta, em que fosse servir ao Estado, e a construio em Cochim, (*) mu-

(*) Castanheda diz que esta embarcação tinha vinte e dous,

nindo-a logo de tudo quanto julgou necessario para uma comprida viagem. Era isto passado na occazião em que o Governador Nuno da Cunha estava tratando de negociar com o Sultão Badur a construcção de uma fortaleza em Diu; e devendo sem duvida uma tão importante novidade ser promptamente communicada a El-Rei por via de um expresso, intentava Diogo Botelho ser o mensageiro d'uma semelhante nova. Com estas idéas foi a Baçaim, onde tendo deixado a sua Fusta, passou logo a Diu em outro navio.

Principiada a Fortaleza, sahiu Diogo Botelho mui occultamente de Diu, e chegando a Baçaim espalhou alli que o Governador o havia mandado a Chaul; e fez-se de vella nos primeiros dias do mez de Novembro de mil quinhentos trinta e cinco, levando apenas de equipagem cinco Portuguezes, que vinhão a ser, trez creados seus, o Mestre, e um Manuel Moreno, com mais oito escravos marinheiros; e de carga uns quarenta quintaes de cravo, e os viveres e aguada, que podia accommodar tão limitada embarcação. Partindo depois com maravilhosa monsão abordou á Costa de Melinde para se refazer de agua e mantimentos. Nesta travessa descobriu, tanto ao Mestre como aos outros Portuguezes o verdadeiro objecto da sua viagem, destribuindo logo a cada um d'elles certa porção de dinheiro, com promessas de mais ampla recompensa na sua chegada a Portugal; e como se não fiava dos escravos trazia constantemente vestida uma saia de malha, e uma espada curta á cinta.

Os seus receios, com effeito, não erão vãos, porque temendo elles os perigos, e trabalhos da navegação, se conjuraram para o matar, bem como aos mais Portuguezes,

palmos de extensão de quilha, doze palmos de bocca, e uns seis de pontal; mas estas dimensões parecem-nos algum tanto extraordinarias!

dos quaes vinhão alguns bastante doentes; e um dia, que sobreveiu um subito aguaceiro, com o qual arreando as vellas de pancada, estas cahiram ao mar, accudiu toda a equipagem para as recolher; aproveitando este momento de confusão e de embaraço, se levantaram os escravos, armando-se todos de fisgas, espetos, e machados, e uma espada que tinhão furtado; atacaram o Commandante Diogo Botelho, e bem assim os cinco Portuguezes que hião, os quaes apesar de terem sido tomados de surpresa, se defenderum como uns leões, matando dois dos escravos e forçando o resto a deitarem-se ao mar, em que morreram trez afogados. Os outros tendo pedido perdão ao Commandante, este lh'o concedeu, recolhendo-se então para bordo da Fusta.

Morreu nesta briga, tanto mais perigosa por isso que era sobre as aguas do mar, um Portuguez, ficou o Mestre ferido levemente, e Diogo Botelho mui gravemente, pois recebeu um formidavel golpe na cabeça, em consequencia do qual perdeu bastante quantidade de sangue, e esteve durante muitos dias sem falla; de maneira que sómente podia dar as suas ordens por acênos ou por escripto.

Antes de ter dobrado o Cabo da Bôa Esperança, o que verificou em Janeiro do anno de mil quinhentes e trinta e seis, soffreu Diogo Botelho algumas borrascas, que por duas vezes chegaram a fazêl-o arribar; dirigindo a sua derrota para a Ilha de Santa Helena, não a poude ver por causa da grande escuridão do tempo; e depois de padecerem por este transtorno muitas fomes e sêdes, chegou a Fusta á altura dos Açôres. A necessidade obrigou Diogo Botelho a ancorar na Ilha chamada do Faial, aonde recebeu agua e todos os necessarios mantimentos; e tendo mui habilmente enganado ao Commandante da Ilha (outros dizem Corregedor), que mostrava intenções sinistras e reservadas a seu respeito, se fez á vella para Lisboa, em cujo porto entrou, finalmen-

te, no dia vinte e um de maio do ultimo anno acima citado.

Passados ainda bastantes dias é que chegou da India Simão Ferreira, que tinha sahido pouco depois de Diogo Botelho, com as cartas, para El-Rei, do Governador Nuno da Cunha.

Posto que El-Rei de Portugal estimasse sobremaneira a noticia importantissima da construcção da Fortaleza de Diu, perdoou comtudo com difficuldade a Diogo Botelho, a sua deserção, e a falta de obediencia. Depois de examinar pessoalmente a Fusta, a mandou recolher em Sacavem, onde concorrião todos os Nacionaes, e Estrangeiros a verem, e admirarem um tão pequeno barco, que atravessára tantas mil leguas de um a outro Occeano. (*)

Foi no dia onze de Março do anno de mil quinhentos trinta e sete que partiu d'este Reino de Portugal o celebre Fernam Mendes Pinto, levando uma Armada composta de cinco Náos. Chegaram a Moçambique, onde, depois de terem sido despachadas as embarcações, para poderem sahir d'aquelle porto; o Capitão da Fortaleza, Vicente Pegado, apresentou uma provisão do Governador Nuno da Cunha, para que as trez Náos de El-Rei de Portugal fossem d'alli a Diu, afim de deixarem toda a genta na Fortaleza, por cauza da suspeita em que estavão ácêrca da Armada do Turco, que se asperava com brevidade; e por isso estava determi-

(*) Já em nossos dias houve um cazo mui semelhante a este, o qual tambem dá mostras de demasiado arrojo. Manuel de Oliveira Nobre, embarcando-se em um pequeno Cahique, teve a admiravel ousadia de fazer a viagem d'aqui ao Rio de Jrneiro, para levar a El-Rei D. João VI., que então alli residia, a noticia da restauração do Algarve.

nado que todas as embarcações que alli chegassem hirião a Diu deixar a gente que trouxessem. Sómente pois as duas Náos de mercadores obtiveram permissão de hirem logo em direitura a Gôa, depois de ter sido exigido um protexto dos que nellas hião debaixo de sua palavra de honra. As outras trez Náos tiveram que se dirigir a Diu, em cumprimento das ordens do Governador.

Tendo sahido do porto de Diu, os trez navios que lá foram, depois de alli terem deixado toda a gente, excepto a tripulação e a officialidade, caminharam para Gôa, onde pouco depois de terem chegado, foram despachados para Cochim, e tomando ahi as competentes cargas voltaram immediatamente para Portugal, trazendo uma Náo nova intitulada S. Pedro, que tinha sido construida na India, e que conduziu um tal Basilisco, que depois se chamou o tiro de Diu,

Fernam Mendes Pinto partiu, no entretanto, de Diu para o Estreito de Méca, em umas fustas que d'alli sahiram para hirem saber ao certo o que havia a respeito da Armada do Turco. Estiveram quazi perdidos perto das Ilhas de Curia, Muria, e Abedalcuria; mas caminhando com bastante difficuldade para o Sudoeste, conseguiram poder afferrar a uma ponta da Ilha de Socotorá, onde repararam o que foi precizo nos navios, e tendo-se posto prestes, navegaram para Maçuá, chegando lá no curto espaço de nove dias; e encontrando perto d'esta paragem uma embarcação que havia vindo de Judá, a foram reconhecer, mas tendo-lhe despedido d'ella alguns tiros, se resolveram a responder-lhe com outros, até que chegaram a metêl-a no fundo, depois de terem feito uma horrivel carnagem, a ponto de escaparem, de oitenta individuos que eram, apenas o Capitão e mais quatro. Poseram então o dito Capitão em fortes turturas, para ver se podião colher d'elle algumas noticias das que busca-

vão, e conseguiram saber que a armada do Turco já tinha sahido de Suez. Continuando ainda a oprimil-o, disse-lhes que era portuguez renegado, e ainda mais algumas particularidades; depois do que o quizeram obrigar a voltar á fé de Christão; mas não o tendo podido conseguir por modo algum, lhe ataram com cordas os pés e as mãos, e pondo-lhe um grande pezo ao pescoço o deitaram ao mar.

Desembarcaram logo depois em Maçua, e d'ahi caminharam por terra até chegarem á fortaleza de Gileytor em que existia a May do Prestes João, com quem falaram. Voltaram d'aqui para Arquico, aonde tinhão deixado as suas fustas, e apenas là chegaram logo se pozeram a bordo d'ellas.

Sahiram d'este porto aos seis dias do mez de Novembro de mil quinhentos trinta e sete, e encontraram no caminho trez navios Turcos, que os aprisionaram e os levaram debaixo de ferros para a cidade de Mocca; trouxeram-os alli um dia inteiro pelas ruas, soffrendo bofetadas da immensa multidão do povo, especialmente das mulheres, até que chegando a noite os meteram n'um subterraneo, depois de terem soffrido toda a especie de vituperio; alli jazeram dezesete dias, e durante este tempo tendo morrido dous d'elles, foram tirados da masmorra, arrastados por todas as ruas em signal de desprezo, e a final lançados ao mar.

Passados perto de trez mezes foram os sete Portuguezes restantes postos em leilão publico, sendo Fernão Mendes Pinto comprado, por um Judeu natural de Toro, pelo valor de doze mil reis, a troco de tamaras. Depois o dito Judeu o levou para Ormuz, onde o vendeu ao Capitão da Fortaleza pelo preço de duzentos pardáos. D'aqui embarcou então Fernão Mendes Pinto para a India; fez depois muitas analyzes e curiosissimas descobertas, tendo para esse fim

viajado bastante, e passado grandes perigos e trabalhos, até que veiu ter a Malaca, onde deu conta a Pero de Faria de muitas cousas do maior interece; e este depois fez de tudo sciente a El-Rei D. João III.

Sahindo Fernão Mendes Pinto de Malaca, foi ter com El-Rei de Arú com uma carta, para lhe entregar, de Pero de Faria. Partiu d'este Reino, e depois de ter sofrido varios e desastrosos successos, o tomaram como escravo, e nesta qualidade foi levado á cidade de Siaca. Alli se demorou até que poude libertar-se e tornar para Malaca. Sendo, algum tempo depois, mandado por Pero de Faria ao Reino de Pam, para vêr se lá poderia obter alguma felicidade, no decurso da viagem encontrou perdidos no mar uns vinte e trez Christãos, que elle conduziu comsigo para Pam. Quando voltou depois para hir a Malaca dar conta a Pero de Faria do que havia passado, foi-lhe tomada no caminho toda a fazenda da lanchara onde hia, com o que Pero de Faria ficou bastantemente magoado.

Pouco depois, hindo Antonio de Faria, á Ilha de Aynão em busca do Mouro Corsario Coje Acem, Fernão Mendes Pinto o quiz acompanhar; sofreram na viagem grandes transtornos e contratempos, chegando depois d'isto ao porto de Laylo; ao qual tendo abordado, fizeram alli todos os preparos necessarios, para hirem pelejar a Coje Acem. Effectivamente depois de terem completado n'aquella paragem os precizos arranjos, foram encontrar o tal Mouro Corsario, e tendo-o batido fortemente, obtiveram por fim a victoria.

Partiram, em seguida d'isto, do Rio de Tinláu para hirem a Liampó; mas suportando na viagem grandissimos perigos, viram-se forçados ainda a hir acometter a cidade de Nouday, por cauza de trez captivos Portuguezes que n'aquella terra se achavão; e chegando ás portas de Liam-

pó, obtiveram alli novas da China, sendo ao mesmo tempo maravilhosamente recebidos pelos Portuguezes que existião nesta cidade; os quaes até fizeram um grandioso banquete para festejarem a chegada d'aquelles hospedes.

De Liampó sahiram depois em busca da Ilha de Calempui; tendo chegado á Serra de Gangitanou, fallaram alli com gente admiravelmente disforme, e exotica. Continuando seu caminho, navegaram até á Enseada de Nanquim, em cuja passagem soffreram tambem muito, mas livrando-se de todos os perigos poderam felizmente chegar á Ilha que procuravão.

Na volta, tendo naufragado perto de Nanquim, depois dos mais arriscados trabalhos e fadigas, foram dar a uma terra intitulada a villa de Taypor, onde lhes succedeu serem prezos, levados d'aqui á cidade de Nanquim, e em seguida, por cauza de appelação para a de Pequim. Bastantes incommodos passaram ainda antes de chegarem á cidade de Pocasser; d'onde tendo sahido, navegaram para uma cidade a que chamavão Sampitay, entraram nella, e demorando-se apenas em curiosidades, foram d'alli analysar diversos outros portos Chinezes, desembarcando mesmo em alguns d'aquelles que ao simples aspecto lhe pareciam mais curiosos e importantes.

Em seguida chegaram á grande cidade de Pequim, já eram nove de Outubro do anno de mil quinhentos quarenta e um, onde residia o Rei da China; estiveram alli prezos tempo mui sufficiente para terem notado os bellos uzos e costumes d'aquelle paiz, e foram depois levados em degredo para Quansi. Mas pouco tempo se tinha passado, quando entrando os Tartaros naquella terra, os quizeram levar á presença do seu Rei que estava na cidade de Lançame, onde effectivamente os conduziram; e d'alli ainda foram á de Tuy-

micão para onde o Rei fôra. Estiveram tambem na cidade de Quanginão, d'esta passaram á de Xolor, em que estava El-Rei de Cauchenchina. Com este partiram então d'alli para Huzangué; hindo d'esta cidade á Ilha de Tanixumá, que vem a ser a primeira terra do Japão, ficaram aqui os habitantes muitissimo admirados por os verem atirar com as espingardas, e levaram a Fernão Mendes Pinto para o apresentarem ao Rei de Bungo.

Passado isto, embarcou-se Fernão Mendes Pinto para Tanixumá, e depois d'aqui outra vez para Liampó; porém sobrevindo-lhe um furioso temporal nesta ultima viagem, soffreram um lastimosissimo naufragio, aonde morreram mais de sessenta pessoas da sua comitiva, de maneira que apenas uns vinte e quatro se poderam salvar em certo porto, o qual na seguinte manhã reconheceram ser da terra do Lequio Grande; e ainda passaram por terriveis embaraços e apuros, antes que podessem aportar a Liampó.

D'esta terra se passou Fernão Mendes Pinto para Malaca, d'onde foi brevemente enviado pelo Capitão da Fortaleza a Martavão. Depois de andar correndo mais algumas terras, chegou ao Pegú, onde se achava então o Rei de Bramá. Mandando este sahir alguma gente para hir sobre a cidade de Savadi, tambem foram na expedição os nove Portuguezes, que acompanhavão Fernão Mendes Pinto. Este foi ainda da India para Çunda, aonde se demorou um inverno inteiro; e d'aqui passou a Sião, de cuja terra sahiu em companhia d'outros Portuguezes para hir com o Rei á guerra de Chiamay. Chegando outra vez ao Pegú, se embarcou Fernão Mendes Pinto naquelle porto, para Malaca, ainda mais uma vez; d'aqui passou ao Japão, e depois de novo para a China, em cuja viagem soffreram uma horrorosa tormenta. Ultimamente foi Fernão Mendes Pinto encarregado de uma embaixada ao Rei de Bungo; e depois de chegar á India veiu

d'ahi para Portugal, tendo-se já passado vinte e um annos desde o dia em que d'aqui havia partido. (*)

(*) Isto é unicamente um esboço muitissimo geral, das Peregrinações, que o proprio Fernão Mendes Pinto escreveu, e que foram publicadas pela imprensa a primeira vez no anno de 1614; tiveram varias reimpressões, de que a ultima se deu a publico em Lisboa no anno de 1829, 4 vol. 12. Constando d'uma narração mui longa, onde elle conta as immensas couzas notaveis e estranhas que viu e ouvio, nos Reinos da China, Tartaria, Pegú, Martavão &c. &c. e em outros muitos Reinos e Senhorios das partes Orientaes; bem como todos os incommodos, privações, e desastres de que foi victima.

CAPITULO XI.

ANNO DE 1538.

Noticia relativa ao primeiro Cêrco de Diu, que teve lugar na época em que era Nuno da Cunha Governador Geral da India. O Rei de Cambaia pede soccorro ao Grão Senhor Selim, que lh'o concede, e manda forças sobre a India. Antonio da Silveira Menezes, Governador de Dïu, se prepára para o Cêrco, que logo começa. Valor incrivel das mulheres Portuguezas. Retiram-se a final os sitiantes e finda o Cêrco, que é celebrado em toda a Europa.

Este memoravel cêrco teve lugar em o anno de mil quinhentos e trinta e oito, quando Nuno da Cunha era Governador Geral da India; mas a principal gloria d'esta grande acção coube a Antonio da Silveira Menezes, cunhado de Nuno da Cunha e Governador de Diu naquella época.

Badur, Rei de Cambaya, implorou soccorros contra os Portuguezes ao Grão-Senhor Selim, e lhe enviou como excitante magnificos presentes. Ainda que o Sultão soube em pouco tempo o desgraçado fim de Badur, não deixou por isso de tomar a deliberação de mandar forças sobre a India, persuadido de que o pequeno numero de Portuguezes que alli se achavão, mal poderião resistir ás suas armas.

Nomeou Chefe d'esta empreza, Solimão, Bachá do Cairo. Jámais escolha alguma pareceu tão singular. Este homem era Eunuco, de nascimento Grego, e de uma espantosa fealdade. Tinha oitenta annos de idade, e era mais grosso do que alto; de maneira que não podia andar sem o auxilio de quatro homens que o amparassem. Este bello chefe, tão agil como se vê, era além d'isso dotado de um espirito muito limitado, e de uma crueldade horrivel. Foi pelo emprego da violencia, e supplicios que elle adquiriu os soccorros necessarios para uma expedição, que elle havia afiançado não se tornar onerosa ao Grão-Senhor.

Tendo mergulhado em lucto, por suas atrocidades, as principaes familias do Egypto, partiu de Suez com uma Esquadra de setenta galéras, sobre a qual trazia sete mil Ja-

nisaros, ou Mamelucos. As equipagens d'estes navios erão compostas de escravos Christãos, e principalmente de Venezianos, que elle fizera apprehender em Alexandria, em consequencia da ruptura do Sultão com aquelle Governo, sem contemplar e respeitar jámais o direito das nações.

Apenas se achou no mar, elle mandou metter em o numero dos remadores quatrocentos soldados; e sabendo que elles murmuravão d'isto, mandou cortar a cabeça a duzentos, meio seguro de obter dos outros uma silenciosa obediencia. O Cheque de Gidda sabia que elle tinha feito enforcar Mir Daul, Principe da Thebaida, afim de lhe reconhecer os serviços que este lhe havia feito prestando-lhe homens, e dinheiro: elle fugio para o interior das suas terras, e escapou assim ao barbaro Solimão; porém o Soberano de Zebit teve a cabeça cortada. Aquelle de Adem lhe ofereceu ricos presentes. Solimão tomou-lhe a cidade por surpreza, empregando nesta acção os soldados, que por supplica sua tinhão sido recebidos nella como enfermos. Este Rei, e os principaes Senhores da sua Côrte, chamados a uma conferencia, forão enforcados por ordem de Solimão. Tal era o homem, ou antes o animal feroz com quem os Portuguezes de Diu tinhão a combater.

A Côrte de Cambaya, governada por Coge Sefar, tinha já começado hostilidades; elle habitava em Diu, e os Portuguezes tinhão confiança em sua pessoa: mas tendo noticia que o Bachá se aproximava, elle fugio com toda a sua familia.

Querendo, porém Coge Safar encobrir a Antonio da Silveira Menezes o aviso que recebêra da vinda dos Turcos á India com uma grande Armada, porque lhe parecia que deitarião fóra d'alli os Portuguezes, cousa que elle muito desejava, pois lhes tinha um odio mortal, posto que aparen-

temente se mostrasse seu amigo, determinou-se a sahir secretamente com toda a sua caza e fazenda, tendo mesmo dito a Antonio da Silveira Menezes que lhe parecia pêta a vinda dos Turcos, por isso que El-Rei de Caxem e mesmo alguns mercadores de Meca lhe havião escripto, dizendo-lhe que não sabião de semelhante nova.

Para melhor dissimulação, fez constar que carregava uma Náo nova, que fizera havia pouco tempo, afim de a mandar a Tenaçarim; e em quanto executava esta aparencia da partida da Náo, mandou suas mulheres para Currate, em companhia das de um Mouro honrado, que para lá se dirigia com toda a sua caza, descontente por o Governador lhe ter tirado a xabandaria de Diu; foram assim as mulheres de Coge Safar, sem que ninguem tivesse a menor desconfiança de tal, visto que os Mouros tinhão immensidade de mulheres. Depois d'isto passado, carregou uma noite, toda a sua bagagem em a Náo que elle dizia queria mandar a Tenaç rim, e aos vinte e seis de Abril de mil quinhentos e trinta e oito. dando mostras de hir ao bota-fóra da Náo, se escapou nessa occazião propicia.

Esta desaparição subita de Coge Safar, de Diu, produziu grandissimo espanto na cidade, especialmente entre os naturaes da terra, que logo começaram a conjecturar, que a retirada de Coge Safar tinha sido para o fim de vir depois fazer guerra aos Portuguezes. Sabendo Antonio da Silveira Menezes, d'alli a pouco, que elle se achava em Currate, escreveu-lhe algumas cartas, onde lhe mandava dizer, que, se a sua precipitada sahida de Diu, tinha sido motivada por alguns agravos, que lh'os mandasse declarar, pois estava muito prompto a desagraval-o, pedindo-lhe ao mesmo tempo mui instantemente, que tornasse para Diu, ao que elle nunca deu resposta; por cujo facto se produziram em Antonio da Silveira Menezes alguns receios de guerra,

como pensava a gente d'alli, e empregou grandes diligencias no prompto acabamento de todas as disposições para a defensa.

Logo no Domingo immediato á partida de Coge Safar aconteceu em Diu uma cousa, que pareceu como um prognostico das guerras, que os Mouros e Turcos fizeram naquelle anno á fortaleza: E foi que, os moços captivos tanto Christãos como Mouros, se dividiram em dous bandos, e por brincadeira, tendo-se armado de páus, pelejaram uns contra os outros; mas ficando os moços Christãos victoriosos, se resentiram tanto d'isto os Mouros, que logo protestaram que se havião de vingar; no meado d'aquella mesma semana tornaram pois a pelejar, já então ao sério, levando uns e outros artificios de fogo, mesmo preparados por elles; e além d'isso levavão os Christãos uma bandeira, com a Cruz de Christo, e os Mouros outra com a imagem de Mafamede: porém, ainda nesta segunda lucta levaram os moços Christãos a palma da victoria; e por se fazerem muitissimo mal uns aos outros, lhes foi prohibido que continuassem naquellas pelejas.

Chegou então a Diu, a dezesseis de Maio, Fernão de Moraes, que aquelle anno foi de Portugal por Capitão d'uma Náo de carga, e por elle escreveu El-Rei ao Governador, manifestando-lhe a certeza que havia da passagem dos Turcos á India. Esta noticia, porém, já Antonio da Silveira Menezes tinha tido por um tal Tristão Gomes, natural de Cezimbra, que sendo feito captivo por Barba Rôxa, lhe fugiu, foi ter a Baçorá, e depois á India. Não podendo Fernão de Moraes navegar na sua Náo pela costa da India, visto que era inverno, se quiz dirigir a Gôa em um catur, mas quando chegou a Chaul já não poude continuar a hir no catur, e caminhando então d'alli em diante por terra, levou finalmente as cartas d'El-Rei ao Governador de Diu, o qual logo se começou

a fazer prestes, para no proximo futuro mez de Septembro partir para Diu.

Antonio da Silveira Menezes conheceu então que era inevitavel a guerra. Antes da sua partida de Diu, Nuno da Cunha tinha arrazado a quarta parte da cidade para estabelecer fortificações; isto em resultado da deliberação d'um conselho, que elle tinha convocado, apenas soube, quando chegou a Diu, da bôca de Coge Sofar, que os Turcos vinhão á India; e se accordou que se fizesse na praia um baluarte, e uma caza forte para morada do capitão do baluarte; o qual logo foi começado, tendo as paredes mais de vinte pés de largo; e cuja Capitania deu o Governador a um Francisco Pacheco, Juiz da Alfandega de Diu: tambem foi começada uma cisterna dentro da fortaleza, tão larga, que cada palmo de altura devia conter cincoenta toneis d'agua, tendo a dita cisterna ao total uns vinte palmos d'altura.

Ainda que o Governador esperava pelos Turcos, todavia, não quiz invernar em Diu, e foi para Gôa, deixando a Antonio da Silveira Menezes, apenas seiscentos homens, dos quaes quatrocentos eram mal armados, e os duzentos restantes não estavão em circumstancias de poder pelejar; e levou toda a melhor gente comsigo; ficando assim a fortaleza de Diu em um eminente risco. De Gôa, despachou a Vasco Pires de Sam Payo para hir a Bengala com gente em soccorro do Rei, hindo por Capitão de nove vellas, de que foram Commandantes, afora elle, Antonio de Mello, Francisco de Barros e Payva, Manuel de Mascarenhas, Christovão Doria, Diogo Rebêllo, e outros; mandando nesta frota o Embaixador d'El-Rei de Bengala. Vasco Pires se dirigiu primeiramente a Cochim, d'onde partiu no mez de Maio para Bengala.

Antonio da Silveira Menezes aperfeiçoou o melhor que

poude as fortificações. Fez tambem encher de agua a grande cisterna mandada construir por Nuno da Cunha, e que levava mil pipas de liquido. Reunio provisões bastantes, desarmou os Mouros que alli se achavão, publicou ordens e ameaças sevéras contra aquelles dos habitantes que fugissem tomendo o perigo, e fez mesmo enforcar alguns a quem estas ameaças não tinhão podido embaraçar de se escaparem, e que foram apanhados na tentativa; em fim, depois de haver feito uma bòa escolha de Officiaes, distribuiu pelos postos os seus soldados que eram bem pouco numérosos.

Coje Sofar, que desejava muito tomar a fortaleza de Diu, e por saber quão mal provida estava de gente e d'agua, foi-se a Champaner, onde se achava a May do Sultão Badur, assim como seu neto o Sultão Mahamud, então Rei de Cambaya, que era ainda muito moço, e os trez Capitães, que governavão o Reino; e deu-lhes conta da disposição em que estava a fortaleza de Diu, afirmando-lhes ao mesmo tempo, que nunca mais terião uma occazião tão bella para a tomarem.

Mahamud, então Rei de Cambaya, e que era sobrinho do Sultão Badur, poz em campo quinze mil homens escolhidos, entre os quaes se contavão cinco mil de cavallo. O exercito mencionado tinha por Chefe Alucan, debaixo de cujas ordens Coge Sofar commandava. Este ultimo veiu arrebatadamente com trez mil homens de infanteria, e quatro mil cavalleiros, atacar as fortificações, que ainda não estavão acabadas. Desde logo se viu demonstrado de que os Portuguezes serião capazes durante aquelle Cêrco. Francisco Pacheco, que só tinha comsigo quatorze homens, se defendeu com um vigor extremo, e deu lugar a que Antonio da Silveira Menezes podesse auxilial-o. Coge Sofar foi ferido por uma balla em uma das mãos. Bem depressa reunido a Alucan, espalhou as suas tropas na Ilha. Antonio da Silveira Me-

nezes se viu obrigado não sómente a não se oppor, mas até a abandonar a cidade aos inimigos, aos quaes o povo recebeu debaixo do titulo de seus libertadores.

Antonio da Silveira Menezes não podendo defender mais do que os lugares fortificados, viu ainda alem d'isto apparecer no dia 14 de Setembro a esquadra Ottomana, que vinha reforçar os inimigos, já tão numerosos em comparação das suas poucas tropas. O aspecto de semelhante frota era terrivel. Quatorze galéras reaes, chamadas Sultanas por causa da sua grandeza, formavão a alla direita ordenadas em esquadrão, e sete a esquerda; estas vinhão da banda de terra e as primeiras da do mar; após estas seguião-se todas as outras galéras e navios de peleja da Armada; e finalmente no centro vinhão as Náos de carga. Logo se conheceu ser esta a frota dos Turcos pelo grande numero de navios de remos que trazia. Se os Portuguezes forão tocados d'uma grande surpreza, os Indios poderam pensar que armados tão formidavelmente, os Turcos eram senhores de lhes dar as leis, bem como aos seus inimigos.

Coge Sofar annunciou ao Bachá que o Cêrco seria terminado em breve; e Solimão, por primeiro expediente, fez desembarcar setecentos Janisaros, que se espalháram pela cidade, commettendo excessos tão grandes e atrozes como se a tivessem tomado por assalto. Reunindo o insulto á ferocidade, muitos pediram para vêr o General, e o insultaram puxando-lhe até pela barba. Alucan suspendeu o resentimento dos Officiaes, dizendo-lhes: «São estrangeiros, e é provavel que seja no seu paiz este o modo de saudar as pessoas.» Mas este veneravel ancião não tardou muito a se retirar do exercito para não ser objecto de tanta civilidade. Os Janisaros forão então, por uma fanfarronada, dar tiros de arcabuz, e atirar frechas, com que mataram seis dos Portuguezes; mas o fogo da praça lhes fez perder cincoenta homens mortos, além de um grande numero de feridos.

Antonio da Silveira Menezes, tinha ordenado a Miguel Vaz que reconhecesse a Esquadra Turca de passagem, dirigindo-se depois a Gôa para representar ao Governador de Diu Nuno da Cunha, o aperto em que a fortaleza se achava, á vista de semelhante frota, e este Official executou a sua commissão com tanta intrepidez como ventura. Uma terrivel tempestade foi então mui vantajosa aos Portuguezes: o Bachá viu-se obrigado a procurar asylo em o porto de Madrefabat, aonde quatro dos seus navios de carga se perderam. Os caixotes forão ter á praia, e os naturaes do paiz viram com susto que elles estavão cheios de sellas, e arreios de cavallos. Concluiram que os Turcos vinhão com deliberação de se estabelecer naquellas terras, e tremeram recordando-se das crueldades por elles commettidas, durante a sua viagem, em Adem, e em muitos outros lugares. Então começaram a tomar por estes perigosos alliados sentimentos, de que os Portuguezes tiraram depois muitas vantagens.

Antonio da Silveira, como habil Capitão, se aproveitou da ausencia da Esquadra, que durou vinte dias, para pôr em bom estado as situações da praça menos fortes. As tropas de terra Turcas começaram tambem os seus trabalhos; levantaram baterias, e fizerão conduzir com muita difficuldade de Madrefabat, um basilisco de uma grandeza extraordinaria. Construiram sobre uma barca de mais de oitenta covados de comprido, (que pertencêra ao Sultão Badur, e que por sua extrema grandeza não podia navegar,) uma especie de torre de madeira, acrescentando-lhe a altura a ponto de ficar, como a do baluarte Portuguez, e a mandaram encher com lenha, salitre, enxofre, e alcatrão, mixtura esta que produz, depois de inflamada, muita fumaça; levaram-na depois para o meio do rio, onde a amarraram a quatro ancoras, duas do lado da montante e duas de jusante, para que alli ficasse bem segura até chegarem as aguas vivas, com que podesse boiar facilmente, o que por seu grande pêso

não podia fazer com as aguas mortas; e isto com tenção de encostarem a maquina ao baluarte, e ahi lhe lançarem fogo, para que o fumo suffocasse os Portuguezes, ou ao menos desse lugar a podêl-os bater impunemente; o que, se tivesse sido levado a effeito, lhes produziria grande mal, sem duvida.

Antonio da Silveira Menezes os deixou continuar em seu trabalho, até que a maquina incendiaria esteve prompta; então, julgando de conveniencia lançar-lhe fogo antes das aguas vivas, sobre isto reunio conselho no baluarte S. Thomé, com os Capitães das differentes estações defensivas, a quem, tendo proposto o caso, pediu pareceres, relativamente á maneira porque se deveria lançar fogo á maquina, e a pessoa que d'isso conviría encarregar-se. Francisco de Gouvêa, Capitão mór do mar, que estava presente, e a quem por seu officio competia a dita queima, foi o primeiro que falou, e disse a Antonio da Silveira Menezes, que elle se promptificava a hir arriscar-se áquella perigosa empreza, visto que era em serviço d'El-Rei de Portugal. Antonio da Silveira Menezes lhe respondeu, que todos elles serião testemunhas da mercê, que mereceria em o fazer; e ordenou, que naquella mesma noite fosse Francisco de Gouvêa no catur de Miguel Vaz, que já tinha vindo de Gôa, e que o acompanhassem Bartholomeu Fernandes, e Bastião Dias, Capitães de dous catures, para que todos trez simultaneamente largassem fogo á maquina com panellas de polvora; levando nos catures espingardeiros, que em cazo de necessidade se deffendessem dos inimigos.

Assentado isto, quando foi noite, partiu Francisco de Gouvêa a fazer a obra que lhe fôra encomendada; mas apezar da grande escuridão, como o rio era estreito, foi logo presentido dos inimigos que vigiavão na margem, os quaes apenas o sentiram dispararam a artilheria que alli tinhão assen-

toda, e como reinava o maior silencio, tornou-se muito espantoso o estrondo subito da artilheria. Comtudo os remeiros dos catures, apertavão com tamanha força os remos, que parecia que voavam, e assim poderam, com a ajuda de Deus, escapar-se á nuvem de pelouros, que os inimigos sobre elles despedião, abordando á maquina, que estava guardada por uns vinte Mouros, apresentando a perspectiva de uma alta e grande torre. Começaram logo a arremeçar-lhe para dentro muitas panellas de polvora, rocas, e outros artificios de fôgo, que em breve incendiaram o alcatrão, passando d'este aos outros materiaes inflamaveis; e começando as chammas a levantarem-se, os Mouros trataram de se lançarem á agua para escaparem da morte, porém os Portuguezes os mataram a todos na agua. Francisco de Gouvêa e os da sua comitiva, se conservaram sempre sobre rêmos, até que o fogo se ateou de maneira que já se não podia apagar; o que foi feito com grandissimo perigo dos que estavão nos catures, em razão de serem, durante todo este tempo, tão bastas as bombardadas e espingardadas, que sobre elles chovião, que só por um grande milagre escaparam a ellas. E consumida que foi tatalmente a tal maquina incendiaria, voltou Francisco de Gouvêa, debaixo ainda de vivo fogo dos inimigos, para o lugar d'onde tinha partido para aquella empreza, que tão cabalmente desempenhou, recebendo por isso os maiores louvores.

Quando a esquadra regressou, Solimão fez dirigir a artilheria contra o baluarte separado da fortaleza, e aonde Pacheco estava sempre. Com um punhado de gente, elle sustentou um assalto dado por setecentos Janisaros, e treze mil Indianos. Dous moços Portuguezes se assignalaram sobre tudo, e os Turcos tiveram a vergonha de, por fim, se verem obrigados a fazer uma triste retirada. Comtudo, Pacheco, não tendo esperanças de soccorro, e de se poder sustentar por mais algum tempo, capitulou. No dia immediato, se viu fluctuar sobre aquelle baluarte o estandarte Mahometano.

Um velho Portuguez, chamado João Pires, correu acompanhado de cinco outros valorosos, e trez vezes o arrojou por terra, erguendo outras tantas vezes o estandarte da Cruz. Em fim, estes guerreiros, dignos de melhor destino, perecêram debaixo do immenso numero, vendendo a grande preço as suas vidas Os seus corpos forão lançados ao rio, e vierão parar junto da fortaleza. Houve todo o cuidado em darlhes uma sepultura Christã; e os sitiados reputaram como milagre este acontecimento, pois que vierão alli aquelles corpos contra a corrente da maré. Quanto a Pacheco, e seus soldados, em breve tempo, depois de todas as humiliações, forão victimas do furor de Solimão.

Antonio da Silveira Menezes intimado para render-se, respondeu com bravura, deliberado a soffrer todos os males antes do que renunciar á sua gloria. Então o Bachá fez levantar seis baterias, em as quaes se montaram cem peças de artilheria, nove basiliscos, que lançavão balas de noventa a cem libras, e cinco morteiros, que se carregavão com pedras de seis, e sete pés de circumferencia. Estas relações não parecerão jámais exaggeradas a todos aquelles que tiverem conhecimento de que os Turcos usaram sempre de assás grossa artilheria, e que ainda hoje mesmo as baterias que defendem a passagem dos Dardanellos, teem muitos morteiros que lanção enormes balas de marmore. Pelo espaço de vinte e cinco dias fizerão successivo fogo as baterias levantadas em frente da fortaleza de Diu; logo desde os primeiros a maior parte da artilheria da praça foi desmontada, e as ameias das torres, e os parapeitos abatidos. Em quanto os Turcos alcançavão taes vantagens, forão estabelecendo trincheiras até ao fosso, que passaram, começando então a minar o baluarte, aonde Gaspar de Sousa commandava.

Mas o intrepido Antonio da Silveira Menezes de nada se temia, pois que todos os seus postos podião reciprocamen-

te defender-se. Elle disputava o terreno passo a passo, e comparecia sempre nos lugares aonde o fogo era mais vivo. Debaixo de um tal chefe, erão todos os soldados heróes, e sem excepção lhes competem elogios, que nas acções militares, quasi sempre, só aos maiores, ou ao menor numero se concedem. Os combates, e as sortidas, diminuião todos os dias a já tão limitada porção d'estes famosos guerreiros; e bem depressa lhes faltaram viveres, armas, e munições; até a agua da cisterna, sua unica bebida, corrompendo-se-lhes, occasionou entre elles o escorbuto. Os deveres que tinham a tributar aos mortos, e os cuidados para com os feridos, multiplicavão infinitamente seus trabalhos. Por fim já elles havião perdido toda a esperança de soccorro, e comtudo o seu valor, a sua constancia não se desmentiram um unico momento. Faltão as expressões para se poder fazer completa justiça a tanta heroicidade.

Tem devido a historia conservar muitos rasgos dignos de admiração: eis-aqui alguns.

Um moço Hespanhol, nascido em Galliza, da idade de dezenove annos, e além d'isso de muito pequena estatura, tinha, em uma sortida, acommettido um Mouro de estatura bastante gigantesca. Elle o perseguiu até ao mar, aonde entraram ambos. A sua pequenez lhe fez faltar o pé, e o Mouro aproveitou esta occasião para diligenciar afogal-o. O Hespanhol lhe deu então fortes e repetidos golpes, e depois de o haver morto, sahiu d'agua, dirigindo-se com passos lentos á fortaleza, apesar de uma nuvem de balas, e frechas, dirigidas contra elle, as quaes lhe não fizerão damno algum.

João da Fonseca, ferido no braço direito, com que elle manejava dilligentemente a sua meia lança, mudou esta arma para a outra mão, e continuou a combater. Elle patenteou mesmo o seu descontentamento a Mendes de Vasconcellos, que duas vezes o exhortára para que se retirasse.

Penteado, perigosamente ferido na cabeça, fugio do Cirurgião no *meio* do curativo, para se hir metter no combate onde recebeu segundo golpe, mas voltou ainda a campo e não se retirou antes de ser ferido uma terceira vez.

João Rodrigues, homem cheio de vigor, e de coragem, foi sem duvida aquelle que durante este Cêrco memoravel fez mais damno aos inimigos; porque, arriscando-se a morrer, lhes arrojava panelas, e barris de polvora incendiados, que matavão, e ferião um numero consideravel de contrarios.

A estes rasgos de bravura se reune ainda o que praticou um soldado, que no calor da acção, falto de bálas, arrancou um dente, e com elle carregou a espingarda.

O que é porém bem authenticado, e que jâmais se deverá remetter ao silencio, é o valor das mulheres Portuguezas, igualando sem exageração alguma áquelle dos homens. Uma d'ellas, D Izabel da Veiga, era esposa d'um honrado Official, que antes de começar o Cêrco quiz envial-a a seu pai, o qual existia em Gôa. Mas ella jurou que havia de viver, ou acabar em sua companhia. Quando os ataques começaram, ella, e Anna Fernandes, mulher do Cirurgião Mór, reuniram todas as outras mulheres, e lhes communicaram a deliberação de que estavão animadas. Então debaixo da conducta d'estas duas heroinas, ás quaes a antiguidade teria elevado altares, ellas corrêram todos os perigos dos sitiados, envolvendo-se entre os combatentes, animando-os, e conduzindo-lhes em os lugares mais arriscados as muuições, e armas.

Desde que as brechas foram praticaveis, e que as minas produziram os seus effeitos desastrosos, os sitiadores assaltaram ora o baluarte de Gaspar de Sousa, que já havia expirado, ora o de Lopes de Sousa que era mnito mais fra-

co; mas por toda a parte as novas trincheiras que Antonio da Silveira Menezes mandava construir lhes obstavão, e a bravura dos soldados Portuguezes, mais do que tudo, contribuia para isso naquella occasião.

Um soccorro chegou neste tempo aos sitiados. Foram vinte e oito homens em quatro pequenas embarcações, os quaes vieram resolvidos a correr a sorte dos seus companheiros de armas; elles communicaram, que D. Garcia de Noronha, mandado para succeder a Nuno da Cunha em o Governo, devia chegar em breve, e se disporia a combater a esquadra dos inimigos. O Bachá se indignou de que estas pequenas embarcações tivessem ousado passar por entre as suas, e querendo prevenir a chegada de D. Garcia de Noronha, fez dar um assalto ao baluarte do mar, de que Antonio de Sousa era e habil Commandante. De cincoenta barcos, que formavão o ataque, muitos forão mettidos a pique por tiros de artilheria, e os outros obrigados a fugir.

Mais irritado do que nunca, o Bachá se determinou a dar um vigoroso assalto geral; mas julgou que era melhor fingir que intentava retirar-se. O fogo das baterias cessou no dia trinta de Outubro, e mil homens se embarcaram nas galéras; mas na seguinte noite elle fez transportar aos fossos um grande numero de escadas.

Antonio da Silveira Menezes tinha conhecido o estratagema, e se hávia preparado para tudo o que podesse acontecer. Pela madrugada, quatorze mil homens foram divididos em trez corpos para formar o ataque, e a artilheria fez um terrivel fogo. O primeiro d'estes corpos correu a uma parte da casa do Governador, então quasi em total ruina; mas foi recebido com a maior resolução, e em uma tão cerrada turba todos os golpes infallivelmente se empregavão. Comtudo, duzentos homens com uma bandeira ganharam o

alto do baluarte. Mas trinta Portuguezes unicamente, entre os quaes se distinguiram os dous amigos Martim Vaz, e Gabriel Pacheco, forão sufficientes para os rechaçar; expirando porém estes dous bravos mancebos no seio da victoria. Quatorze galeras não tiverão mais vantagem: Fernando Couvêa as forçou a dirigirem-se ao largo depois de haverem desamparado duas.

O segundo corpo do exercito atacante chegou a arvorar quatro estandartes sobre a brecha; mas o apuro do mesmo risco fez que os sitiados se excedessem em bravura, e alli sobre todos se assignalou João Rodrigues. A artilheria do baluarte principal, e aquella do forte de S. Thomé, fizeram um terrivel estrago em as fileiras inimigas, e o terceiro corpo se viu depressa obrigado a substituir o segundo.

Elle não se comportou com o mesmo ardor dos dous primeiros, de que tinha presenciado as mui pequenas vantagens, e perdeu sobre tudo a coragem quando viu o genro de Coge Sofar envolvido, e abrazado vivo por uma panella de fogo artificial. Os Portuguezes pelo contrario fizerão esforços ainda mais prodigiosos do que d'antes, e emfim os inimigos forão obrigados a tomar por ultimo recurso a retirada, com perda de mil e quinhentos homens, entre mortos e feridos.

Seiscentos homens tinhão resistido a vinte e dous mil; porém dos vencedores não restavão mais do que quarenta em estado de combater. Faltava-lhes polvora, as suas armas estavão em grande parte inutilisadas; mas não obstante tudo isto elles havião jurado antes morrer, do que entregarem-se.

Qual teria sido o seu fatal destino se o inimigo tivesse conhecido a sua situação! Facilmente ganharia a praça, que

os Portuguezes mal podião defender; porém um acontecimento bem digno de coroar o sublime heroismo dos cercados, veiu reanimal-os. O Bachá tomou, sem fingimento d'esta vez, a deliberação de levantar o sitio. Antonio da Silveira Menezes, que temia um novo laço, fez subir ás muralhas até os proprios feridos que ainda podião levantar-se, e mesmo muitas mulheres vestidas de homens, para impôr aos inimigos a apparencia de terem muita gente. D'este estratagema resultou que uma alegria viva e pura veiu succeder ao abatimento em que se achavão os sitiados, os inimigos cada vez mais se afastaram.

A Côrte de Cambaya havia poderosamente contribuido para esta tão vergonhosa retirada dos sitiantes; pois ainda que o Bachá não tinha jámais deixado a sua embarcação, havia comtudo dado ordens com tanta brutalidade, e feito conhecer tão claramente as suas intenções, de subjugar aquelles que o havião chamado em seu auxilio, que os Indianos começaram a temel-o muito mais do que temião o dominio Portuguez. Coge Sofar, elle mesmo, presumindo, depois do ataque geral, que Antonio da Silveira Menezes, e seus bravos guerreiros não poderião sustentar outro d'aquella natureza, escreveu uma carta em nome de um amigo seu, e a fez cahir astuciosamente em o poder do Bachá. Parecia annunciar-lhe a proxima chegada de D. Garcia de Noronha com uma formidavel Esquadra, e o Bachá não tratou de mais nada do que fugir o mais breve que lhe foi possivel.

Comtudo, o que restava do exercito de Coge Sofar, era, apesar das suas repetidas perdas, e da retirada dos Turcos, mais do que sufficiente para reduzir e derrotar os Portuguezes, e o risco por tanto subsistia sempre; mas Coge Sofar viu entrar em o porto duas fustas de Antonio da Silveira Menezes Conjecturou d'aqui que o resto das embarcações d'este Official não estavão longe; por outro lado

ANTONIO DA SILVEIRA

e Meneses.

e Meneses.

elle se achava satisfeito de ter-se visto livre do Bachá: retirou-se finalmente depois de haver incendiado alguns bairros da cidade.

Solimão, sempre barbaro, deixou sobre a costa da Arabia um grande numero de feridos. Uns quarenta desgraçados Portuguezes cahiram em seu poder durante a sua retirada. Mandou cortar-lhes primeiramente o nariz, depois as orelhas, e a final a cabeça, assim como áquelles que trazia prizioneiros; e fazendo salgar estes hediondos penhores da sua ferocidade, os enviou ao Grão-Senhor. E' de consolação saber-se que este malvado, perseguido por uma Sultana favorita, e accusado de violencias, foi pouco tempo depois obrigado a enforcar-se para evitar o fatalissimo cordão.

O Cêrco de Diu foi celebrado não sómente em Portugal, mas em toda a Europa. Quando Antonio da Silveira Menezes voltou á sua patria, o Rei de França, Francisco I., mui digno opreciador da virtude guerreira, mandou a Portugal buscar o seu retrato. A gloria de Antonio da Silveira Menezes era com effeito bem pura, e toda lhe pertencia; porque D. Garcia de Noronha nada fez, durante todo o sitio, em seu auxilio. Um escravo Portuguez, fugido de Constantinopla, tinha trazido a Lisboa a noticia das disposições hostis dos Turcos contra os Estabelecimentos Portuguezes em a India, dos preparativos consideraveis que se estavão fazendo em Suez, e da forte armada que elles alli preparavão para a invasão da India; e como era de necessidade enviar de prompto um grande reforço áquelle Estado, El-Rei D. João III. nomeou para Vice-Rei a D. Garcia de Noronha, Fidalgo de muita idade, sobrinho do Grande Affonso d'Albuquerque. O Conde da Castanheira empregou a maior actividade no aprestamento dos navios escolhidos (*) para formarem a Esquadra

(*) Gastaram-se nesta esquadra trezentos mil cruzados sobre

do Vice-Rei; e havendo falta de gente para preencher o numero de soldados determinado em Conselho, publicou El-Rei um perdão para varias classes de criminosos, e commutou em degredo para a India as penas (inclusive a ultima) a que os outros estavão sentenciados.

Constava a esquadra de doze Náos completamente armadas; todas com os seus respectivos Commandantes, (*) e levando trez mil homens escolhidos, força a mais consideravel que os Portuguezes tinhão mandado á India.

D. Garcia de Noronha chegou a Gôa em o começo do sitio. Nada o impedia de auxiliar Antonio da Silveira Menezes; mas não querendo ouvir os conselhos de Nuno da Cunha seu predecessor, contemporisou até que soube haverem-se retirado os sitiadores. Elle obrou mesmo como se fosse inimigo de Antonio da Silveira Menezes, porque, debaixo do pretexto de hir em pessoa soccorrêl-o, começou por deter oitenta embarcações com gente, e provimentos que Nuno da Cunha havia preparado para enviar aos defensores de Diu.

Tempo depois Antonio da Silveira Menezes foi nomeado Governador Geral da India, mas esta nomeação não teve effeito, em o que Portugal de certo perderia muito. O bravo

a despeza que custaria uma Esquadra ordinaria de cinco Náos. Chronica de D. Sebastião attribuida a D. Manuel de Menezes.

(*) Em o numero d'estes se contava D. João de Castro, um dos heróes de Portugal, que era mui versado nas Mathematicas. De uma carta que este escreveu de Moçambique ao Infante D. Luiz, seu admirador, e amigo, em data de cinco de Agosto, cheia de observações sobre a navegação, e da resposta do Infante, se infere que elle levava alguns novos instrumentos nauticos de que queria fazer o ensaio.

defensor de Diu, não teria talvez sido menos util em estes distanciados paizes, que elle tão exactamente conhecia, do que fôra o Grande, e incomparavel Affonso d'Albuquerque.

CAPITULO XII.

ANNOS DE 1539 A 1541.

Concedendo El-Rei de Portugal a Capitania do Maranhão a João de Barros, este se associa com mais dous individuos, armando á sua custa dez navios, onde se embarcaram. Soffrem depois um naufragio mui fatal na Costa do Maranhão, que era então muito perigosa por não ser bem conhecida. Os naufragados voltão por fim a Portugal. Breve noticia de D. Estevão da Gama; até que chegando a ser Gorernador Geral da India, intentou fazer uma viagem ao Mar Vermelho, com dezejo de destruir a armada dos Turcos, o que El-Rei tanto desejava: Navega com effeito com uma grande frota por todo o Golfo Arabico até Suez. Salta em terra em frente do Monte Sinai, onde arma alguns Cavalleiros.

El-Rei de Portugal, havendo concedido a Capitania do Maranhão (*) de juro, e herdade ao celebre Historiador João de Barros, associou-se este com Aires da Cunha, e Fernão Alvares de Andrade, e armando á sua propria custa dez embarcações, nellas embarcaram uns novecentos homens, e cento e trinta cavallos, sahindo Aires da Cunha do porto de Lisboa, com a supracitada esquadra no anno de mil quinhentos e trinta e nove; e levando em sua companhia dois filhos de João Barros.

Todavia esta bella expedição foi muitissimo infeliz, por que, quando chegou ao Maranhão, cuja Costa n'aquelles tempos, era quazi totalmente desconhecida, supportaram um horrivel naufragio todos os navios da frota quazi a um tempo, hindo dar nos baixos que alli havia, e salvando-se apenas algumas pessoas na Ilha do Mêdo, proxima á grande Ilha, a que se deu depois o nome de S. Luiz. Os que puderam escapar da morte no naufragio, tomaram amisade com os Indios, e com elles conviveram perfeitamente; mas como não tinhão meios para formar um estabelecimento solido, regressaram ultimamente a Portugal, d'onde tinhão sahido, a bordo dos navios aventureiros, que ás vezes appareciam naquellas Costas.

Antes d'esta expedição já o Hespanhol Diogo de Ordaz tinha emprehendido outra, em mil quinhentos e trinta e um, na qual perdeu um dos seus navios, o que o obrigou a abandonar aquellas paragens perigosas. Cumpre ainda advertir que, naquelles tempos se denominava Rio Maranhão o das Amazonas, até que, no anno de mil quinhentos e qua-

(*) Annaes Historicos do Maranhão Livro 1.°

renta e dous, o Capitão Francisco de Orelhana, tambem Hespanhol, fez a sua descoberta e lhe deu o nome, fundado n'uma historia fabulosa, de Amazonas, o qual ficou conservando.

D. Estevão da Gama foi o segundo filho de D. Vasco da Gama, primeiro Conde Almirante, o qual descobriu a India. Seguio a carreira das armas, e serviu muito tempo nos Estados da India, onde adquiriu uma grande reputação tanto de valor como de probidade. No anno de mil quinhentos e vinte e quatro, quando seu pay foi pela terceira vez á India, a fim de ser seu Governador Geral com o titulo de Vice-Rei, D. Estevão da Gama o acompanhou, já no posto de Capitão mór dos máres da India, que era um dos mais importantes cargos depois do de Governador Geral, e que sómente se confiava a pessoas d'uma honradez e capacidade a toda a prova.

No anno de mil quinhentos e trinta e oito, voltou áquelles Estados em companhia do Vice-Rei, que então para lá hia, D. Garcia de Noronha, hindo elle por Capitão da Náo Santo Antonio, e D. João de Castro como Commandante da Náo Grifo. Hia provido por El-Rei na Capitania de Malaca, onde d'esta vez serviu pelo espaço de trez annos, tendo-a já antes d'isto servido o tempo de dous annos, que restavão do tempo por que a teve seu irmão mais moço D. Paulo da Gama. Achava-se em Gôa, depois de ter acabado de funccionar como Capitão de Malaca, quando morreu o Vice-Rei D. Garcia de Noronha. Falecido o qual, e estando seu corpo depositado na Capella mór da Sé de Gôa, antes que tratassem de o enterrar, abriu o Vedor da Fazenda o Cofre em que existiam as successões da Governança da India, estando presentes todos os Fidalgos, bem como os Officiaes, e sendo aberta a primeira successão, nella se achou o nome de Martim Affonso de Souza, o qual já tinha hido

para o Reino. Tirou-se a segunda successão, que sendo igualmente aberta, se achou nella D. Estevão da Gama, o qual estava presente, e que por isso foi immediatamente levado nos braços de todos, e logo alli mesmo lhe fez o Vedor da Fazenda entrega de toda a governança da India, pela ordem e regimento do Estado, dando d'ella a menagem nas mãos do Capitão da cidade, e finalmente prestou depois o juramento de cumprir todas as obrigações inherentes ao seu novo cargo.

Logo que D. Estevão da Gama começou a entrar no amago das cousas do governo do Estado, que lhe fôra incumbido, bem depressa levantou seu pensamento a uma couza, que já tinha sido intentada por seu pai, e que demaís d'isso, elle achou muitissimo recomendada nos papeis do fallecido Vice-Rei D. Garcia de Noronha, por repetidas communicações e cartas de El-Rei de Portugal, e que vinha a ser o fazer uma viagem ao Mar Vermelho, com o fim de queimar, se lhe fosse possivel, as Náos dos Turcos, que andavão por aquellas paragens, especialmente as Galés que se ach vão surtas no porto de Suez.

Para semelhantes intentos começou por preparar e equipar completamente uma grossa armada; e depois de a ter já prompta, apparentando um dia que queria hir dar uma vista d'olhos á fortaleza de Diu, sahiu da barra de Gôa, dobrou em seguida para o seio da Arabia, e chegando perto do Monte Sinaï, sahiu em terra ao pé d'elle, onde armou alguns Cavalleiros, segundo o costume e grandeza de todos os Governadores d'aquelle Imperio. Foram dos principaes D. Alvaro de Castro, filho primogenito do grande D. João de Castro, e D. Luiz de Atayde, que depois veiu a ser por duas vezes Vice-Rei da India.

Governou durante o periodo de dous annos e um mez,

no fim dos quaes, depois de ter entregado o Governo Geral da India a Martim Affonso de Sousa, seu successor, se retirou para Pangim: embarcando na entrada do mez de Janeiro de 1542 em a Náo Burgaleza, e chegando a Portugal com mui prospera viagem, foi desembarcado por todos os grandes senhores, os quaes o levaram á presença d'El-Rei, que o recebeu com o melhor agrado possivel.

Já nos ultimos annos da sua vida lhe foi offerecido o Governo Geral da India, que elle não quiz acceitar. Serviu o cargo de Governador da Cidade de Lisboa; sendo sempre tido por um Fidalgo muitissimo liberal.

Nunca foi cazado: teve apenas um filho natural unico, chamado D. Vasco da Gama, o qual deixou por seu herdeiro, e que, depois da morte de seu pay D. Estevão da Gama, contrahio matrimonio com uma filha de Andre Telles, que era Mordomo mór do Infante D. Luiz.

Terminaremos esta noticia muito geral a respeito de D. Estevão da Gama, dizendo, que este honrado heróe Portuguez, jaz enterrado na Vidigueira em um Convento de Carmelitas que existe, com o titulo de Nossa Senhora das Reliquias: onde tem uma capella dotada, e um letreiro sobre a sepultura que diz: = *O que armou Cavalleiros no Monte Sinai, veiu acabar aqui.* = Este epitafio, que se escreveu sobre a sepultura de D. Estevão da Gama, alludia a ter elle na sua viagem por todo o Golfo Arabico, saltado em terra proximo do Monte Sinai, e armado alli varios Cavalleiros.

FIM DO IV. VOLUME.

OS PORTUGUEZES

EM

AFRICA, ASIA, AMERICA E OCCEANIA.

Indeleveis testemunhos de gratidão são devidos pela Empreza que publica a obra intitulada — **OS PORTUGUEZES EM AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA** — aos Srs. Agentes pela sua dedicação em coadjuvar a nossa Empreza. Seria na verdade faltar a um dever imperioso, se deixassemos de agradecer o assiduo empenho que os nossos Amigos (cujos nomes adiante publicamos) teem empregado em obter uma subscripção que excedeo todas as nossas esperanças, offerecendo salientes provas, que respeitam sua decedida protecção pelas letras, e prestando-se de bom grado aos encommodos que sempre ha em negocios desta natureza. Dos mesmos sentimentos nos achamos animados para com 1,820 Srs. Assignantes, que actualmente contamos em Lisboa, e nas Provincias, os quaes coadjuvaram com suas assignaturas, a prosperidade d'uma publicação litteraria que dá honra e gloria ao paiz que nos vio nascer. Eguaes agradecimentos são devidos aos Srs. Agentes, e 164 srs. Assignantes que temos nas Ilhas dos Açores, e Madeira: o renome e gloria na cultura das Sciencias, e das Bellas-Letras bem deixam vêr os seus numerosos amadores; pelo que tambem lá vôam atravez do vasto Atlantico sinceros tributos da nossa gratidão.

OS EDITORES.

LISTA

DOS

ILLUSTRISSIMOS SENHORES

AGENTES DESTA EMPREZA.

Minho.

BASTO — Antonio Joaquim Gonçalves.
BRAGA — José Antonio Pereira Mattos do Valle.
ESPOSENDE — José Velloso Miranda Ferreira de Mattos.
GUIMARÃES — Miguel Fernandes da Silva Villela.
MESÃO FRIO — Manoel Leite Pinheiro.
MONDIM DE BASTO — Francisco José Teixeira Moreira.
PENAFIEL — Joaquim Antonio Vieira de Meirelles.
PONTE DA BARCA — Antonio José Soares de Azevedo.
PORTO — José Joaquim de Araujo Guimarães, rua do Calvario n.º 19. — José Gonçalves da Silva Guimarães; aos Caldeireiros n.º 9 e 10.
S. THIRSO — Francisco José Pinheiro.
VIANNA DO CASTELLO — João Pereira da Rocha Pariz.
VILLA DO CONDE — João Antonio de Sousa.

Tras-os-Montes.

BRAGANÇA — Francisco José Affonço.
CARRASEDA D'ANCIANS — Miguel dos Santos Salgado.
MIRANDELLA — Francisco José d'Oliveira.
MONCORVO — Lourenço Antonio Carneiro de Vasconcellos.

MONTEALEGRE — Francisco Antonio Duarte.
PEZO DA REGOA — Francisco José de Freitas Villar.
VILLA REAL — Christovão de Mattos Teixeira Pinto.
VINHÁES — João Baptista Doutel.

Beira.

ALMEIDA — Antonio José Rodrigues.
CEA — José de Almeida e Mello.
COIMBRA — Alexandre da Fonseca e Silva.
COVILHÃ — Profirio José Nogueira.
GOUVEIA — Miguel Pinto Ferreira Marvão.
GUARDA — Manoel Lourenço da Paixão.
LÁMEGO — Luiz Antonio da Silva Meira.
LAPA — Albino Antonio da Silva.
MANGUALDE — Joaquim d'Albuquerque Couto e Castro.
OLIVEIRA D'AZEMEIS — Luiz Pinto Barreto Feio.
TONDÉLA — Antonio da Costa Chaves e Figueiredo.
TRANCOZO — Antonio José Tavares de Andrade.
VISEU — Ex.mo sr. Emygdio Augusto da Costa Cabral.

Estremadura.

ABRANTES — Bento Maria Segurado.
ALCACER DO SAL — Antonio Pedro Cardozo Morte Certa.
ALCOBAÇA — José de Souza Leão.
ALEMQUER — Sebastião Pompeo Soares da Silva.
ALVAIÁSERE — João José Maria de Moraes.
CALDAS DA RAINHA — Antonio Rodrigues Deniz.
CASCAES — Silverio José Pimenta.
CINTRA — Custodio Lopes Vieira.
LEIRIA — Adrião Camolino França.
NASARETH — José Antonio Ferreira de Abreu.
OEIRAS — Joaquim Nunes de Mattos.
PENICHE — João Pereira.
POMBAL — Manoel José Mendes.
SANTARÉM — Antonio Hygino dos Santos.
ÇERTÃA — Antonio Nunes da Matta.
SOURE — Manoel Baptista Gonçalves.

THOMAR — Joaquim Rogero da Costa.
TORRES NOVAS — João Cesar Barreto Meirelles de Sampaio.
TORRES VEDRAS — José Maria da Silva.

Alemtejo.

ALTER DO CHÃO — José Vicente Carvalho Cardeira.
BÉJA — José Telles Tinoco de Menezes.
CUBA — Antonio da Palma.
ELVAS — José Nicolau de Souza.
EVORA — José Antonio Bernardes.
MERTOLA — Manoel Francisco Vargas.
MONTE MOR O NOVO — Antonio Justino da Costa.
MOURA — Joaquim José de Almeida.
ODEMIRA — Joaquim Antonio Coelho.
SERPA — Bernardino Telles Almeida.
VIDIGUEIRA — Antonio Maria da Fonseca.

Algarve.

ALBUFEIRA — José Francisco da Silva Leote.
FARO — João Velloso Pessanha Cabral.
LAGOS — José Bento d'Andrade.
LOULÉ — Joaquim José da Silva Barata.
OLHÃO — João Ignacio Pereira.
TAVIRA — João de Almeida Paiva Pereira de Mello.
VILLA NOVA DE PORTIMÃO — Francisco de Assis Furtado Guerra.
VILLA REAL DE S. ANTONIO — Primo da Costa Guimarães.

Ilhas.

MADEIRA — Manoel Augusto de Santa Clara.
S. MIGUEL — Francisco Joaquim Pereira de Macedo. *Ponta Delgada*, na typografia do Açoriano. *Villa Franca do Campo*, em casa do sr. Andrade. *Villa da Ribeira Grande*, na Administração do Correio.
TERCEIRA — José Bernardo Lopes.